

Alessandra Greyce Gaia Pamplona

A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, como exigência para a obtenção do título de Mestre.
Orientador: Prof^a. Dr^a. Germana Maria Araújo Sales.

**Belém – Pará
Abr/ 2009**

Alessandra Greyce Gaia Pamplona

A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Germana Maria Araújo Sales (orientadora)

Prof^o Dr^o. José Luís Jobim de Salles Fonseca (avaliador)

Prof^a Dr^a Valéria Augusti (avaliadora)

Prof. Dr^a Socorro Pacífico Barbosa (suplente)

**Belém – Pará
Abr/ 2009**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Pamplona, Alessandra Greyce Gaia

A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884). /
Alessandra Greyce Gaia Pamplona; orientadora, Germana Maria
Araújo Sales. ---- 2009.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto
de Letras e comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras,
Belém, 2009.

1. Veríssimo, José, 1857-1916 - Crítica e interpretação. 2.
Literatura brasileira - História e crítica. 3. Cultura. I. Título.

CDD-20.ed.869.9092

À minha sempre estimada e amada mãe.

Agradecimentos

A Deus que põe em meu caminho pessoas sábias:

Germana Maria Araújo Sales pelo compromisso com meu desenvolvimento como pesquisadora

Izenete Garcia Nobre pelo companheirismo incondicional

Valéria Augusti pela avaliação compromissada e séria desta pesquisa

Mirian Crestian Cunha pela sensibilidade que teve ao me receber no Mestrado em Letras

Tatiana S. C. L. de Macedo pela paciência e sensibilidade

Socorro Pacífico Barbosa pela avaliação compromissada do jornal e da Literatura

Marli Teresa Furtado pela gestão séria do Curso de Mestrado em Letras da UFPA

Rebeca Miranda, Gleyce Santos e Crsitiane Sarges pela amizade de longos anos

Shirley Medeiros, Alan Flor, Tayana e Kely pelo carinho que sempre é dado a mim

Edimara Santos e Ândria pelo auxílio no primeiro momento desta pesquisa

Ivete Botelho e Luiz Antonio de Souza, bibliotecários prestativos e indispensáveis a quaisquer pesquisas

Helena e José, meus pais, pela credibilidade em meu trabalho

Vanessa e Sandro pelo amor de irmãos

A CAPES pela bolsa de estudos

Ao Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará

All the communications should be addressed.

O Novo Mundo, 1879.

Resumo

Esta dissertação intitulada **A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)** tem como objetivo discutir a posição social, política e cultural do escritor José Veríssimo por meio de sua produção periódica realizada entre os anos de 1877 a 1884, em Belém do Pará. Para tanto, concorrem quatro capítulos, cujo estudo, por estar centrado em seus textos publicados em periódicos distintos, demonstra a evolução teórico-temática do escritor em relação ao trato das questões nacionais. De que maneira a imprensa de meados do século XIX concorreu para as transformações em seu modo de encarar a cultura brasileira é o principal propósito a ser perscrutado.

Palavras-chave: José Veríssimo, imprensa periódica paraense, século XIX.

Abstract

This dissertation entitled **A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)** aims at discussing the social, political and cultural life of the writer José Veríssimo through his production between the years 1877 to 1884, in Belém do Pará. To support this objective, four chapters are contributed which focus on in his texts published in magazines and newspapers that show the theoretical and thematic evolution of the writer in his treatment of national issues. The main purpose of this dissertation is to show the importance of the press in the middle of the nineteenth century for the changes in his representation of Brazilian culture at that time.

Key-words: José Veríssimo, paraense periodical press, nineteenth century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: APONTAMENTOS HISTÓRICOS: A GERAÇÃO DE 70, A IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO INTELCTUAL DE UM ESCRITOR	07
1.1. As idéias novas de um <i>movimento subterrâneo</i>	07
1.2. O contexto histórico na formação crítica de um intelectual.....	15
CAPITULO II: ENTRE O <i>HINTERLAND</i> E A CAPITAL DO PARÁ: ALGUMAS POLÊMICAS NA IMPRENSA	22
2. 1. As primeiras páginas de um escritor de periódicos.....	22
2.2. “Do Pará a Óbidos” até “O Serão”	27
2.2.1. “Do Pará a Óbidos”.....	31
2.2.2. “O Serão”.....	35
2.2.3. Um Olhar de viajante.....	39
2.2.4. “Visita a Monte Alegre”.....	42
2.3. As “Crônicas Teatrais” - um retorno à cidade.....	46
2.4. “O Cântico dos Cânticos”.....	55
2.5. A poesia popular no Brasil.....	62
CAPITULO III: ENTRE A EUROPA E O BRASIL: AS CIÊNCIAS MODERNAS NO BOLSO	69
3.1. Uma <i>Gazeta de Notícias</i> internacional.....	69
3.2. <i>Diário do Gram-Pará</i>	87
3.2.1. “Gonçalves Crespo”.....	89
3.2. 2. “Carlos Gomes”.....	94
3.2.3. “Nas Malocas”.....	99
CAPITULO IV: <i>REVISTA AMAZÔNICA</i>	103
4.1. Modelo de periódico.....	103
4.2 José Veríssimo na <i>Revista Amazônica</i>	115
CONCLUSÃO	124
BIBLIOGRAFIA	126
ANEXOS EM MÍDIA DIGITAL	

INTRODUÇÃO - uma notícia de jornal e uma conversa às avessas

Foram vários os momentos que atravessaram o início destas páginas. Detenho-me a explicá-las porque assim compartilharei dúvidas e questionamentos com meus leitores e, talvez, contribuirei para um dos temas ainda muito discutidos pela História da Leitura: a formação intelectual de um escritor.

Sem me tornar prolixa, contarei o suficiente sobre meu envolvimento com este projeto de pesquisa que teve seu início marcado por muitas dúvidas teóricas e metodológicas, a começar pela minha experiência de estudante no curso de Letras pela Universidade Federal do Pará, especificadamente, na disciplina Literatura Brasileira II, no ano de 2005.

Estando no terceiro ano de curso, estabeleci contato com alguns teóricos que discutem a formação de nossa literatura: Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés, Flávio Kothe e José Veríssimo. Todos de formação diversa me auxiliaram a compreender o fenômeno de construção da “identidade nacional”, ainda hoje, tão debatida.

Foi, todavia, o trabalho de um deles que mais me chamou atenção, não apenas por ser, para mim, desconhecido, um anônimo homem oitocentista, mas por ter sido importante crítico e historiador da literatura brasileira ao oitocentos. Fui à Internet, pesquisei sua biografia e, na Biblioteca Central, encontrei a sua obra *História da Literatura Brasileira*, publicada em 1916, ainda empoeirada pelo esquecimento do tempo.

Ao ler as primeiras páginas daquele livro, notei que seu autor era um senhor voraz pelo estudo e pela pesquisa das fontes literárias nacionais.

Não pensem que, no início de meu curso, não fui tentada a escrever sobre Machado de Assis, José de Alencar, Gregório de Matos e outros autores canônicos. Porém, foi em José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916), ou apenas, José Veríssimo, que comecei a perceber que esclareceria os meus problemas de método, os quais, confesso, me questioneei deveras somente em 2007, quando fiz a opção de desenvolver um projeto de pesquisa para o mestrado em Letras da UFPA, tendo por tema a produção intelectual de José Veríssimo em Belém do Pará.

Até esse momento, só compreendia Veríssimo como crítico literário. O jornalista, o educador, o articulista de discursos intelectuais e sociais de revistas e

de jornais, apenas conheci quando, em 2006, iniciei meu trabalho de conclusão de curso, visitando, entre outros lugares, a Biblioteca Pública Artur Vianna e, sobretudo, as *Primeiras Páginas* (1878), que não sabia por que haviam sido impressas por uma “typographia” de Lisboa.

Dos caminhos indicados pela minha orientadora, Profa. Germana Sales, pude retirar o primeiro ranço que me acompanhava desde a graduação: o de ver o texto literário como objeto impenetrável pelas ações do tempo, do espaço e de sujeitos históricos.

Colhendo notícias em periódicos do XIX, em livros de história, em correspondências, em relatórios a respeito desse século e, sobretudo, lendo os textos de João Alexandre Barbosa, sem imprecisão, um “devorador” dos livros de Veríssimo, pude começar a perceber o José Veríssimo periodista. Articulei, então, meu Trabalho de Conclusão de Curso.

*As Primeiras Páginas de José Veríssimo*¹ foi, sem dúvida, um estudo que muito me acrescentou pessoalmente por demarcar uma fronteira entre o conhecido e o desconhecido de José Veríssimo e, ainda, o não desvendado por mim, em quatro anos, como acadêmica da UFPA: a pesquisa.

Com a orientação nos bolsos, cabia, ao menos naquele momento, somente a mim a tarefa de descobrir, em todos os sentidos, o que fazer com apenas um lápis na mão e uma leitura rarefeita no colo.

No CENTUR, fotografei o *Primeiras Páginas* de José Veríssimo por ser a primeira publicação desse escritor, como resultado dos artigos que haviam sido publicados na imprensa belenense. Não sabia ao certo por que o tinha feito, só cria, com posterior análise, que esse livro marcou sua posição intelectual no cenário paraense, pois sintetiza, de maneira cabal, como ele concebia o seu entorno, propondo, por exemplo, a inserção da cultura local no quadro das produções nacionais.

Contudo, apesar de três capítulos percorridos sobre esta obra, deveras não conhecia um terço do que Veríssimo realmente havia sido para os estudos literários do século XIX brasileiro.

Esse aspecto e as muitas vezes que não cataloguei uma notícia de jornal por achá-la desnecessária foram lacunas extremamente relevantes para que eu

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal do Pará, em 2006.

compusesse um quadro de minha real situação: continuava ou não os estudos. A pesquisa, indubitavelmente, “obrigou-me” a prestar contas comigo mesma e, nesse sentido, que sou grata a José Veríssimo porque sem seus textos não estaria com dúvidas.

Dúvidas são o primeiro passo para os métodos e para as teorias. Com este tópico, inicio a minha resposta sobre a segunda parte dessa introdução, “uma conversa às avessas”, que atinge a minha pesquisa de maneira imediata e a mim às avessas.

Apesar de algumas lacunas, como falei anteriormente, desde a pesquisa no CENTUR, achava inquestionável o que tinha estudado e concluído sobre as obras de Veríssimo. Em um dado momento, meus olhos, realmente, ficaram estreitos e o olhar do outro pouco me afetava, até que, num dia de março de 2007, uma amiga de estudo e de pesquisa, questionou-me abruptamente e, a meu ver, em um tom muito incisivo, o seguinte: “O Sr. José Veríssimo não escrevia para e sobre a sua Província do Pará”. Fiquei ainda mais surpresa quando concluiu: “Belém, para José Veríssimo, foi, apenas, um laboratório de pesquisa e nada mais.”

Confesso que aquele dia foi o mais feliz de minha pesquisa. Somente por um motivo, tão fundamental quanto a nossa breve estada por aqui, vasculhei um labirinto que, por mim, já havia sido deveras repudiado, mas que, ainda assim, tapava algumas das pequenas frestas que nos fazem respirar “a essência daquela gota de orvalho que a própria flor olvidou”: segurança - seus excessos – dá-se aos tolos.

Com o objetivo de escapar de vez dessa “causa secreta”, procurei o que mais define uma pessoa: o seu discurso – o pronunciamento que faz de seu objeto quando está em contato com outras vozes.

É nesse sentido que todo texto tem um propósito. Quando os movimentos sociais estão a todo vapor, todos fazemos nossos próprios textos a partir, sobretudo, da posição do outro na sociedade. Desse modo, como há disposições políticas que nos chamam mais atenção, talvez, por corresponder aos nossos ideais de política, assim são as enunciações de homens que provocam seu tempo e espaço em prol da argüição de sua própria cultura. É nesse sentido entendido um texto particular - ou uma história particular - como a história do outro, das diferenças, por serem essas fundamentais para a constituição ideológica do mesmo. O que mais intriga entre a margem do particular e a margem do social não são, todavia, as escolhas de

que posição tomar, mas a articulação delas oriunda.

Articular-se em sociedade é a grande questão de qualquer texto. Desde os grandes filósofos da história, vimos essa preocupação se tornar central. Contudo, o que eles sempre buscavam era uma maneira de conduzir os seus textos particulares de tal forma que não fossem excluídos do conjunto e, desse modo, não perdessem a responsabilidade consigo mesmos. Respondemos, antes de mais delongas, o porquê falar de textos.

Primeiro: o texto é “atualizável”, isto é, representa um dado espaço no tempo, sendo possível relê-lo sempre e reconstruir os caminhos que foram percorridos para se estabelecer como tal.

Segundo: para se tornar concreto, surgiu de uma inquietação. Algo preocupava autores e leitores de uma época para permitir que ele fosse escrito e lido, ou seja, ele passou por um (re) conhecimento social, sem o qual não poderia estar vivo.

Terceiro: por estar conforme as considerações anteriores, o texto inquieta a posição do leitor - “escritor latente”², ou seja, há uma necessidade atual que o faz vir à tona, ser lido e reescrito novamente.

Quarto: O texto, enfim, por si só já é uma afronta.

Os porquês pelos quais procuraremos entender Veríssimo, como produtor desses textos, norteiam esta dissertação, que se encontra estabelecida em quatro capítulos.

O primeiro, intitulado **Apontamentos históricos: a imprensa e a construção intelectual de um escritor** refere-se à discussão do contexto histórico da imprensa paraense, a partir dos estudos de Vicente Salles sobre o papel do negro nesta sociedade, considerando a mestiçagem racial dentro do conjunto de idéias veiculadas pela imprensa e pelos viajantes. Uma justificativa plausível, portanto, para entender muito dos primeiros pronunciamentos de Veríssimo em folhetins do jornal *O Liberal do Pará*, ainda na década de 70, uma vez que sua pesquisa, nessa época, baseou-se no cruzamento das raças como novo horizonte para se discutir nacionalidade.

Outro fator relevante para a feição desses apontamentos históricos são as primeiras instituições as quais José Veríssimo esteve vinculado, seja como

² Conferir: BARTHES, Roland. **O prazer do texto** (Tradução de J. Guinsburg). São Paulo. Editora Perspectiva: 1987.

funcionário público, seja como redator. Ambos os espaços constituíram a primeira oportunidade do escritor em compartilhar os estudos que havia apreendido na leitura de viajantes como Agassiz, Hartt, Bates, cientistas brasileiros, como Ferreira Pena, Couto de Magalhães e homens influentes na política local, como Tito Franco de Almeida.

Nessa perspectiva, a fim de compreender como a questão da economia, da imigração e das relações sociais viriam interferir em toda a sociedade e, conseqüentemente, na obra de Veríssimo, recorreu-se, primeiramente, à documentação que descreve a composição socioeconômica daquela sociedade: os relatórios provinciais. Como testemunho documental do período, mais do que isso, como narrativa do processo de expansão da colonização, tais relatórios evidenciaram ações políticas conjugadas entre os presidentes das províncias e o governo imperial.

Sob esse aspecto, devem ser vistos não apenas como instrumento de legitimação da voz do imperador nessas localidades, mas como fontes capitais para perceber o movimento homogêneo que se queria produzir em relação à nação no que diz respeito, principalmente, ao aceleração da expansão do império.

O segundo capítulo, **Entre o *hinterland* e a capital do Pará: algumas polêmicas na imprensa**, apresenta os primeiros textos de Veríssimo saídos na coluna folhetim de 1877 a 1879 no supracitado periódico. A escolha do estudo desses textos na imprensa justifica-se por representarem as concepções do escritor frente às modificações próprias ao contexto da geração de 70. Alguns desses textos – boa parte definidos pelo próprio escritor como crônicas, propõem-se, tematicamente, heterogêneos, indo desde a “ficcionalização” de costumes colhidos por meio de viagens aos interiores, passando pela crítica à construção de centros de cultura na cidade, como o “Teatro da Paz”, em 1878, até polêmicas sustentadas contra jornais de ideologia católica na capital da província, como *A Boa Nova*.

O terceiro capítulo **Entre a Europa e o Brasil: as ciências modernas no bolso** discute a maneira como o escritor paraense utilizou as concepções positivistas para apresentar o lugar dos escritores na imprensa, principalmente, como renovadores de método de análise, levando em consideração, ainda, o órgão católico da província, *A Boa Nova*, acima referido. Trata-se de verificar quais as conseqüências desse discurso para a fomentação de novas temáticas, diferentes das do segundo capítulo por laurearem personagens da história literária e cultural,

como Gonçalves Crespo e Carlos Gomes, respectivamente, ao lado, de uma visão mais pragmática do indígena amazônico, diferente do que propunha a política assimilacionista da época.

O quarto capítulo, a **Revista Amazônica**, corresponde não somente, como o título indica, a consolidação material daquele projeto – seja pelos escritores que conseguiu reunir, seja pela organização temática que arregimentou sobre a Região Amazônica – mas também, por compor um perfil de Veríssimo mais amadurecido em suas crenças, tanto que esse é o momento de definição pela temática amazônica, cuja busca pelo desvendamento de sua origem provocou intensas polêmicas entre o escritor paraense e João Barbosa Rodrigues.

Esta dissertação compreende, portanto, a produção original de Veríssimo por situá-lo em um período anterior a sua consagração como crítico literário, momento em que a imprensa proporcionou-lhe a reunião de um vasto material sobre o que e como se formaria a nacionalidade brasileira. Situação caracterizada por uma diversidade de gêneros e de temáticas própria à escrita jornalística.

CAPÍTULO I

APONTAMENTOS HISTÓRICOS: A GERAÇÃO DE 70, A IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UM ESCRITOR

1.1. As idéias novas de um *movimento subterrâneo*

A história da geração de 70 do século XIX muito concorreu para a significação do que se costumaria denominar nacionalidade brasileira. Com um “bando de idéias novas”³ e homens que as compuseram, o Brasil tornou-se objeto de discussão e alvo de novas ideologias. Como esquecer, por exemplo, que um dos primeiros discursos defendidos por esses homens de letras foi justamente a missão de escritor para a formação da Literatura Brasileira? Essa imputação de uma missão formadora, tomada para si próprios, levou os intelectuais à busca de novas teorias para compreender o Brasil segundo uma nova ótica constituída de dois principais enfrentamentos: primeiro, a falência na esfera política de pressupostos das antigas instituições monárquicas; segundo, o desgaste teórico-metodológico, cujas bases se encontravam nos métodos românticos de conceber a sociedade.

Esses escritores, jornalistas, cientistas, intelectuais, cada um a sua maneira conforme suas concepções e interesses, divulgaram um “movimento subterrâneo”⁴, que se alastrou por todo o território nacional brasileiro. Um dos primeiros a divulgar esse “movimento” foi Sílvio Romero. Conforme o crítico literário e estudioso do folclore brasileiro, até 1868, “a nossa vida espiritual” estava presa aos preceitos das antigas instituições portuguesas. Veríssimo afirma que, entre esse ano e o de 1878, a “vida espiritual” do país começou a se revitalizar, porque tal “movimento subterrâneo” oriundo de idéias novas fez emergir problematizações próprias à cultura brasileira, quais fossem: a guerra do Paraguai, a Questão Religiosa, os novos valores atribuídos à política pelos partidos Liberal e Republicano. Tudo isso apontou que

Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais

³ ROMERO, Sílvio *apud* BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 164.

⁴ *Ibid.*, p. 165.

insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora.⁵

Outro escritor que compôs esse quadro de agitação ou contestação de idéias, como alguns convencionaram denominar, foi José Veríssimo, tanto que sua produção inicial (1878-1890) será vista, posteriormente, por João Alexandre Barbosa, como representativa das transformações oriundas dessa geração de 70.⁶

Veríssimo participa das mudanças na sociedade paraense como escritor de periódicos desde 1877. Em 1889, na obra *Estudos Brasileiros*, tomando como ponto de partida a mesma preocupação que induziu Sílvio Romero a escrever sobre o “movimento subterrâneo”, o escritor paraense também indagaria a respeito das causas de uma revolução “espiritual” ou “intelectual” experimentada pelos representantes, como autodefiniram aqueles escritores do progresso e da modernização do Brasil.

Em 1873 – se é possível assentar nos estreitos limites de um ano o início de um movimento da ordem daquele de que trato – em 1873, uma evolução salutar, e inesperada porque seria difícil encontrar-lhe antecedentes no país, dá-se na mentalidade brasileira. Procurando as causas geradoras deste fenômeno – que não podia deixar de as ter – acho-as todas em fatos estranhos por assim dizer à vida intelectual: a guerra do Paraguai, o movimento republicano de 1870, a guerra franco-prussiana e por fim a questão impropriamente chamada religiosa, que, em verdade, não passou de uma questão sem nenhum alcance filosófico, entre as sacristias e as lojas maçônicas.

Todos estes movimentos, despertando cada um por seu modo a consciência nacional, chamaram-na à realidade dos grandes interesses que se debatiam fora daqui no mundo moral e puseram-se em comunidade de sentimentos consigo mesmo.⁷

⁵ Ibidem, p. 65-66.

⁶ João Alexandre Barbosa é o primeiro estudioso a se dedicar à produção de José Veríssimo, enfatizando os dilemas pelos quais ele passou por se formar na geração de 70, ou melhor, na “geração contestante”, denominada assim pelo crítico porque “o conjunto de textos que escreveu [Veríssimo] e publicou entre 1878 e 1890 está montado sobre uma ordem de preocupações que, em seu conjunto, poderíamos chamar de contestação de esquemas de interpretação do país erigidos pela crítica romântica caudatária da influência portuguesa”. Conferir BARBOSA, João Alexandre. **A Tradição do Impasse. Linguagem Crítica e Crítica da Linguagem em José Veríssimo**. São Paulo: Ática, 1974, p. 94.

⁷ VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros**. 1ª. Série. Pará: Editores Tavares Cardoso e C.ª. Livraria Universal, 1889, p. 112-113.

Esses “fatos estranhos” corresponderiam aos fatores externos à vida intelectual e concorreriam para despertar “cada um por seu modo a consciência nacional”. Isso, de certa forma, impulsionaria os intelectuais brasileiros daquela época ao reconhecimento da sua identidade e, conseqüentemente, a afirmação de uma consciência nacional.

Dito de outra forma, essas concepções de Veríssimo convergiriam para situar a discussão da nacionalidade entre uma renovação teórico-metodológica proporcionada pelas novas ciências e pela “persistência” em temáticas de cunho romântico como sejam a Nação e o Povo.

De fato, ao se verificar os textos do escritor divulgados na coluna folhetim, evidencia-se a preocupação em vasculhar os labirintos “perdidos”, “romantizados” e “degenerados” da Região Amazônica, sob uma perspectiva científica, demonstrando, dessa forma, como a herança romântica dialogava com o cientificismo.

A consciência de seu presente histórico e cultural, todavia, não deve ser encarada como algo em que se possa “encaixar” o escritor, considerando a imprensa, em uma determinada postura literária e/ou científica, pois deve ser lembrado que o próprio movimento de renovação em sua base foi um todo confuso, porque exigiu do escritor certas adaptações num curto espaço de tempo.

Os elementos novos – Positivismo, Darwinismo, Naturalismo estavam na mesma arena de enunciação do romantismo, ou melhor, da “repulsa” desse movimento tido como antiquado, isto é, visto de maneira clara, quando em uma mesma obra, *Primeiras Páginas*⁸, encontram-se narrativas, denominada por ele de esboçtos, como “O Serão” ao lado de um estudo crítico sobre a nacionalidade brasileira, denominada “Estudos”, na qual o escritor apresenta uma espécie “de síntese da evolução literária no Brasil”. Em resumo,

[...] trata-se de uma síntese da evolução literária no Brasil até a data da realização do estudo, com ênfase no processo de formação e diferenciação de nossa literatura. Com este objetivo, o texto é dividido em duas partes. Na primeira, tecendo considerações acerca da Poesia, da Crítica, do Romance e do Teatro, o autor é levado a afirmar a escassa originalidade de nossa produção literária, explicando-a, sobretudo, pela inconsciência dos escritores brasileiros no que se refere à missão social das Letras⁹.

⁸ Primeiro livro de José Veríssimo editado em 1878 e que reúne boa parte de seus textos publicados na imprensa de 1877 a 1878.

⁹ Conferir BARBOSA, op. cit., p. 33.

Esse momento de movimentação teórico-temática de Veríssimo oriundo de discussões sobre a raça – cujo mestiçamento poderia ou não provocar uma evolução mental – pode ser expandido ao se considerar que, ao mesmo tempo em que se fazia o uso de pressupostos darwinistas, acrescia à análise das populações cruzadas o fator cultural e político que as constituía. Sob essa perspectiva, torna-se coerente utilizar os estudos de Lilia Moritz sobre a “geração social-darwinista”, que viria a ser, segundo a sua análise, um grande suporte para escritores brasileiros da década de 70:

De um lado, monogenistas como Quatrefage e Agassiz, satisfeitos com o suposto evolucionista da origem uma da humanidade, continuaram a hierarquizar raças e povos, em função de seus diferentes níveis mentais e morais. De outro lado, cientistas poligenistas, ao mesmo tempo que admitiam a existência de ancestrais comuns na pré-história, afirmavam que as espécies humanas tinham se separado havia muito tempo suficiente para configurarem heranças e aptidões diversas. **A novidade estava, dessa forma, não só no fato das duas interpretações assumirem o modelo evolucionista como em atribuírem ao conceito de raça uma conotação bastante original, que escapa da biologia para adentrar questões de cunho político e cultural.** [grifo meu]¹⁰

Conforme a autora, esse adentramento de questões políticas e culturais aos estudos sobre raça foram suficientes para evitar a exclusão do mestiço das produções brasileiras, principalmente porque sua aceitação contrariaria uma série de pressupostos teóricos advindos da Europa.¹¹

Em Veríssimo, isso repercute ao apresentar uma visão ampla de sociedade, criticada em seus vários segmentos, sob os mais diversos gêneros, conforme se verificará no segundo capítulo deste trabalho. Afinal, em plena década de 70, é praticamente inevitável não se discutir o cruzamento ou a sociabilização das raças provinda da escravidão do negro e da exploração da mão-de-obra indígena pela empresa gomífera. Nesse sentido, na obra *Primeiras Páginas*, esclarece que:

¹⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 55.

¹¹ Conferir mais detalhes em SCHWARCZ, op. cit., pp. 56-57.

Para se compreender perfeitamente o espirito de um povo é necessário estudar os diferentes elementos que o compõem. É sobre este criterio que assentamos o nosso modo de pensar de que é do estudo bem feito dos elementos ethnicos e históricos de que se compõe o Brasil, na comprehensão perfeita do nosso estado actual, de nossa indole, de nossas crenças, de nossos costumes e aspirações que poderá sair uma literatura que se possa chamar conscientemente brasileira, á qual ficará reservado o glorioso destino de fazer entrar este paiz, pela forte reação de que fallamos atraz, n' uma nova via de verdadeira civilisação e verdadeiro progresso.¹²

Oscilando entre a pesquisa etnográfica e a ficcionalização de costumes amazônicos, o escritor define o que deve constituir a literatura para alcançar a civilização e o progresso, apresentando um lugar para o povo americano. Elucida, ainda, que o florescimento dessa Literatura Nacional somente é possível pela definição do povo brasileiro em seus elementos étnicos conjugados às “crenças”, “costumes” e “aspirações”.

Essa tese é coerentemente defendida ao se cotejar os três capítulos da obra de 1878 e, ao notar que, a cada capítulo percorrido, o escritor adota uma postura diferente. Assim, se, no primeiro capítulo, se tem o cientista analista da Região Amazônica, coletando os costumes e as crenças perdidos; no segundo, há o escritor de ficção para reelaborar, em linguagem prosaica, o que era simples registro etnográfico no primeiro capítulo, e no terceiro, formaliza-se o crítico cultural disposto a edificar uma consciência crítica acerca da literatura brasileira.

Com o objetivo, portanto, de perscrutar o produto intelectual de Veríssimo, mais do que isso, de perceber que, ao longo de seus estudos, ocorrem mudanças significativas em sua maneira de conceber a Região Amazônica – ou melhor, a população que a compõe – como base para se discutir nacionalidade, esta pesquisa centra-se na descrição e na análise de seus textos saídos na imprensa periódica, em Belém, entre os anos de 1877 e 1884.

Antes de iniciá-lo, no entanto, faz-se coerente observar de que maneira o escritor é estudado pela sua fortuna crítica, especificamente, no período em que produziu no Pará.

Nesse momento, como é de praxe nos estudos, apresentar-se-á, de maneira breve, a fortuna crítica de José Veríssimo relativa ao período em que esteve

¹² VERÍSSIMO, 1878, p. 228.

na Província do Pará, de 1877 a 1890. Da mesma forma, observar em que medida ele foi enquadrado na chamada 'Geração de 70', considerando, sobremaneira, as proposições defendidas por João Alexandre Barbosa em *A Tradição do Impasse*¹³, publicada em 1974.

Para a feição de tal etapa, utilizar-se-ão, além do estudioso pernambucano, os trabalhos de Ignácio José Veríssimo, *José Veríssimo visto por dentro*, de 1966 e de Francisco Prisco¹⁴, *José Veríssimo. Sua vida e suas obras*, de 1937, pretendendo, desta maneira, visualizar três momentos distintos de recepção crítica do escritor paraense.

O trabalho de 1937 é considerado um dos primeiros estudos que sistematizaram a biografia e a produção intelectual de José Veríssimo desde o final da década de 1870 até 1916. De maneira geral, esse livro é dividido em função das atividades exercidas por Veríssimo durante esses anos. Assim, tem-se o José Veríssimo contista, pedagogo, crítico, íntimo, o que participou da *Revista Brasileira* e o que teve uma obra composta por opúsculos.

A referência sobre a produção do escritor paraense em Belém do Pará considera as relações que manteve com políticos e escritores como Tito Franco de Almeida, Domingos Olímpio e outros. Colaborou em quase todos os jornais da época, focalizando assuntos relacionados à literatura e à ciência.

Não obstante, propor uma avaliação do escritor paraense sob a delimitação de funções apresenta-a sob uma perspectiva elogiosa, considerando, quase que exclusivamente, a posição de destaque que Veríssimo teve naquela sociedade com a produção em livros.

Com exceção do *Primeiras Páginas*, de 1878, que, ao ver de Prisco, não tem “significação na obra de Veríssimo, mas só o mérito da prioridade”¹⁵, os folhetos e as cartas – produções esparsas do escritor pela imprensa periódica – são classificados como a “opera minor”, tanto que destina um capítulo exclusivo a elas.

Em resumo, Prisco parece partir de uma análise de um Veríssimo já consagrado nacionalmente, crítico literário preocupado com questões “propriamente” literárias. Por isso, ao se referir ao relacionamento desse escritor com assuntos políticos, sociais, religiosos ainda em Belém, afirma que o mesmo não se debruçou

¹³ BARBOSA. João Alexandre. **A Tradição do Impasse**. Linguagem da Crítica & Crítica da Linguagem em José Veríssimo. São Paulo: Ática, 1974.

¹⁴ PRISCO, Francisco. **José Veríssimo. Sua vida e suas obras**. Rio de Janeiro: Redeschi, 1937.

¹⁵ Ibid., p. 14.

sobre essas: “não colecionou em livro seus escritos, dados a mancheias às folhas do Pará. Só o fez relativamente à produção literária”.¹⁶

Em *José Veríssimo visto por dentro* (1966), de Ignácio José Veríssimo¹⁷, José Veríssimo é entendido sob três perspectivas: biográfica, crítico literário e escritor da *História da Literatura*, sendo as duas últimas referentes à própria produção realizada no Rio de Janeiro, enfatizando a sua atuação como estudioso das causas estritamente literárias.

Na parte biográfica, enfatiza-se sua vida particular como subsídio para seu trabalho como escritor. Por isso, Ignácio José Veríssimo afirma que a maior produção de Veríssimo seria voltada para a Amazônia, vista como uma região que, por fazer parte de sua personalidade, deveria ser estudada.

A *Revista Amazônica*, fundada em 1883, representaria essa espécie de ideal literário e pessoal, quase ufanista, uma vez que reuniu um significativo grupo de escritores, todos preocupados com a geografia, os costumes e a economia da vasta região. A explicação para isso seria, conforme o biógrafo, a “sensação do progresso vertiginoso dela”, o que traria interesse em “divulgar aquele novo paraíso”.¹⁸

Apesar de ambas as obras identificarem José Veríssimo como aquele escritor cultivador e valorizador das coisas amazônicas, elas evidenciam o lugar dos seus elaboradores a respeito do tema e não o lugar de Veríssimo. Talvez, por isso, a construção do escritor paraense, ainda no tempo em que vivia em Belém, parta do momento em que foi crítico literário, na corte brasileira.

Em consequência disso, podem-se depreender dois aspectos fundamentais para a realização desta pesquisa. O primeiro diz respeito à visualização da Região Amazônica como uma terra a ser descoberta e valorizada pela sua produção da borracha. De fato, ao se observar os textos de Veríssimo saídos em Belém, em boa parte, figura a região, embora, sob uma perspectiva não ufanista. O segundo refere-se à depreciação de alguns gêneros utilizados pelo escritor na imprensa que, considerados “opera minor”, não fariam parte das edições em livro. Algo a ser esclarecido ao se considerar a coletânea de textos que

¹⁶ Ibid., p. 28.

¹⁷ VERÍSSIMO, Ignácio José. **José Veríssimo visto por dentro**. Série Raimundo Monteiro. Vol. III. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

¹⁸ Ibid., p. 35.

compõem o *Primeiras Páginas*, de 1878, o *Cenas da Vida Amazônica*, de 1886 e o *Estudos Brasileiros* de 1889.

João Alexandre Barbosa, por outro lado, propõe uma tese considerando dois momentos na vida intelectual do escritor, essenciais, por assim dizer, para entender a evolução de seu pensamento: um anterior e outro posterior a 1901, ano em que Veríssimo colaborou definitivamente nos jornais cariocas.

À primeira fase, de 1878 a 1890, são destinados os capítulos II e III, centrados basicamente na discussão da “geração contestante” (“geração de 70”), que enquadra Veríssimo numa fase de não-definição metodológica, por isso usar de “esquemas ficcionais e etnográficos, ao lado de esboços de crítica histórica e literária”¹⁹ simultaneamente. Seria, por assim dizer, uma etapa marcada por uma dialética em que se desmerecem os métodos românticos, valorizando os realistas e os científicos, não abandonando aquele propósito ideológico de descoberta do povo e da nação.

Em síntese, é um estudo que avalia a linguagem de Veríssimo, considerando seu contexto de modificações culturais próprias à geração de 70. Nesse sentido, as obras que antes eram tidas como inferiores pelo outros estudiosos, são caracterizadas, por João Alexandre, de acordo com seu espaço de enunciação.

Por isso, tornar-se fundamental sua utilização como síntese para a compreensão do que Veríssimo entendia, naquele momento, ainda em Belém, por nacionalidade brasileira; quais temáticas, métodos e critérios seriam utilizados para tal fim.

1.2. O contexto histórico na formação crítica de um intelectual

Entender a maneira como a produção intelectual de um escritor oitocentista articula-se com as instituições às quais pertence é deveras instigante, porquanto remete a uma época em que ambas as categorias se achavam matizadas

¹⁹ BARBOSA, op. cit., p. 32.

por discussões de ordem política, econômica e cultural, ainda em processo de formação.

Esse fato torna-se evidente ao se observar a imprensa na década de 70, funcionando como veículo de formalização de uma imagem mais representativa de nação. Assim sendo, era preciso saber articular-se, nessa terra de Regime escravista e monárquico, a uma literatura romântica considerada ultrapassada ao florescimento de “novas” teorias e modelos das “tradicionais” e “modernas” nações européias. Adaptá-las para a história de um povo que se queria construída sob bases científicas foi, sem dúvida, uma tarefa árdua empreendida pelos novos intelectuais, como se autodenominaram por terem em mãos livros e manuais trazidos das universidades de França e dos centros brasileiros de referência nas áreas de direito ou de medicina.

Em poucas palavras, ao se definir o que seria esse momento para a cultura brasileira, denominar-se-ia, segundo o estudo de Ângela Alonso a respeito da geração de 1870, de um conjunto de “idéias em movimento”²⁰. Primeiro, porque identificar-se-ia a existência de enunciações que circundavam a produção de José Veríssimo sem, entretanto, restringi-la à reconstrução do pensamento social e literário como representativos de determinada posição teórica e/ ou temática.

Esse primeiro aspecto objetiva, justamente para não rotulá-lo de x ou y, inseri-lo no contexto de transformações históricas próprias à província do Pará a fim de entender como a formação desse escritor se fez, num momento de contestação, entendida como reflexão e não como embate de uma sociedade historicamente definida como monárquica. Perceber que, entre as várias vozes afloradas pelos movimentos abolicionista, republicano e liberal, houve a iniciação de Veríssimo na produção periodística que funcionava como veículo de divulgação intelectual e reflexo exato do movimento histórico-cultural experimentado pelo escritor, principalmente no que concerne à heterogeneidade temática.

Segundo, porque, ao se observar, sempre que possível, as instituições pelas quais Veríssimo passou, verificar-se-ia em que medida estavam acordadas com seus textos e o que isso significava para o entendimento de uma série de eventos circunscritos à publicação de uma obra e para sua aceitação no cenário de circulação.

²⁰ ALONSO, Ângela Maria. **Idéias em Movimento**: a geração de 70 na crise do Brasil-Império. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2000.

Baseando-se nesses dois pressupostos, procurou-se entender a sociedade paraense e a imprensa, especificamente, para melhor visualizar certas relações sociais, além de escolhas temáticas adotadas por Veríssimo a partir de 1877, como se poderá sopesar nos estudos históricos realizados por Vicente Salles sobre as relações entre a sociedade paraense e a escravidão.

Salles, ponderando sobre a exploração da mão-de-obra negra no Pará, proporciona amplo estudo sobre as diversas categorias do saber decorrentes de sua relação com outros agentes sociais branco e indígena. Maior exemplo disso foi a formação do “Corpo de trabalhadores”²¹, associação em prol da abolição da escravatura que, reunindo negros e mestiços oriundos da cabanagem, provocou diversas manifestações na imprensa do Pará.

Nesse sentido, em *O Negro na formação na sociedade paraense*²² e em *O Negro do Pará*²³, há a identificação de certas categorias sociais oriundas de uma sociedade em transição política como, por exemplo, a atuação da imprensa brasileira no confuso processo de estabelecimento da nova ordem nacional, como foi a do Império à da República e, de maneira específica, em discussões sobre as nuances do movimento de afirmação da raça negra na sociedade paraense do século XIX. Ressalta-se, sobretudo, a importância do papel social, cultural e político de escravos e negros livres na construção de uma Amazônia mestiça, na raça e na cultura, e não tão distante dos acontecimentos do resto do mundo, pois, na Amazônia do XIX, fica difícil estabelecer fronteiras geográficas e por que não dizer culturais.

Salles afirma que muito das idéias novas que ali foram reelaboradas deveu-se à ação de viajantes europeus, alguns deles em exílio, que traziam consigo não apenas costumes novos, mas atitudes políticas diferentes. Coadunou-se a isso, a preocupação do governo brasileiro em escamotear a escravidão frente aos países

²¹ A criação do “Corpo de Trabalhadores” pelo governo de Francisco José de Sousa Soares Andréa (1835 a 1839), foi, sem dúvida, um instrumento eficaz para a “sustentação do regime [monárquico] e enfraquecimento do ímpeto rebelde da população marginalizada”. Segundo o historiador Vicente Salles, a lei nº 2, de 25 de abril de 1838, “esse instrumento político, muito hábil, visou desarticular os cabanos, atraindo aqueles que vagavam sem profissão definida, destinando-os ao ‘serviço da lavoura, do comércio, e de obras públicas’ – e que seria composto de ‘índios, mestiços e pretos, que não fossem escravos e não tivessem propriedades, ou estabelecimentos a que se aplicassem constantemente”. Conferir SALLES, Vicente. **O Negro na formação na sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

²² *Ibid.*

²³ SALLES, Vicente. **O Negro do Pará**. Sob o regime da escravidão. 3ª ed. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

européus ávidos pelos ideais da Revolução Francesa. Está armado o palco no qual o “povo brasileiro” será marginalizado. Por essa razão, profissionais liberais, caixeiros, comerciantes, jornalistas, talvez, apenas nesse momento, fossem todos considerados iguais perante as leis do Império. Cada classe que se alistasse a grupos maiores passaria a facções partidárias, garantindo certa visibilidade no meio social.

Assim, para melhor entender como esse processo histórico repercutiria nos trabalhos de José Veríssimo a partir da década de 70, é primordial esboçar alguns acontecimentos de décadas anteriores, uma vez que, pela sua apresentação, se esclarece, em parte, a origem de um Veríssimo questionador ferrenho de algumas tradições herdadas dos portugueses instalados no Pará e estudioso das populações mestiças da Região.

O “*boom* da borracha”²⁴, iniciado em 1840, aumentou o fluxo de nordestinos e o interesse dos grandes proprietários de terra pela até então não explorada Amazônia. São companhias de navegação a vapor, de teatro, de escritores-viajantes, de imigrantes, de excursões financiadas pelo Imperador, de mão-de-obra barata eleita para “Corpo de Trabalhadores” que comporiam esse cenário não mais virgem, voltado para si a ambição internacional.

Esse panorama, rapidamente, modificou as relações pessoais e trabalhista, tanto que já no início da década de 60, requereram-se especializações e formação de associações, boa parte emancipadoras.

Desde o começo da década de 1860, notava-se o fluxo de imigrantes europeus para Belém, atraídos pelo *boom* da borracha. A ‘indústria’ que aqui se desenvolve é basicamente estimulada por mestres europeus, de diferentes origens, principalmente alemães, franceses, italianos, espanhóis; norte-americanos e ingleses ocupavam-se da administração do capital aplicado à exportação da borracha; mascates árabes e judeus exploravam o pequeno comércio do regatão, subindo todos os rios, chegando aos mais distantes rincões; portugueses dedicavam-se ao comércio a retalho nas principais cidades do vale.

Com os imigrantes, e com os paraenses educados na Europa, vêm idéias mutualistas como iniciativa eminentemente popular, associando trabalhadores [...] ²⁵

²⁴ Ibid., p.56.

²⁵ Ibid., p. 58.

Nessa agitação de idéias e de pessoas, o que exatamente ocorria em Belém, era a distinção das classes ditas inferiores. O trabalho nos seringais exigia a força do negro e o conhecimento do índio para se trabalhar com a terra. Essa marginalização levou muitas tribos indígenas à destruição e, por conseqüência, ao relacionamento desse povo com o negro e com o branco.²⁶

Nas reflexões sobre essas situações de desconforto enfrentadas pelos povos da Amazônia, há longo tempo que se pode verificar como esses enfrentamentos sociais foram importantes para o posicionamento crítico de José Veríssimo, uma vez que, em sua produção intelectual, tanto em livros quanto em jornais, eles figuraram como assunto para discussão, conforme se verifica em “História do Pará”:

Os colonos, diz o Sr. Lúcio de Azevedo, por industria única, exploraram o trabalho do aborígine. Faltando este tudo parecia à mingua'. Ora o aborígine perseguido, maltratado, refugiava-se, internando-se pelos ínvios sertões, furtando-se às tropas de resgates e aos descimentos, e morriam em proporções espantosas do mal da catequese, de maus tratos, ou vitimados aos milhares pelas epidemias freqüentes de bexigas e sarampos, que a eles principalmente atacavam.²⁷

Esse texto, publicado em *Estudos Brasileiros* (1894), apesar de enfatizar a posição marginalizada do indígena devido à instalação da Companhia do Comércio do Grão-Pará e a conseqüente exploração feita pelo colono, tem seu foco crítico na catequese indígena, demonstrando que, antes mesmo do primeiro ciclo da borracha, os povos amazônidas já padeciam por causa da influência do Branco.

O mestiçamento da população provocara profundas cicatrizes na História Cultural daquela sociedade. O índio e o negro, agora sem distinção de cor, passaram a compor um importante quadro da Amazônia. Modificados em seus hábitos mais tradicionais, adaptaram-se ao valor do outro, esquivaram-se muitas vezes, perderam aqui e ali certas peculiaridades, mas, eminentemente, compuseram novas formas de integração social “[...] como o caboclo identificou na luta armada um meio de reflexão, da mesma forma como, por outro lado e vez, o negro

²⁶ VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros**. 2ª série (1889-1893) Rio de Janeiro; São Paulo: LAEMMERT e C., Editores, 1894, p. 260-261.

²⁷ Ibid.

identificou a idéia de liberdade e da igualdade entre as raças através da integração nessa luta [Cabanagem]”²⁸

Escritores de todas as nacionalidades que por aqui passavam registraram aquele tipo diferente²⁹. Classificavam à maneira romântica e/ou naturalista, criando farto repertório etnográfico, antropológico e geográfico. Revelaram, de fato, aquela Região para o mundo estrangeiro e, talvez, para os próprios habitantes, tratados, aqui, como sujeitos estrangeiros.³⁰

O trabalho do naturalista Henry Bates³¹ foi um dos primeiros a retratar a hierarquia social, como consequência do cruzamento racial. Conforme sua descrição, logo que chegou à Belém, observou a variedade de costumes e a exótica “vida multicolor” da cidade. Salles se referindo a Bates:

A paisagem urbana e as pessoas se misturaram nessas impressões [de Bates]. Nas poucas ruas perto do porto, entre edifícios altos, tristonhos, com aspecto de convento, perambulavam soldados indolentes, metidos em velhas fardas e levando descuidadamente ao ombro os mosquetões, padres ociosos, negros carregando à cabeça talhas de barro vermelho, índias de aspecto tristonho, com os filhos nus escachados nos quadris, e várias outras amostras da vida multicolor do lugar.³²

Após Bates, outros viajantes que chegavam também descreveram essa esfera multicolor e multicultural existente em Belém. A partir de 1870, vários espaços nos jornais foram reservados para promover a circulação de caricaturas, de charadas, de poesias, de anúncios, de vendas e de sátiras para se referirem à situação da escravidão e a seu reflexo no contexto social. A vasta matéria humana, mesmo com propaganda de emancipação, continuou, em 1888, sendo vendida:

Beneficiados [os escravos] pela Lei do Ventre Livre, contavam-se, até o fim do ano de 1887, em toda a Província, 11.273 filhos livres de mulher escrava, os quais somados aos beneficiados pela Lei dos Sexagenários e com o total de pretos libertados pela Lei Áurea, mostra, à saciedade, que a liberdade particular, o trabalho das ligas emancipadoras, a ação governamental distribuindo cartas de liberdade mediante as quotas do fundo de emancipação e outras medidas tendentes a suprimir o regime servil, não tiveram no Pará,

²⁸ Ibid., p. 297.

²⁹ Os escritores viajantes mais referenciados são: AGASSIZ, Louis.(1807-1873), com a obra *Viagem ao Brasil* (1865-1866); HARTT, Charles (1840-1878); SPIX, Johann Baptist von (1781-1826) e outros.

³⁰ Conferir SÜSSEKIND, op. cit., especialmente o capítulo “Sujeito, estrangeiro”.

³¹ BATES, Henry Walter. *Apud* SALLES, 2004.

³² Ibid., p. 184.

outro efeito senão o propagandístico. O caráter emocional da propaganda da abolição, por si mesmo, nada produziu, ou o que produziu nada significou para a magnitude do problema.

Efetivamente, os senhores de escravos não relaxaram o zelo e o apego à propriedade privada que ele representava e que era defendido como direito divino.³³

Uma primeira conclusão já pode ser retirada de toda essa atmosfera: a freqüência “multicolor”, descrita por Salles, e observada por Bates, não se fez apenas na mistura das três raças, mas foi reflexo de um campo cultural, social e político também heterogêneo, sobretudo, definidor de uma tradição escrita sobre o Estado Nacional Brasileiro. Nessa formação, terá papel relevante o discurso dos escritores, uma vez que boa parte encarou a difícil tarefa de definição do tipo brasileiro original a partir das teorias científicas oriundas da Europa. Eram francesas, inglesas, alemãs que, agora, deveriam se adaptar ao novo solo sob os auspícios de um cenário político entremeado de modos monarquistas e republicanos de viver, ainda tendo o mestiço como elemento diferenciador.

De modo resumido, esse é o campo de enunciação que encontra Veríssimo em 1877, quando inicia sua produção em folhetim em um jornal representante do Partido Liberal em Belém, cujas colunas, apesar de demonstrarem a preocupação dos redatores com o processo de votação, provocando forte crítica dos correligionários desse partido contra o tal poder moderador, traziam folhetins de assuntos críticos, ensaios e romances-folhetins de escritores brasileiros e estrangeiros.

Dentre as críticas ou ensaios, os trabalhos de Veríssimo a respeito da tradição amazônica, de maneira geral, foram bem recebidos, sendo publicados, em sua maioria, aos domingos, ao lado de romances de Pedro Ivo, Eugenio de Mirecourt e ensaios de Lúcio de Mendonça, P.A. de Miranda, para citar alguns.

Concluída esta alongada, embora necessária, nota sobre o contexto cultural em que se insere o escritor de *Homens e Coisas Estrangeiras*, cabe os seguintes questionamentos: no contexto de renovação teórica experimentado pelo escritor, como se materializava, de fato, seu entendimento sobre a organização da

³³ SALLES, 2005, p. 338-339.

sociedade brasileira ao lado de sua “identidade de homens de letras”³⁴? E de que maneira a imprensa proporcionou essa instituição?

³⁴ A este respeito afirma Alessandra El Far sobre da instalação da Academia Brasileira de Letras: “Se de um lado esses intelectuais procuraram, cada um a sua maneira, retratar o Brasil publicando suas análises sobre os mais diversos assuntos relacionados ao país, dentro dela as atenções se voltavam para a estrutura desses discursos, ou seja, para a formulação de regras sobre o uso da linguagem”. Conferir EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade**: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 69.

CAPÍTULO II

ENTRE O HINTERLAND E A CAPITAL DO PARÁ: ALGUMAS POLÊMICAS NA IMPRENSA

2. 1. As primeiras páginas de um escritor de periódicos

Nunca, leitor, saíste de teu berço natal ainda criança e foste levado muito longe, por qualquer motivo?
 Nunca passaste anos, sete por exemplo, sem voltar a ele?
 E, depois, quando voltaste, não viste o torrão de teu nascimento em ruínas, as árvores que te acolhiam sob sua sombra mortas, ou cobertas de parasitas (...) as aves que te acordavam com seu doce gorjeio pararem seu cantar ao ver-te, e até a casa em que nasceste caída, o quarto em que abriste os olhos devastado pelas ervas crescidas?³⁵

A passagem acima anuncia muito de um movimento saudoso, repleto de paisagens esquecidas, talvez até desconhecidas por estarem tão distantes e modificadas. O narrador, convenha-se, acabou de vê-las neste instante e parece que os sete anos em que esteve ausente foram suficientes para deixá-las em ruínas. Ao mesmo tempo, esse mesmo personagem é tomado por um sentimento de estranheza tal qual um estrangeiro que nunca pisou nesta cidade anteriormente. Todo o seu arredor é motivo de surpresa, de indignação e de estranhamento. Até mesmo os habitantes com os quais costumava conviver parecem calados frente a sua figura. O que teria acontecido a ambos caracteres – a cidade e o narrador – para que agora fossem tão distintos? Será toda essa transformação proveniente da fantasia de um personagem que conheceu outros ares apenas?

Talvez, as duas possibilidades sejam plausíveis se se pensar que o escritor que as experienciou foi José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916). Um escritor que, em todos os momentos de sua carreira literária, fez dos textos um conjunto de histórias: a do escritor, a do editor, a do revisor, a do funcionário público, a do cientista, a do viajante, a do crítico, isto é, para Veríssimo, o texto (a história dele, em sentido amplo) não é mais um documento isolado de um contexto sócio-cultural e, por isso, esse mesmo texto não poderia ser definitivo ou acabado. Ao contrário, a história, ou os discursos que a compõem, é sempre objeto inconcluso e passível de novas perspectivas, por isso, também, questionável do ponto de vista metodológico. Se quem a escreve é um homem que a concebe por meio de

³⁵ Conferir VERÍSSIMO, op.cit, 1878, p.53-54.

documentos impressos, por exemplo, certamente, será diferente da concepção de quem a conta ou narra por que ouviu falar dela. Há, ainda, os que consideram essas duas possibilidades e vão a campo confirmar a história que está documentada no texto impresso.

O que importa enfatizar nisso é, justamente, o movimento de ordem social, cultural e político aplicado à análise e o seu reflexo no produto final. Dito de maneira específica, o escritor oitocentista, dentro desse contexto, fez escolhas decisivas para se fazer ouvir e se distinguir socialmente. Sua postura de “homem de ciências” ou “homem de letras” pressupunha um campo maior de relações. Relações que iam desde a adoção de determinadas temáticas até as escolhas pessoais. Ambas coabitaram para compor o quadro intelectual de meados do século XIX e os estudos delas originados.

Isso pode ser comprovado quando, em 1877, José Veríssimo inicia a publicação de uma série de textos na coluna folhetim do jornal *O Liberal do Pará*³⁶. Durante dois anos, foram publicados vinte e um textos, dentre eles, pequenas narrativas³⁷, crônicas e críticas culturais/ literárias.

Segundo Ignácio José Veríssimo, paralela a esta atividade jornalística, Veríssimo encontrou, no serviço burocrático, uma maneira de se manter economicamente. A dedicação às letras, naquele momento, estava em vias de profissionalização, por isso, em 1877, “seu primeiro emprego [foi] em uma companhia de navegação [...] Em 1878 é nomeado, por concurso, amanuense da Secretaria da Província do Pará”, cargo sucedido pelo de oficial da 2ª seção, cuja função exerceu durante três anos.³⁸ Esse ínterim, todavia, é decisivo para sua entrada na vida jornalística e social paraense. Integrando o corpo da Secretaria do Governo, pode perceber de perto a engrenagem que a política de José Coelho da Gama e Abreu, naquela época, um dos principais nomes do Partido Liberal, promoveu para a capital da Província do Pará, ao lado da contratação de Vicente

³⁶ “O Liberal do Pará”. Belém, tipografia do Jornal do Amazonas; Tipografia do “O Liberal do Pará”. Jornal de circulação diária, político, comercial e noticioso, órgão do Partido Liberal do Pará, propriedade de Manoel Antonio Monteiro. Suspendeu sua publicação em período não identificado, reiniciando-se em setembro de 1869, sob a redação de José Antonio Ernesto Pará-assu. Substituiu o periódico Jornal do Amazonas, saindo de circulação logo após a Proclamação da República em 1889, reaparecendo em 1890 sob o título “O Democrata”. In.: Jornais Paraoaras - catálogo. Biblioteca Pública do Pará. Belém. Imprensa Oficial do Estado, 1985.

³⁷ Essas pequenas narrativas o autor convencionou chamar de esboços.

³⁸ VERÍSSIMO, Ignácio José. op. cit., pp. 38-39.

Chermont de Miranda, como diretor geral interino dos índios, o mesmo que contribuiria com artigos para a *Revista Amazônica*.

Como oficial, emitia ofícios aos professores para cumprimento de novas atividades escolares; por meio dos recenseamentos, a maior parte organizada pela própria Secretaria, sabia do número elevado de escravos mesmo com a existência do Fundo de Emancipação; conheceu a situação precária das instituições de saber, representadas pela Biblioteca Pública e pelo Museu Paraense de História Natural³⁹, que, a todo custo, Domingos Soares Ferreira Penna lutava para realizar melhorias nas instituições, ambas sem estrutura própria para a conservação e aquisição de documentos e livros.

Desde sua criação, em 1839, a Biblioteca Pública, assim como o Liceu Paraense, passava por problemas de locação e de preservação de seus materiais, mesmo com as reformas feitas por Ferreira Penna a partir de 1871. Entre as diretorias, esteve José Veríssimo de 2 de setembro a dezembro de 1881. Lá, procurou fazer reformas, inclusive apresentando um relatório, que o presidente da província, em 1882, o Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas Filho faz questão de ressaltar:

Este estabelecimento acha-se actualmente a cargo do official da secretaria do governo, José Veríssimo Dias de Matos, que por portaria de 3 de setembro ultimo nomeei para servir, em comissão, o lugar de bibliothecario, durante o impedimento do respectivo proprietario que continua licenciado.

Funcionário illustrado e zeloso, tem-se occupado com actividade de organização dos catálogos indispensáveis e de outros trabalhos e é de esperar que continue a prestar bons serviços áquella instituição.

Com medidas indispensáveis para conservação e augmento da bibliotheca, propõe elle em seu relatório que se effectue a mudança d'esta para outro local mais apropriado, que se autorise a encadernação de suas obras brochuras e reencadernação de outras que exige melhoramento, pelo mau estado em que se acham.

Parece também conveniente que a assembléia legislativa provincial, vote annualmente uma verba de 2:000,500 réis, pouco mais ou menos, para aquisição de novas obras; por este meio a bibliotheca irá gradualmente augmentando de modo pouco sensível para os cofres públicos.

³⁹ A Biblioteca Pública e o Museu Paraense ainda estavam, nesse tempo, anexados ao Liceu Paraense.

Conforme se pode entender em os *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*, redigido por Arthur Vianna, foi a partir dessa atitude que os exemplos se multiplicaram, passando cada novo bibliotecário a apresentar reclamações ao presidente da província, não obstante as propostas de Veríssimo repercutirem somente no governo de Justo Chermont, dez anos depois:

D'ahi em diante todos os bibliothecarios repetiram aos presidentes esta reclamação, e quasi todos os presidentes a transmitiram successivamente até 1889, com o appendice da falta de verba, ás assembléias provinciais.

[...]

E a remoção imediata da Bibliotheca do local em que se achava, para um edificio apropriado, isto é, o mesmo que José Veríssimo apresentara nove annos antes, como urgentes e indispensáveis melhoramentos, successivamente addiados com tão graves prejuízos.⁴⁰

Esse, que consistiu mais um cargo público ocupado por Veríssimo, por meio da Secretaria do Governo da província, seria melhor explorado se tivéssemos em mãos seu relatório. Todavia, como bem demonstram os testemunhos, o serviço prestado à Biblioteca foi de muita valia para a sociedade.

No campo do jornalismo, teve como companheiro de redação d'*O Liberal do Pará*, o Conselheiro Tito Franco de Almeida⁴¹, que, nessa época, era Deputado Geral da Província pelo Partido Liberal, o mesmo que durante os dois anos de existência da *Revista Amazônica* (1883-1884) contribuiu com artigos e, em 1884, ajudou a fundar a Liga Redentora⁴² e a Sociedade Promotora de Instrução.⁴³

Conforme Ignácio Veríssimo, a entrada em um periódico do Partido Liberal definia a inclinação republicana do escritor do *Primeiras Páginas*⁴⁴, no

⁴⁰ Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Tomo Primeiro. Pará: Imprensa de Alfredo Augusto Silva. 1902. p. XX e XXII.

⁴¹ Tito Franco de Almeida, paraense nascido em 4 de janeiro de 1829, foi advogado, professor e representante do Partido Liberal no Pará. EM 1869, conforme Borges, publicou "A Igreja e o Estado, sob o pseudônimo Canonista, no 'Jornal do Amazonas', de Belém, intervindo na famosa Questão Religiosa, Sustentada contra a Maçonaria pelos Bispos Dom Vital, de Olinda, e Macedo Costa, do Pará". Defensor da monarquia da ala Liberal, em 1891 reuniu por ocasião da morte do imperador Pedro II uma comissão de fiéis à Monarquia, dentre os nomes estava o de Clementino José Lisboa, um dos editores da *Revista Amazônica*. Conferir mais detalhes em BORGES, Ricardo. **Vultos Notáveis do Pará**. 2ª ed. Belém: CEJUP, 1986, p. 125-129.

⁴² Conferir Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Vol. XI. Ano, 1938, p. 201.

⁴³ Instituição fundada por Tito Franco de Almeida e José Veríssimo em 1884, em Belém, que concebia a instrução como instrumento civilizador da sociedade.

⁴⁴ VERÍSSIMO, Ignácio, op.cit. p. 30-40.

entanto, de acordo com alguns documentos que referenciam a instalação da República no Pará⁴⁵, percebe-se que sua posição política é uma questão ainda a ser estudada com exatidão, pois, em 16 de novembro de 1889, por exemplo, ao mesmo tempo em que assinava, juntamente com outros monarquistas, um protesto contra a instauração violenta da República por Paes de Carvalho no Pará,

O sr. Silvino Cavalcante [presidente da Província do Pará na época] solici[tou] [que] se escrevesse o protesto a que alludiu [sobre a violência do republicano Paes de Carvalho] [...] Firmaram suas assignaturas nesse documento os seguintes monarchistas: José Angelo de Moraes Rego, Vicente Chermont de Miranda, José Veríssimo[...]⁴⁶

em nota introdutória aos *Estudos Brasileiros*, de 1889, afirmava:

Pois bem, forçosamente republicano, não por que acredite na eficácia e infallibilidade da republica na qual vejo apenas uma resultante e não um factor, uma formula na evolução governamental, mas não forma definitiva que ainda escapa ás nossas previsões, porém por julgal-a determinada pelas nossas circumstancias políticas e evolução histórica, é sinão com hostilidade, ao menos sem nehuma sympathia que encaro o actual movimento republicano, fadado por ventura e não remoto triumpho.⁴⁷

Contrariamente a seu amigo Tito Franco, monarquista resoluto contra a instauração da República, Veríssimo punha-se sempre crítico em se tratando de questões políticas, apesar de, muitas vezes, afirmar se distanciar de tais assuntos porque “sem pretenções a sociologista, que m’as vedam a convicção da minha incompetencia e reconhecimento da enormissima dificuldade de taes problemas [...]”⁴⁸

O que importa enfatizar, é que ao lado dessas pessoas, Veríssimo passou a conhecer com exatidão o que revolvía a política local, a situação dos órgãos

⁴⁵ Esses documentos a que me refiro são: o artigo, “Noções de História do Brasil e do Pará” de Jorge Hurley publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, 1938; e a obra “Formação Histórica do Pará” de Manoel Barata, 1937.

⁴⁶ Os outros monarquistas que assinaram o protesto foram, conforme Jorge Hurley: José de Araújo Roso Danin, dr. José Joaquim da Gama e Silva, José Victorino de Souza Cabral, Eugenio de Barros F. de Lacerda, dr. Virgilio da Bohemia Sampaio, José Luiz da Gama e Silva, Augusto Américo Santa Rosa, José Cardoso Danin, Camillo Antonio dos Santos, José Caetano da Gama e Eutychio de Menezes Salles. Conferir *Revista do IHGP*, 1938, p. 516.

⁴⁷ VERÍSSIMO, José, 1889, p. XIV-VX.

⁴⁸ *Ibid.*, p. XIV.

públicos destinados à cultura e à divulgação das ciências naturais – como foi com o Museu Paraense, que objetivava abrigar “amostras dos tres reinos da natureza Amazônica e da manufatura indígena”⁴⁹ – etc. Procurando confirmar o que lia em Agassiz, Bates, Couto de Magalhães e o próprio Ferreira Penna a respeito de toda a Região Amazônica, Veríssimo fazia excursões pelos interiores dessa região em busca de novos registros para os comparar com o luxo vivido pela capital do Pará.

Numa linguagem insatisfeita com a tradição portuguesa e com a política local, coletava as narrativas dos “velhos da terra”, como se estivesse reerguendo seu passado entre métodos de concepção romântica e teorias científicas ainda não totalmente definidas.

Os subitens a seguir, denominados de acordo com cada conjunto de textos que publicou em folhetim objetivam, justamente, averiguar o tipo de linguagem subjacente às questões levantadas e verificar como os métodos e as temáticas adotados pelo escritor correspondiam à hibridização própria a sua formação como escritor de periódico.

2.2. “Do Pará a Óbidos” até “O Serão”

A Belém que Veríssimo deixou, em 1869, quando viajou ao Rio para completar seus estudos primários no Colégio D. Pedro, sem dúvida, não foi a mesma que encontrou em 1876 ao retornar. Nesse ano, a capital da Província do Pará passava por inúmeras transformações, expressas inclusive em seu aspecto físico. De acordo com o recenseamento realizado em 1875, três anos antes, em 1872, a população contava com 260 mil habitantes, considerando homens livres e escravos. A economia estava baseada na extração de produtos naturais e na atividade do comércio, esta fora incentivada pela efetivação do artigo 16 da lei n. 314 de 1848, o qual dava plenos poderes ao governo imperial para conceder lotes de terras a imigrantes, dentre eles, a maioria francesa e inglesa.⁵⁰

⁴⁹ PENNA, Domingos Soares Ferreira. **Obras completas**. Coleção “Cultura Paraense”. Série “Inácio Moura”. Vol. I. Conselho Estadual de Cultura. Pará: 1973, p. 16.

⁵⁰ Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor Francisco Maria Correa de Sá e Benevides, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1876. Pará: Typ. do Diário do Gram-Pará, 1876, pp. 37-47. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Em todos os sentidos, essa expansão significou apropriação geográfica, política, econômica e ideológica. No que diz respeito à formação do Estado Nacional, fomentou as bases para a “unidade” brasileira. Nesse sentido, a imigração e o seu efeito no setor comercial foram interpretados pelas instituições da Província do Pará da seguinte forma, conforme o relatório de 1876:

Continua-se a encaminhar-se lentamente para esta província a imigração, entregando-se quase exclusivamente ao comércio. O futuro feliz que a lavoura deve resultar para o Pará – dotado de gigantesca natureza – a necessidade de fazer medrar essa indústria tão descuidada na província, levaram-me a tentar o estabelecimento de núcleos coloniais.

[...]

Sempre solícito pelo bem público tem atendido o governo as suas mais palpitantes necessidades, já autorizando a abertura de estradas que comuniquem os estabelecimento com a cidade de Santarém, já facilitando transportes para membros das famílias dos imigrantes ou outros que ali se queiram estabelecer, já, finalmente, procedendo a demarcação de lotes coloniais.⁵¹

Com esse movimento comercial, intensificou-se a criação de colônias ao redor da capital da Província do Pará. As localidades mais distantes, como Santarém, Benevides, Monte Alegre e Cametá, tornaram-se grandes potencialidades para a agricultura e, por sua vez, local para fixação dos estrangeiros. Além do fortalecimento desse setor econômico, havia um interesse na abertura de estradas, tornando mais viável a comunicação de Belém com aquelas cidades vizinhas, em consequência, a demarcação das terras.

Esse empreendimento, ao que parece, era o que mais preocupava o presidente da Província, cujo relatório apresentou dados por ele mesmo confirmados quando de sua ida à colônia americana de Santarém no interior da província: “Ao governo imperial prestei detidas informações sobre a colônia americana em Santarém, já pelos dados que obtive da zelosa Municipalidade, já pelo exame a que procedi na excursão por mim feita àquela colônia [...]”⁵² Ainda, de acordo com o ofício da Câmara Municipal de Santarém, é evidente a empresa da colonização nos setores da agricultura e nos limites territoriais da região:

⁵¹ *Ibidem*, pp. 48-50.

⁵² *Ibid*, p. 50.

Consta o núcleo colonial de 93 pessoas, sendo norte americanos 83 e ingleses 10.[...] Cumpre ainda a Câmara Municipal referir a v. exc. A história da colônia americana d'esta cidade, para melhor habilitar v.exc a informar ao governo de S.M. imperial a respeito das exagerações com que se pretendem desconsiderar tão importante ensaio de colonização [...]

A comissão de demarcação das terras para a colônia funciona sob a esclarecida direção do engenheiro dr. Feliciano Antonio Benjamim.

Releva dizer à v.exc que tendo o governo empregado os meios necessários para serem medidas e demarcadas as terras da colônia a datar de 1867, e confiado aos agrimensores Tavares e Gemgembre ainda não foi ultimada.

O colono Ricker e outros obtiveram de pronto a medição das suas terras e os títulos que firmam os seus domínios.

É o quanto a Câmara Municipal tem a informar a v. exc, e aproveita o ensejo para oferecer a v.exc. um número da gazeta que se publica n'esta cidade, que trata detidamente do assunto, por ter visto o que o Globo publicou na corte a respeito da colônia americana.

A Câmara Municipal de Santarém tributa a c. exc a mais subida consideração e em nome dos seus municipais agradece ao governo de S.M Imperial os benefícios e melhoramentos com que tem dotado este município.⁵³

O documento exemplifica algumas das especificidades da instalação de colônias agrícolas pelas quais passavam as pequenas cidades da Província do Pará.

Se, por um lado, a imigração representou a expansão do Império, por outro, as empresas que mais afinaram a efetivação do projeto imperial e, por conseguinte, as relações sociais na Província, foram a catequese e a civilização dos índios.

O propósito da civilização dos índios e de sua proteção contra a exploração dos regatões é expresso pelo presidente Francisco de Sá Corrêa e Benevides, ao autorizar o serviço das missões nas localidades e ao solicitar o auxílio imperial quanto ao escasso número de missionários:

Em vista da falta de missionários, de que se recente a província, dirigi-me ao Governo Imperial em 25 de janeiro último, pedindo providências no intuito de serem para aqui enviados alguns missionários.

O governo aprovou este alvitre e autorizou-me a mandar efetuar o fornecimento reclamado.

Mais uma vez vos será dito que é o maior inimigo da catequese – o negociante regatão. Foram-me apresentados pelo dr. Tocantins de

⁵³ *Ibid*, p. 51.

volta de sua comissão ao Bacabal, contas fornecidas pelos regatões aos índios analfabetos, que horrorizaram pelo preço das mercadorias. Tendes providenciado substituindo o imposto fixo que pagavam os regatões pelo de 25\$000 rs. De município em município. Parece que do impostos poderia este ser aumentado sem prejuízo público.⁵⁴

O decurso da ação centralizada nos poderes do imperador, ocasionou manifestações em vários jornais locais contra essa política, seja de forma direta – pelo surgimento de partidos –, ou indireta – pela promulgação de ações que restringiam, por exemplo, certas atitudes de redatores⁵⁵. Assim, pode-se compreender a escolha de determinadas temáticas pelos escritores da época e justificar a maneira como seus pensamentos estavam conectados por um complexo contexto social.

Nesse contexto, Veríssimo publica, em 1877, na seção Folhetim do jornal *O Liberal do Pará*, o texto “Do Pará a Óbidos”⁵⁶, no qual a preocupação maior parece estar em toda a alteração ocorrida nesta cidade nos últimos anos.

⁵⁴ *Ibid*, p. 42.

⁵⁵ Domingos Olímpio é um dos muitos exemplos de escritores que sofreu represálias por conta de incompatibilidade partidária. Em 1878, por incompatibilidade com o governo cearense, transferiu-se para o Pará, “tomando parte na política [e] redator, com José Veríssimo, do Diário do Grão-Pará”, do qual foi exonerado por defender causas antagônicas ao regime imperialista. Sobre sua mudança para o Pará conferir: MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

⁵⁶ “Do Pará a Óbidos” irá compor, posteriormente, juntamente com “Visita a Monte Alegre”, o primeiro capítulo intitulado “Viagens ao Sertão” do livro “Primeiras Páginas”. Este livro, publicado em 1878 pela “Guttemberg” – uma tipografia de Lisboa, o que pode significar o custo alto para a impressão de um livro – é resultado da reunião de alguns textos que Veríssimo publicou no *O Liberal do Pará*, no ano de 1877. Forma esse livro mais dois capítulos, quais sejam: “Quadros Paraenses” e “Estudos”.

2.2.1. “Do Pará a Óbidos”

Conforme nota escrita pelo autor a esse texto, trata-se de uma narrativa de viagem que foi “escripta ao correr da penna e do sertão mesmo, onde o autor se achava, remetidas á redacção d’aquelle diário”.⁵⁷

A temática desse folhetim, de acordo com o relato do autor, é resultado de sua viagem à cidade de Óbidos, lugar onde nasceu. Ao visitar essa cidade, depois de alguns anos na capital do país, o escritor a encontra em total decadência estrutural, econômica e cultural, em função de lutas sociais, como a Cabanagem, e da extração da borracha.

Esses foram um dos principais motivos que levaram Veríssimo a alertar, posteriormente, os leitores – “se leitores tiver” – que aquelas temáticas, apesar de não serem comuns ao folhetim, deveriam ser realizadas, porque em um “paiz novo como o nosso” seria necessário estudos de ordem prática que refletissem a respeito das necessidades urgentes da população amazônida.

Sei que não estão estas linhas no espírito do folhetim, mas tenho para mim que os estudos e observações praticas, são mais úteis em um paiz novo como o nosso, e principalmente em uma província como esta, do que os escriptos de outra qualquer ordem. Por isso os leitores - se leitores tiver – me hão de permittir que desça algumas vezes a tratar, em folhetim, d’esses assumptos.⁵⁸

Talvez, essa explicação já seja um indício para justificar a razão que o levou a utilizar um tom incisivo, conclusivo a respeito da cidade: “Óbidos é uma cidade sem tradições”. A partir daí, percebe-se uma narrativa analítico-descritiva, que, de modo geral, parece representar a maneira como o escritor concebia sua forma de ver e analisar os fatos, ou seja, de maneira prática, observando sempre o “lado útil das cousas”⁵⁹

Uma vez considerada a cidade sem tradições, o escritor passa a compará-la com o lugar que fazia parte de seu imaginário quando criança:

⁵⁷ VERÍSSIMO, 1878, p. 230. Nota A.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 51

⁵⁹ *Ibid.*, p. 230. Nota A.

Em balde se procurará ai uma dessas lendas com que, em nossa infância costumam as nossas amas adormecer-nos, contos que ouvimos gostosos ainda já homens – despreziosos e singelos – onde há um fundo de verdade de envolta com histórias que a imaginação dos inúmeros contadores lhes há ajuntado que passam despercebidos pelo vulgo, embora a literatura os aproveite e o próprio historiador tenha de lançar mão deles para reconstituir, juntamente com os outros elementos dispersos a história do caminhar do espírito humano.

A raça que morreu deixou a esta parte do Brasil alguma coisa de seus costumes e até de sua língua – mas se lhes deixou as poéticas legendas suas e de seus avós, eles as esqueceram e as poucas e truncadas que restam é só por acaso ou com muito trabalho que se vem a conhecer. Conheço estas.⁶⁰

O que mais parece afetar o escritor é a forma como essa transformação modificou o modo de vida tradicional da população, repercutindo no desaparecimento de tradições orais, antes tão valorizadas, que, a seu ver, além de comporem o imaginário amazônida, ajudavam a construir “a história do caminhar humano”.

Essa concepção de história demonstra um marco essencial para as pesquisas realizadas a partir de então por Veríssimo, que o acompanharia por quase toda sua produção em periódicos em Belém do Pará. A História e a Literatura, que, num primeiro momento, estariam restritas ao campo do impresso, utilizam de fontes orais para reconstruir o “caminhar do espírito humano”. Assim, essa requisição de histórias orais, coletadas ainda no sertão, foi adotada como representativa de uma visão geral, ou menos restrita, da História então propagada da Cabanagem, por exemplo:

Não há muitos anos, contam, existia ainda na ponta da barranca que fica a O. (?) da cidade, prolongando-se com esta um lugar e uma árvore – a que o povo chamava o Bota-n’água.

Qual o fato – lúgubre ou não, que deu origem a esse nome? A cabanagem é um fato ainda hoje pouco esclarecido. O que tenho ouvido, o que tenho indagado não me dão luzes bastantes para sobre ela espendere uma opinião. Foi o ódio entranhado de uma raça contra outra que produziu essa revolta? A opressão foi tão grande e tão iníqua que a justificasse?

[...]

Como quer que seja, parece-me que essas crueldades, que todos nós estamos habituados a ouvir contar – mesmo exageradamente –

⁶⁰ *O Liberal do Pará*, 17 de maio de 1877.

não tem uma justificativa nem de uma nem de outra parte e se a tivesse seria antes pelo lado oprimido do que pelo opressor.⁶¹

Após comentar toda a barbárie acontecida nessa revolta por meio da coleta de narrativas, o escritor inicia uma descrição do que, no presente, significava a destruição daquela cidade. “Hoje [afirma ele] esse lugar está coberto inteiramente de mato, esquecido e desconhecido”, pois

apenas às dez horas alguma velha crendeira, atacada por uma insônia, cuida de ouvir – no gemer do vento nas folhas – e no murmurar das águas do rio embaixo – os gemidos dolorosos das vítimas que clamam piedade e dos algozes que pedem perdão.⁶²

Esse mesmo lugar – agora coberto por ervas, no qual existia uma pequena capela, ou melhor, os restos do que ela foi algum dia – foi acometido de um crime que viria a representar “para todo o cristão um horrível sacrilégio”:

Uma noite – em hora propícia ao crime – três sujeitos entraram na igreja matriz e de lá saíram pouco tempo depois de ter cometido um ato [...] Haviam roubado ao sacrário as hóstias consagradas pelo ministro de Cristo.

[...]

No outro dia o padre deu pelo crime. O povo amontoou-se logo que soube à porta do templo e saíram todos em procissão à procura das partículas sagradas.

No lugar em que estão as ruínas de que falei foram elas encontradas. O povo fez, ali mesmo, o voto de erguer naquele lugar uma capela em reparação feita da afronta feita a sua religião e, de fato, ergueu-se a pouco tempo depois sob a invocação do Bom Cristo.⁶³

O fato dessa história contada por um vigário a Veríssimo⁶⁴ ser representada na narrativa demonstra algumas das opiniões do escritor a respeito dos costumes e das crenças presentes nas localidades interioranas de toda a província. A primeira seria o fato de não se poder construir algo de definitivo num lugar coberto de ruínas, compartilhado por quase toda parte da população local. O

⁶¹ *Ibid.*

⁶² *Ibid.*

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ “e quando o visitante indaga sobre essas ruínas, os velhos da terra contam-lhe esta historia”, *Ibid.*

lugar comum é: Óbidos, uma localidade sem tradições ou uma tradição feita de ruínas. A segunda seria o que, para o escritor, significava toda essa ruína, quer dizer, se, por um lado, esses destroços são um empecilho para o desenvolvimento da região, por outro, também são matérias que definitivamente serviriam de instrumento reconstrutor em sua “missão” de reescrever a história e o passado pertencente a quase toda Região Amazônica:”

São estas as únicas tradições que a cidade guarda.

Há superstições interessantes, um mixto de crença com a fé cristã – mas que pertencem a toda região amazônica e seria descabido narrá-las aqui.

Chego ao termo da missão que me impus de alinhar – com mão vacilante este folhetim que a ilustrada direção do ‘Liberal’ teve a bondade de acolher⁶⁵

De toda a matéria ilustrada nessa narrativa, uma prevalece como requisito fundamental para a compreensão do que foi o posicionamento de Veríssimo no período em que publicou no *O Liberal do Pará* ao se considerar o projeto de nacionalidade construído no livro *Primeiras Páginas*⁶⁶: a Literatura entendida, também, como as tradições transmitidas oralmente e compartilhadas coletivamente. Para discorrer sobre a literatura brasileira, portanto, o escritor deveria tratar, dentre outros fatores, sobre o papel das tradições orais e dos costumes na concretização da ideia de nação.

⁶⁵ *Ibid.*

⁶⁶ Dos quinze títulos do livro *Primeiras Páginas*, quatro deles foram publicados por José Veríssimo nos meses de março, abril, maio e dezembro de 1877 no jornal *O Liberal do Pará*, conforme nota do autor apresentada no final do mesmo livro.

2.2.2. “O Serão”

O outro texto, denominado de “O serão”, data de 23 de dezembro de 1877 e, assim como “Do Pará a Óbidos”, foi coligido no livro *Primeiras Páginas*, embora em capítulos diferentes. Aquele forma, juntamente com mais cinco textos, o capítulo “Quadros Paraenses”, que, segundo palavras do escritor, seriam “ligeiras composições”:

Com justa pensará o leitor que melhor caberia a estas ligeiras composições o nome de esboços, pois elas são mais do que isso e faltam-lhes as cores acentuadas, as linhas corretas e firmes, os efeitos de luz, as sombras e a perspectiva que completam o ‘quadro’ e fazem o ‘esboço’. No entanto o primeiro nome estava escrito e esse ficou. Talvez se ache também estes quadros demasiadamente realistas. Além de acreditar que só há verdade no realismo, o gênero destas composições exigia que eu seguisse essa escola. Dois deles (‘O Serão’ e ‘O Lundum’) já foram publicados em folhetim no ‘Liberal do Pará’.⁶⁷

A temática do “serão”, nessa composição, parece se adequar ao que, tradicionalmente, se veiculava na coluna folhetim como a descrição, em linguagem “amena”, de hábitos e de costumes rotineiros à época. No entanto, mais do que a “ficcionalização” do trabalho das rendeiras, o que se evidencia é o registro de um ritual familiar contemporâneo ao novo modo de viver das grandes cidades, mas, que por ter sido esquecido pela maioria da população, estaria às margens da vida da capital.

O trabalho íntimo da família, à noite, ao redor da candeia, sentados todos na esteira de tabus ou no tupé, e a dona da casa sentada na rede de onde dirige o trabalho, ora tendo uma ordem para uma, ora um conselho para outra, uma admoestação para esta, uma animação para aquela. Chega uma visita. A visita não interrompe o serão.

As senhoras sentam-se ou em cadeiras ou em redes que, comumente, há em derredor de toda a sala; os homens, se vêm, acompanhar suas amas, acham um lugar na esteira, junto à candeia e, quase sempre, algum afazer. Ou uma costura a alinhar, ou uma renda a começar para uma rendeira menos experiente.⁶⁸

⁶⁷ VERÍSSIMO, op.cit, 1878, nota C, p. 232.

⁶⁸ *O Liberal do Pará*. “O serão”. 23 de dezembro de 1877.

Isso também pode ser visualizado na narrativa *Como e por que sou romancista*, de José de Alencar, em que a intimidade da família aparece retratada:

Não havendo visitas de cerimônia sentava-se minha boa mãe e sua irmã D. Florinda com os amigos que pareciam, ao redor de uma mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candeeiro. Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.⁶⁹

Em Veríssimo, descrita a natureza do costume – demonstrando que a descrição desse tipo de costume era algo nacional, ou, pelo menos, não restrito à Região Amazônica – com a voz da dona da casa guiando todos os outros personagens acomodados na sala, passa-se à apresentação do local onde acontecem as reuniões. Nesse momento, a feição mais marcada era o reconhecimento da linguagem cabocla, numa espécie de restituição de uma cultura que, aos poucos, se perdia, por isso a atenção aos mínimos detalhes do espaço:

É uma sala quadrada. Em um dos cantos há uma rede branca, clara, bonita, com largas varandas encarnadas. Na rede esta uma mulher. Cinqüenta anos, morena, cabelos abundantes [...] veste saia de chita escura e tem um paletó branco [...]
Fuma tranqüilamente o seu cachimbo por um longo taquari de Cametá.
Na sala há poucos moveis.
Cadeiras, baús, uma cômoda antiga, um grande relógio mais antigo do que a cômoda, quadros de santos nas paredes⁷⁰

Nesse quadro, à medida que cada personagem é apresentado, observa-se como a posição por eles ocupada indica o lugar que cada um ocupa naquela sociedade. São “sinhozinhos”, “sinhazinhas”, “mulatinhas”, “caboclinhas”, a mulher de cinquenta anos que fuma um cachimbo caro, todos compõem um cenário típico da região interiorana amazônica, ratificando não somente a descrição de costumes, mas também o próprio contato entre as pessoas. Contrariamente ao que se observa na narrativa de Alencar, em que em sua casa “celebravam-se os serões”, reunindo

⁶⁹ ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. 1ª edição 1873. Disponível em <www.virtualbooks.com.br>. Acesso em 24 maio 2008.

⁷⁰ *Ibid.*

“altos personagens filiados ao Clube Maiorista”, em Veríssimo, a descrição da reunião social é marcada pela distinção de raça e de poder econômico:

Uma é caboclinha, baixa, corpo cheio, olhos travessos, cabelos pretos, lábios roxos, sorriso malicioso.

Outra é mulatinha, escura, magra, mão de rainha, de dedos compridos, duas covinhas no rosto, riso faceiro.

[...]

Três anjos aformoseiam o quadro.

São três crianças. Uma é um pretinho, cabelos encarapinhados, cor de carvão de pedra, apenas balbuciando, gordo, luzente, nú.

O outro é o *sinhozinho*. É neto da senhora. Moreno claro, olhos azuis, cabelos castanhos quase loiros.

O terceiro é um caboclinho. É o mais velho. Tem três anos. Dirige os outros. Neste momento serve de cavalo ao ‘nhô nhô’.⁷¹

Todo esse conjunto de atores *sociais* se fazia presente durante a empreitada da empresa gomífera e/ou dos resquícios da agricultura, que de maneira ou de outra acabaram interferindo no convívio familiar e, por conseguinte, no estabelecimento de regras e de ritmos culturais. Nesse caso, quando os senhores das casas iam para os seringais, restava à mulher o trabalho de casa: o cuidado das crianças, o consolo do candieiro, em torno do qual tudo se movimentava. Como o sol, “ao redor d’[ele] ajuntam-se os astros, ao redor d’elle as mulheres”. Luz a qual possivelmente o escritor conhecia bem, porque dela faz seu foco para entender o que, talvez, passasse despercebido pelas pessoas.

Em meio a toda essa descrição, ressalta-se a compreensão aos elementos peculiares da cena de forma que o leitor atente para as coisas cotidianas daquela sociedade. Todavia, mais do que apresentar uma situação, busca-se definir o que a compõe e o que a mantém viva. Assim, quando Veríssimo descreve “Fuma tranqüilamente o seu cachimbo por um longo taquari de Cametá”, parece afirmar que apenas a dona da casa, ou seja, a pessoa representativa de poder econômico e moral que, em determinado momento da noite, utiliza o objeto, é a única, para as outras mulheres e moças, que sabe dar conselhos, que pode silenciar os outros, porque está em posição superior, mantendo o equilíbrio daquele ritual, pois “Somente, raras vezes, ouve-se um cochicho, um riso, prontamente sufocados por um ‘psiu’ prolongado da senhora”.

⁷¹ *Ibid.*

Se, por um lado, esse fator sócio-cultural determina quem deve fazer o que no interior de um quadro de dominação social, por outro lado, quem o mantém vivo ou deve mantê-lo em latência parece ser o escritor numa espécie de filtragem que torna o fato “comum”, “simples”, “cotidiano” em elemento sócio-cultural de elaboração de uma identidade.

De fato, quem registra as funções sociais na narrativa, que parecem indiferentes ou “não-vistas” pelos leitores, é o narrador ou, como queiram, o escritor. Ele clarifica, por meio de uma linguagem simples que se propõe representativa de um uso coloquial, as nuances de uma sociedade escravista. Dessa feita, o escritor seria o “cronista” de costumes, apto a “desvendar” os segredos da natureza e das tradições da terra, utilizando-se de uma linguagem prosaica para dar leveza a sua escrita e ao assunto tratado.

O folhetim como esse “espaço vale-tudo”⁷² funcionou, nesse sentido, como agente definidor da feição de Veríssimo, porque permite que sua produção parta da posição de cronista de fatos corriqueiros e seja agregada a de escritor de ficção, observada, sobremaneira, pela comparação entre a linguagem de “Do Pará à Óbidos” e a d’“O serão”. Não obstante, esse espaço folhetim, por ser flexível, permitiu que Veríssimo ali inserisse também alguma matéria séria, embora rotineira e cotidiana, a qual se propôs prosaica para atribuir leveza à escrita e ao assunto tratado.

Dito de outra forma, a discussão sobre a interferência da empresa gomífera na vida da população amazônica não foi feita por meio de uma crítica direta aos governantes e/ou donos de seringais; ao contrário, o tom prosaico permitiu que se fizesse censura àquela economia sem que se percebesse tal arguição, como se o escritor estivesse fazendo ali apenas o seu papel de registrar um costume esquecido.

⁷² MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 114.

2.2.3. Um Olhar de viajante

Referindo-me a uma das características do “narrador de ficção”, definido por Flora Süssekind⁷³, ao tratar sobre a prosa de ficção dos anos de 60 a 80 no Brasil do século XIX, poder-se-ia, com a ressalva de que a obra de Veríssimo não se trata, em sua totalidade, de prosa de ficção, apontar como, nesse momento em que escreve para os jornais estreita características com o escritor observador. Nos termos de Süssekind, aquele narrador, necessitado do “olhar-de-fora”, que, querendo se afastar do fato narrado, acaba por, inevitavelmente, no caso de Veríssimo – sendo filho da terra –, confundir sua história com a da busca da nacionalidade realizada naquele momento por toda a imprensa brasileira.

Mais do que abastecer a Região Amazônica com esboços de ficção, narrativas de viagem, crônicas teatrais, Veríssimo acaba, portanto, adquirindo, a cada distribuição temática, diferentes papéis, ao estilo de como se formou o cronista dos oitocentos.

É, nesse sentido, coerente afirmar que a história do escritor se confunde com a história da nacionalidade brasileira daquela década de 70, ávida por redescobrir ou desvendar a “verdadeira” origem do povo brasileiro. Nesse sentido, a construção deste ideário, em Veríssimo, acompanha o movimento de descoberta da exata origem do povo brasileiro por meio, principalmente, da “cor local”.

De fato, é esse olhar, muitas vezes dito, minucioso sobre o fato que enreda a escrita de Veríssimo, reflexo do que estava acontecendo ao seu redor, com as leituras que fazia das obras dos viajantes e de Domingos Soares Ferreira Penna, por exemplo.

A última comitiva de viajantes que esteve por essa região foi a do geólogo americano Charles Hartt que, em 1870, teve a oportunidade de conhecer os recentes estudos sobre “arqueologia Amazônica e os primeiros levantamentos dos sítios e necrópoles indígenas”⁷⁴ de Domingos Soares Ferreira Penna. Este, que, desde 1871, fora afastado da direção do Museu Paraense e da Biblioteca Pública, pôde realizar com mais intensidade suas excursões pelo Rio Amazonas, que foram publicadas em boa parte pela tipografia *Diário do Gram-Pará* ou pela do *Diário de*

⁷³ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 20.

⁷⁴ FERREIRA PENA, op.cit., p. 30.

Belém em forma de relatórios e de resenhas. Convém ressaltar que entre as descobertas geológicas, Ferreira Penna apresentava estudos sobre a economia da região, como “Os efeitos da preparação da goma elástica”⁷⁵.

Ao se comparar a produção de Ferreira Penna com a de Veríssimo, é nítido como ambos compartilhavam de alguns pressupostos. O principal era, justamente, a decadência das populações devido à economia da borracha:

para representar um pouco mais coloridas as causas da decadência das povoações e as cenas da vida nos seringais; tomo por ponto de partida uma destas povoações, Gurupá, por exemplo, ou Baião; Oeiras ou Mocajuba, Melgaço ou Faro; Alenquer Mazagão ou Pôrto de Moz.

Desde que as chuvas do inverno desaparecem e o rio recolhe-se a seu leito, os moradores começam a mover-se, retirando-se para fora da povoação como a família de Noé depois do dilúvio. Os lavradores levam suas famílias para os sítios, pois é tempo de cuidar da lavoura.

O seringueiro parte para o seringal embarcando na canoa tudo que lhe pertence: mulher, filhos, afilhados, trastes, cães, patos, galinhas tudo enfim, exceto a barraca onde se abrigava, talvez por não caber na canoa.⁷⁶

Quando Veríssimo retorna da capital do país, é exatamente essa a imagem degradada pela vida nos seringais que encontra. Recorda-se que muitas coisas que ele viu na infância não seriam as mesmas quando, em 1877, escreveu seu primeiro texto para a imprensa paraense. O seu contato com os intelectuais renomados das letras brasileiras e européias, dentre eles, Domingos Soares Ferreira Penna, Francisco Gomes do Amorim⁷⁷ e viajantes como Hartt e Agassiz, forneceu-lhe muitas maneiras de entender a Região Amazônica.

Por isso, uma das primeiras discussões pospostas pelo escritor foi justamente a imagem radicalmente transformada dos interiores que sofriam com o total descaso dos governantes e com falta de atenção aos costumes próprios daquelas regiões.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 103.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 139.

⁷⁷ Ferreira Penna foi estudioso de questões etnográficas da região amazônica, diretor da Biblioteca Pública e do Museu Emilio Goeldi. Publicou para a *Revista Amazônica*, o artigo “Comunicações antigas entre o Mato Grosso e o Pará”. Francisco Gomes Amorim, escritor português, conhecido pela obra “Os selvagens”, referida no livro *Primeiras Páginas*.

Em carta datada de 1877⁷⁸, Veríssimo confirma esse desalento e relata a primeira impressão que teve depois de retornar da Província do Rio de Janeiro para a colônia militar onde nasceu:

Nunca, leitor, saíste de eu berço natal ainda criança e foste levado muito longe, por qualquer motivo?

Nunca passaste anos, sete por exemplo, sem voltar a ele?

E, depois, quando voltaste, não viste o torrão de teu nascimento em ruínas, as árvores que te acolhiam sob sua sombra mortas, ou cobertas de parasitas [...] as aves que te acordavam com seu doce gorjeio pararem seu cantar ao ver-te, e até a casa em que nasceste caída, o quarto em que abriste os olhos devastado pelas ervas crescidas?

Não te remoçaste um momento para ver-te de novo correndo por essa praia, trepando por essas árvores com santa alegria da infância?

Pois se nada disto te aconteceu, ignoras o que seja esse sentimento indefinível tão agro e tão doce, esse delicioso pungir de acerbo espinho, no verso do poeta – a saudade de um tempo que foi e que não mais virá misturada ao aperto de teu coração ante as ruínas que conheceste edifícios – da terra em que nasceste.

Eu experimentei - o e uma lágrima borbulhou-me nos olhos que não caiu no chão. Essas ruínas me falavam ao coração embora mudas, e esse quarto me dizia o primeiro vagido.⁷⁹

Essa espécie de estranhamento permite que se tome o ponto de vista do estrangeiro, comparando o passado ao presente. Isso evidencia o costumeiro retorno às origens culturais do povo, na busca por figuras “regionais” para a concretização da nação brasileira, o que significa, sobretudo, uma urgência por um trabalho de pesquisa de campo no intuito de investigar “de perto” o passado histórico e cultural da região. Por isso, muitas “vozes” das quais se utiliza para dar unidade à análise estão nas cenas cotidianas e no relato de pessoas do povo. São essas histórias que dão coerência à voz do escritor, as quais “[...] quando o visitante indaga sobre essas ruínas, [somente] os velhos da terra” sabiam contá-las..

⁷⁸ Conferir nota 29.

⁷⁹ VERÍSSIMO, 1878, p. 54 e 55.

2.2.4. “Visita a Monte Alegre”

O quadro pintado em “Visita a Monte Alegre” – outra narrativa de viagem publicada em folhetim em março de 1877 no jornal *O Liberal do Pará*, que comporia, juntamente com “Do Pará à Óbidos”, o primeiro capítulo do *Primeiras Páginas* – é similar ao de Óbidos, porquanto é claro o objetivo de estabelecer a especificidade do interior, das terras “distante-próximas” das grandes cidades. Este município é descrito, também, considerando-se a decadência de suas construções arquitetônicas e a falência do governo municipal. Biblioteca, agricultura, tudo por lá é sinal do estilo legado de seus antepassados:

É para o lugar, em relação com as outras que encontra o viajante n'essas regiões, um soberbo templo pela grandeza, que maior se torna junto das casas mesquinhas que o circundam [...] Pertence a este estilo de decadência que nos legaram os antepassados, a que alguns chamam de - Latino Luzitano.⁸⁰

O soberbo templo de decadência erguido nessa cidade é resultado de muitos anos sob o domínio português, que, segundo o escritor, tem consequências sérias no estado cultural da região, porque as pessoas de lá não sabem como conservar uma biblioteca e como abastecê-la com livros.

Um apello da municipalidade ás redacções dos jornaes, aos editores e livreiros, á todos os cidadãos emfim na província ou fora d'ella e dentro em seis mezes, um anno, dous annos mesmo treis as estantes cheias.⁸¹

Se, por um lado, a valoração da herança lusa acelerou o desequilíbrio cultural dessa cidade, em Óbidos, por outro o que a degrada é a empresa gomífera:

Há duas moléstias que atrasam regularmente a população do Pará e de todo o vale amazônico, são: a extração da borracha e a da castanha. Esta última grassava quando cheguei a Óbidos. Grassar é o termo, pois é uma verdadeira epidemia. Toda essa população pobre, miserável, sem indústria dirige-se para o Trombetas e seus

⁸⁰ *Ibid.*, p. 13.

⁸¹ *Ibid.*, p. 15.

lagos levada por negociantes falidos, ou quase, que não tem outro meio a lançar mão para levantarem-se, senão esse jogo de azar que chamam tirar castanha. Anos há que chegam ai e não encontram um ouriço só do tão apetecido fruto. E, no entanto a casa ficou abandonada, a pequena plantação de mandioca desprezada, a do fumo que estava, talvez, prometendo muito, morta.

E quando voltam, tristes, desconsolados trazem uma ou duas pessoas da família doentes, pois os lugares em que há castanha são, em geral, sesonaticos.⁸²

Definido como um lugar de moléstias, Óbidos e Monte Alegre parecem ser dominadas pelos grandes males da produção que tomou conta de quase, senão de todas, as províncias da Região Amazônica no início dos anos 70. A extração da borracha que provocaria o progresso dessas regiões, conforme o escritor, é motivo de decadência, porquanto todo o sistema de trabalho surgido dessa economia fomentou uma série de disparidades sociais e econômicas. Talvez, por isso, seu olhar seja mais crítico, buscando sempre no passado um elemento distintivo desse atual estado de degeneração. Nesse sentido, é assertiva sua crítica à dominação e à exploração social:

[...] esse sistema de trabalho que sem ser a felicidade de alguns é a desgraça de todos, pois nas indústrias extrativas se há algum lucro é para aquele que dirige e nunca para os assolados, que gastam ai o que ganham em festas e pagodes, não pode deixar de contristar a qualquer amigo da prosperidade desta província e muito mais a um filho dela.⁸³

É preocupante para um “filho de Óbidos” apenas vê-la como filho, mas ter de descrevê-la como estrangeiro, a partir de toda a exploração que é imposta a essas comunidades. De fato, ao enfatizar a existência de uma cidade arruinada pela ação de pessoas ávidas pelo lucro e indiferentes ao bem estar da população, Veríssimo enfatiza sua posição neste lugar.

Considerando que essa posição é definitivamente adotada por ele, pode-se afirmar que o que estaria, para ele, elaborado como exigência de total realismo, por meio da adoção dos métodos etnográficos difundidos pelas novas ciências, passa a ser incorporado por sua própria experiência, ou memórias, numa espécie de idealização do passado, diferente das dos românticos, no entanto, a quem interessa

⁸² *Ibid.*, p. 47.

⁸³ *Ibid.*, p. 50-51.

desvendar a nacionalidade por meio de uma origem pura, particularmente, sem rasuras ou defeitos.

O excerto a seguir é esclarecedor da ação ou do sentimento de pertença do narrador para com aquela localidade. Nesse momento, em que chama a atenção de seus leitores, o visitante não parece ser mais aquele estrangeiro de outrora, preocupado apenas em sinalizar “de fora” a paisagem virgem da Amazônia. Ele se compreende como um agente que quer interferir no rumo da história para a reconstrução da cidade em ruínas. Ele e o povo, os relatos “fiéis” deste, são o instrumento de “salvação”:

Chego ao termo da missão que me impuz de alinhar – com mão vacilante este folhetim que a ilustrada direção do Liberal teve a bondade de acolher. Faço votos pela prosperidade desta terra que é minha. O município de Óbidos está reservado a ser um dos mais importantes desta província. E a agricultura esta destinada a dar-lhe esse lugar.

Custa-me a explicar um fato que se dá aqui no interior: é que localidades aliás magnificamente situadas, outrora florescente, estão hoje decadentes.⁸⁴

Alinhar, lembrar, resgatar o passado e propor um projeto de futuro é o papel que o escritor atribui a si. Todavia, todo esse trabalho merece atenção especial, principalmente, porque, segundo o narrador, alguns estudos estrangeiros “falseiam” toda imagem do interior do Brasil e, sobretudo, a imagem e os costumes da população.

Nessa perspectiva, a bordo de um navio, o narrador de “Do Pará a Óbidos” relata sua experiência de leitura do livro de um escritor português, que lhe chama atenção desde o título. Trata-se de “Os Selvagens” de Francisco Gomes de Amorim que, conforme Veríssimo, o decepciona, porque o transporta “ao seio de uma tribo selvagem, cercado por uma natureza luxuriante, a ouvir as figuras de imaginações criadas por um sol esplendido, assistindo as lutas épicas de uma raça”, que em nada apresenta de “cor local”:

Não faço crítica, aponto somente as minhas impressões de uma primeira leitura; por isso não acompanharei o livro. Falta de cor local, ausência completa das cenas da natureza no palco em que se

⁸⁴ *O Liberal do Pará*. “Do Pará a Óbidos”. 17 de maio de 1877.

representa a ação do romance, e o caráter do selvagem inteiramente falseado – tais são os principais defeitos dessa obra.⁸⁵

Talvez, uma das causas por que Veríssimo tenha optado em elaborar narrativas sobre os costumes locais resida na divergência com relação a esse tipo de ficção, do qual o maior exemplo é o livro de Francisco Gomes Amorim. O relevante é o reconhecimento contínuo de traços raciais e sociais comuns à região descritas por Veríssimo, que, como se a observação não pairasse somente em costumes, há a caracterização do tipo indígena, negro e mestiço a partir da posição social que cada grupo ocupa na sociedade, formando uma matéria cultural heterogênea que cabe ao escritor estudá-las e formalizá-las em seus escritos.

Com a revelação desses tipos culturais e raciais, há um passo fundamental nos estudos sobre o Brasil. A primeira adequação às teorias européias, assim, conclui-se, porque o tipo brasileiro é tratado como um elemento vivo determinado por causas culturais, econômicas e raciais. Assim, não é por acaso que uma vasta denominação de tipos oriundos da empresa gomífera: seringalista, regatão, seringueiro, lavadeira etc. aparecem em “Do Pará a Óbidos”, “O Serão” e em “Visita a Monte Alegre”.

De modo geral, a matéria constitutiva dessas narrativas, próprias da crônica, registra o cotidiano e os costumes advindos das relações de exploração social e econômica a que foram sujeitos os povos dos interiores da Amazônia. Há, nesse sentido, uma explícita necessidade de diferenciá-los da capital, que parece estar toda modificada devido às modas advindas da Europa.

A volta ao interior seria, nesse sentido, não somente um retorno ao passado histórico e cultural da região amazônica, mas também, sobretudo, a valorização de uma cultura popular, agora, miscigenada e a nova representante da nacionalidade brasileira,

Não é nos centros da população, onde a civilização já os obliterou, que se ha de ir estudar os costumes de uma raça. Os costumes, como a linguagem e as crenças, das raças cruzadas do Pará, precisam ser estudas ahi onde ellas se conservam puras de um forte contacto com a civilização, ahi onde a arte não veio mudar ainda o seu modo de viver semi-selvagem.

É entre os mais humildes, porem, mais genuínos, representantes das raças mestiças dos tapuios e mamelucos, d’essa gente para

⁸⁵ VERÍSSIMO, 1878, p. 30.

quem a civilização foi madrasta e que na profunda miséria do seu viver parece ainda guardar os signaes dos soffrimentos por que passaram seus antepassados, que vive da sua primitiva lavoura de maniva, pescando ou caçando nas águas dos nossos rios immensos[...] remando a canoa do regatão ou tirando seringa ou castanha, que vamos estudar os costumes das raças cruzadas no Pará.⁸⁶

Isso ocorre, porque Veríssimo, diferente de Franklin Távora, considera o mestiçamento racial para se discutir nação e não a Região Norte como representante exclusiva de uma nacionalidade, afinal, “em lugar do bairrismo –e que é um vicio, eu peço-lhes patriotismo – que é uma virtude”⁸⁷

2.3. As Crônicas Teatrais - um retorno à cidade

Até 1878, o Pará não contava com um estabelecimento público para a realização de eventos teatrais. Nessa época, era de se estranhar a ausência de um grande monumento que fizesse jus a toda modernização cultural vivenciada pela Amazônia com a extração do látex. As empresas de teatro que vinham, em sua maioria, do Maranhão apresentavam-se nos modestos espaços do teatro “Providência” e do “Casa da Ópera”. A inauguração no dia 15 de fevereiro de 1878 do Teatro da Paz marcaria não somente a fundação de um lugar, na Amazônia, em que a moda parisiense pudesse aparecer; mas também o estabelecimento de um espaço público representativo da atualização cultural que experimentava o mundo europeu.

No entanto, nem todos eram concordes em afirmar somente maravilhas do Teatro, ou da movimentação cultural que ele provocou. O escritor João Affonso do Nascimento, na obra *Tres séculos de moda*, publicada em 1976, afirma:

De fato, a moda, na vintenta de 50 a 70, encaminhava-se a largos passos para os mais absurdos disparates, talvez prenunciativos de alguma calamidade, tal qual já assistimos, nos derradeiros anos do século antecedente, presenciando as loucuras da fina nobreza, precipitando-se cegamente da Revolução.⁸⁸

⁸⁶ *Ibid.*, p. 197-198.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 61

⁸⁸ João Afonso *apud* SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**. Tomo I. Belém: UFPA, 1994, p. 70

O testemunho dado por esse escritor foi previsto por José Veríssimo em 1878, quando, provavelmente convidado pela direção d'*O Liberal do Pará*, publicou, aos domingos, vários textos entre os meses de fevereiro e julho, sob o epíteto de “Crônica Teatral”. Esses textos são crônicas⁸⁹ enviadas à redação do jornal com o intuito de apresentar críticas sobre cada espetáculo teatral do recém-inaugurado Teatro da Paz.⁹⁰

Os comentários eram construídos sopesando-se desde a estrutura física do local até a escolha da peça teatral mais apropriada para a noite.

Até que afinal! Não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe. Este pensamento popular é de inteira aplicação aqui. A primeira parte diz respeito ao público, ao tesouro provincial, ao arrematado da obra, etc; a segunda aos honrados senhores que tem tido a fortuna de serem engenheiros fiscais e... a muita gente mais. Foi antes de ontem, 15 de fevereiro, deste bem aventurado ano de 1878, que aquele monstro abriu as janelas a todos nós que queríamos ver o que se passava nas suas entranhas. Era o dia marcado para a abertura da assembléia provincial. Eram dois teatros que as deviam abrir. Abriu se um só. Ainda bem. Lucraram todos e muito principalmente os que pagam impostos. Eram oito horas da noite e os largos corredores, o grande salão, a vasta platéia, os camarotes de todas as ordens estavam cheios, e literalmente cheios.⁹¹

A companhia contratada pelo Presidente da Província foi a do ator pernambucano Vicente Pontes de Oliveira, que traduziu o drama “As duas órfãs”, do

⁸⁹ Essa acepção é consoante à definição de crônica estabelecida pelo jornal e pelo o que José Veríssimo definirá como crônica, conforme se verificará na análise.

⁹⁰ O discurso do presidente da província define a grandiosidade do feito: “Este edifício foi recebido definitivamente, tendo sido em data de 15 de fevereiro lavrado o termo competente, e devendo o Tesouro Provincial, segundo o acordo celebrado em 18 de agosto do ano passado entre esta Província e o empreiteiro das obras do mesmo Teatro, mandar proceder e o arbitramento, a que se referem algumas cláusulas do referido acordo. Autorizei, o Diretor do Arsenal de Guerra a comprar uma bomba de apagar incêndio para o serviço do teatro e já se acha a mesma ali colocada e preparada com todos os acessórios respectivos. Recomendei igualmente ao Engenheiro da Província Guilherme Francisco Cruz que orçasse a despesa com a colocação de um pára-raio para o mesmo Teatro, bem como para outros edifícios provinciais. Em 5 de outubro ultimo contratei, com o artista dramático Vicente Pontes de Oliveira, a iluminação, decoração, cenografia e acessórios de cena do mesmo Teatro, e mais obrigando-se ele durante 5 anos a dar, com uma companhia organizada por si ou por outrem, espetáculos dramáticos, tudo mediante a indenização pela Província da quantia de 40:000\$000 réis, paga em quatro prestações. Em virtude desse contrato, foi o Teatro inaugurado em 15 de Fevereiro último. Relatório Provincial, sob a Presidência de João Capistrano Bandeira de Mello Filho, 1878, p. 90. In.: Pará. Relatório do Exmo. Doutor José Joaquim do Carmo, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de abril de 1878. Pará: Typ. da Província do Pará, 1878. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm>. Acesso em 15 mar 2008.

⁹¹ *O Liberal do Pará*. “Chronica theatral”. 17 de fevereiro de 1878.

escritor francês A. Dennery. Antes, porém, de iniciar a apresentação dessa peça, Veríssimo descreveu ao leitor os momentos prévios a esse evento.

O salão requintado, as classes dos “senhores que tem tido a fortuna de serem engenheiros fiscais”, tudo estava num mesmo local fazendo parte de um cenário importante da história cultural da Amazônia, o qual parecia ter demorado vir a tona por causa da má distribuição de renda, algo bastante discutido por todos setores sociais desde o projeto de sua instalação na década de 60. As pessoas que compuseram esse cenário de luxuosidade faziam parte do momento seguinte do espetáculo:

As senhoras, as mais belas e mais distintas representantes do sexo, amável e amado, as divas do ‘high life’ paraense, arrastavam pelo salão, com negligente elegância, as longas caudas dos vestidos de seda cor de rosa ou azul claro, ou de veludo cor de sangue enfeitado de cetim ‘gris poble’, e rendas valencieunes [sic] da mesma cor, ou ligeiramente encostadas ao balcão dos camarotes pegavam de leve o binóculo de madrepérola e passavam rigorosa revista crítica às ‘toilettes’ das outra senhoras⁹².

Junto a essas damas da alta sociedade e “aquele rumor da multidão, as flores [que] faziam uma agradável e desudada impressão, pairava o esquecimento do velho teatro ‘Providência’, um dos mais antigos da província e o que, naquela noite, ouvia a música de saudação de seu antecessor e o seu funeral”⁹³. Ainda, conforme essa música de beleza pairando sobre o ar, o escritor não se eximiu de dizer sobre a arquitetura do lugar:

No meio daquele luxo, daquele esplendor, só uma coisa era feia, o teatro. Se exteriormente o Teatro da Paz é desajeitado e em contrário a todas as regras de arquitetura, interiormente é nu, sem arte, sem gosto, sem riquezas, sem luxo.

É um edifício que se quer dizer o primeiro do império, no seu gênero [...] o papel que forra os camarotes é o mais ordinário e feio possível, os balcões dos camarotes são de madeira [...] o teto é de lona pintada grotescamente, com umas figuras de deusas ou gênios que parecem saloias [...]

A primeira reforma a fazer neste teatro é a do teto. Por Deus! Tire-se aquilo dali! Pintem-no antes todo de branco, mas não deixem a fazer nos vergonha aquele pano feio e aquelas figuras Lediondas, mais

⁹² *Ibid.*

⁹³ *Ibid.*

próprias para barraca de feira de segunda ordem do que um teatro qualquer. Levem aquilo para algum barracão de Nazaré.⁹⁴

A crítica à estrutura do edifício é, sem dúvida, marcante: “mude-se tudo”, afirma o escritor, num tom de quem não tem medo de represálias – “A primeira reforma a fazer neste teatro é a do teto. Por Deus! Tire-se aquilo dali!”⁹⁵. A expectativa, realmente, não correspondeu aos fatos e o teatro, naquele dia, brilhou pelo mau gosto. Porém, no momento do Hino Nacional, a crítica se acirra, debatida, principalmente, contra a autoridade do país e os seus representantes na Província:

O retrato do imperador ficava no meio da cena sobre um alto pedestal, rodeado de flores.

Acabado que foi o hino, ouvido, como de costume, de pé, o presidente da província ergueu uma viva ao imperador, à família imperial, à religião do Estado, à nação brasileira e ao povo paraense que, com exceção deste dois últimos, diga-se de passagem, foram muito mal correspondidos. O senhor chefe de polícia ergueu um viva, que ecoou entre os assistentes, ao presidente da província.⁹⁶

Ao final de todo esse “espetáculo” em que as instituições do Império são agraciadas pelos súditos da província e não pela nação brasileira e pelo povo paraense, começou-se, enfim, a “grandiosa” peça, escolhida, conforme o escritor, sem critério algum: “entendemos que não sendo possível obter um drama de assunto paraense para esse fim, era mais próprio escolher um drama de autor brasileiro do que outro qualquer”. A ausência de uma obra brasileira justificou, dentre outras coisas, a falta de mérito literário do drama francês, o qual, “como o classificou o programa, um drama sentimental, sem grande mérito literário, brusco as vezes, tendo em vista unicamente uma coisa: prender, por comoção precipitada, a atenção do espectador”.⁹⁷

Utilizando as palavras do crítico Manoel Antonio de Almeida, Veríssimo, na crônica teatral do dia 10 de março de 1878, apresenta uma série de argumentos a favor da “crítica racional”, defendida por aquele escritor. Um seria o próprio embate enfrentado por aqueles que fazem da crítica racional um meio mais “leal” de se julgar uma obra.

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ *Ibid.*

⁹⁷ *Ibid.*

Afirmam estar sendo o teatro contaminado pelo que se dá nas letras, isto é, um jogo de interesses entre donos de companhias e alguns nomes da imprensa periódica, que, fazendo da arte um espetáculo comercial, acabam por corromper o “bom gosto”: “porque não podemos aceitar para juizes de arte os mesmos que transformam-na em empresas comerciais”.⁹⁸, ou seja, a obra de arte opõe-se ao produto comercial.

Baseado nesta consideração, Veríssimo apresenta o método que o acompanhará:

Não temos pretensões aqui a mestre ou a crítico. Isto que o leitor tem neste momento a paciência de ler é, como diz o título, simplesmente uma crônica.

Entendemos dever acompanhar, ao menos na presente estação teatral, as primeiras representações do teatro da Paz e registrar não só as nossas impressões próprias, como de alguma sorte de ser (?) do público, cujas apreciações não servirão só para reforçar o nosso juízo, senão também para esclarecer o nosso julgamento.⁹⁹

A definição do método de análise do escritor perpassa, antes, pela elaboração retórica de seu próprio discurso, porquanto, embora não tivesse a pretensão de crítico, visto estar escrevendo crônica, atribuiu a si mesmo o direito de julgar:

não encetamos esta serie de crônicas de que esta é a segunda, com o propósito de lisonjear nem atores, nem autores, nem empresários, nem atrizes, nem público [...] seremos severos, sem contudo deixar de ser justo ou imparcial [...] não temos a honra de estreitar nenhuma relação.¹⁰⁰

Comparando a última peça com a anterior, Veríssimo a considerava significativa por apresentar elementos da escola realista – os acontecimentos e as relações sociais mantidas entre os personagens estão “a altura de um realismo verdadeiro”, o qual somente se perde quando da caracterização inverossímil de um personagem:

⁹⁸ *O Liberal do Pará*. “Chronica theatral” de 10 de março de 1878.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ *Ibid.*

O sr. Mendonça [não foi] dos piores, tornando-se apenas censurável por aceitar um papel que não está na sua índole e pelo modo porque estava caracterizado, que tornava o seu papel quase inverossímil, pois nos parece um homem de idade madura, quando o papel exige um moço [...]

Na terceira crônica, Veríssimo começa a caracterizar a importância dos elementos constitutivos das peças teatrais. O primeiro seria o público, seu gosto estético, a clareza na percepção dos integrantes de uma peça, toda uma obra, enfim, que dependendo do grau de instrução pode ou não persistir divulgando um gosto estético insuficiente. Nesses termos, o autor paraense defende que o artista não pode se sujeitar a esse público sem gosto.

É verdade, mas é necessário, muitas vezes, perdoar o artista obrigado por um público de gosto estragado a sair do cômico para o grotesco, e forçado a deixar de ser ator para fazer de 'cloun'. É incontestável que, melhor do que, nenhuma outra escola, é o público quem faz o artista. Mas como pode um público que tem gargalhadas para alguma meia obscenidade ou reticência escandalosa, dirigir um ator obrigado, sob pena de tornar-lhe desagradável, a seguir-lhe os juízos filhos unicamente de sua 'pouquidade estética'?¹⁰¹

O autor continua afirmando sobre a distorção de um gênero de arte que depende de como o artista relaciona-se ao gosto do público, ou seja, se o gênero se pretende cômico, provavelmente, falaria mais ao grotesco, pois somente assim o espectador compreenderá a peça.

[...] além dos muitos enxertos que por conta própria fizeram os atores na peça de Macedo, lembrou-se a empresa de terminá-la com um 'samba ou batuque' mais próprio do circo de cavalinhos, ou coisa que o valha, do que de um teatro sério. No entanto, para vergonha do nosso público, foi essa parte mais aplaudida da comédia.¹⁰²

Outra temática de suas crônicas diz respeito à falta de obras nacionais no palco paraense que se queria modernizado. Parece que justamente, por Belém estar vivendo a fase áurea da borracha e reproduzir um estilo de vida à maneira da

¹⁰¹ *O Liberal do Pará*. "Chronica theatral" de 17 de março de 1878.

¹⁰² *O Liberal do Pará*. "Chronica theatral" de 31 de março de 1878.

França, Veríssimo enfatiza a questão da nacionalidade, ou melhor, discute a representatividade que essa terá para a formação da sociedade de maneira geral.

A arte, segundo ele, procurando realizar-se por meio do belo, almeja evidenciar todos os nossos sentimentos e paixões, auxiliando, portanto, na nossa compreensão como seres humanos. No entanto, não se deve figurar apenas isso. Como arte, deve partir de um realismo conformado de fatos da vida e de paixões próprias aos humanos:

Não sou dos que chamam o teatro de escola e dos que falam da santidade da arte. Não, para mim é o teatro tanto escola, como o jornal, como o livro, ou outro qualquer meio de comunicar os pensamentos, ou ainda de realizar o belo, supremo desideratum da arte, como a música e a pintura. O teatro, um dos modos de ser da arte, tem também esse fim; procura a realização a realização do belo por todos os meios possíveis, desde o cômico até o trágico, servindo-se de nossa vida, das nossas paixões.¹⁰³

Observa-se, no trecho acima, que a concepção de arte, para Veríssimo, escapa das fronteiras do suporte em que ela é divulgada. Indo do jornal, passando pelo livro, até o teatro, sua função maior é cumprir uma coerência interna, isto é, fazer jus à verdade do assunto exposto. Caso se quebrasse esse sentido realista, não se teria verdade, muito menos, ensinamento: “Avassalado pela escola realista ele [o teatro] diz a verdade, ora na verdade há sempre um ensinamento”. Todavia, somente a cada escritor, “a cada um compete aproveitá-la como lhe parecer melhor”, uma vez que, “o papel de pedagogo fica mal ao dramaturgo”.¹⁰⁴

Continuando, na crônica do dia 31 de março de 1878, Veríssimo é ainda mais incisivo ao tratar da arte teatral. Faz um esboço atual do que a “pintura medíocre”, o “exagero do colorido”, “mais do que a verdade da natureza exige e as regras da arte prescrevem”, podem afetar o “organismo intelectual”:

Na época em que vivemos, parece morta a ‘vis cômica’. As causas disso não indagamos agora. Faltando-lhe no seu organismo intelectual essa veia, os modernos escritores da comédia, com poucas senão honrosas exceções, não temem lançar mão de situações impossíveis, contanto que pareçam ridículas, de reticência obscena ou da gíria menos decente para provocar o riso” [...] com

¹⁰³ *Ibid.*

¹⁰⁴ *Ibid.*

pilherias, com menos termos, embora em tudo isso não haja nem ensino e, o que mais é, nem verdade.¹⁰⁵

Esclarecida a urgência pela escola realista e, a partir dela, criticada a inverossimilhança dos recursos que o autor utilizou para produzir o riso e requerida a ficcionalização das formas brasileiras, Veríssimo esclarece o que, para ele, seria uma obra representante da verdade. Nessa mesma crônica, afirma: “Tivemos uma peça brasileira. ‘A Torre em Concurso’, uma das mais espirituosas comédias de Macedo”, que, por meio de uma linguagem simples, referencia o que realmente deve ser criticado da sociedade brasileira: o atraso das províncias devido o depotismo político.

A nossa vida eleitoral, com todos os seus ridículos acha-se ali perfeitamente retratada. Naquele quadro há de tudo desde a duplicata, a cabala, a compra de votos, até a quebra da urna. Os tipos do juiz de paz, do subdelegado e de Manoel Gonçalves, (influencia eleitoral), são verdadeiros e perfeitamente descritos; só os poderá desconhecer quem não conhece os lugarejos do interior de nossas províncias onde aquelas figuras imperam, com seu tolo despotismo enervado a vitalidade material e moral da terra que tem a desgraça de tê-los em seu seio. Alto! Lá ia eu metendo-me nos intrincados labirintos das considerações políticas, alheias ao meu programa.¹⁰⁶

Ao cabo de três peças teatrais, pareceu, enfim, serem lidas as críticas de Veríssimo à companhia de Vicente Pontes de Oliveira. Quando afirma que se eximiria de tratar sobre “intrincados labirintos das considerações políticas”, ele enfatiza ainda mais essa negação no intuito de assim o público leitor prestar atenção à calamidade política da região, atentando, conseqüentemente, para a caracterização de um personagem político:

Coube ao sr. Mendonça interpretar o caráter de Diogo Travassos, o político corrompido e cínico, como muitos que eu e tu, leitor, conhecemos, para quem a política é um meio de vida mais ou menos lícito [...] e ele tinha a obrigação de ser eloqüente, pois era um parlamentar chefe de uma posição que daqui a pouco devia fazer cair a situação dominante.¹⁰⁷

¹⁰⁵ *Ibid.*

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ *Ibid.*

Para Veríssimo, toda essa caracterização fez desse personagem o mais realista, porque, cumprindo com a veracidade dos fatos, chamou atenção para a situação política. Veríssimo retorna aos interiores, afirmando serem esses os mais prejudicados pelas ações pouco políticas de seus governantes. De maneira geral, foi esse o drama da nação que não viu cara, gosto ou grau de instrução, mas que se prevalecia de uma organização política, sobremaneira, excludente.

Resta comentar que o processo de eleição nos municípios da Província do Grão Pará sempre foi acompanhado de muitos conflitos entre os votantes dos partidos políticos. Muitos que estavam contra a eleição dos Juizes de Paz e dos Vereadores sofriam represálias do corpo da polícia a mando do Presidente da Província. No relatório provincial de 1878, esses acontecimentos são propagados, em detrimento do objetivo maior: fazer cumprir, por meio dos Juizes de Paz e dos vereadores, a voz do Presidente:

Nesse novo prazo não foi ainda possível realizar-se a eleição por ter sido suspenso o respectivo processo logo no começo, em consequência de ter sobrevindo um grande conflito entre os votantes, do qual resultou serem alguns espancados e feridos, e inutilizado e lançado ao rio o livro das atas da eleição.¹⁰⁸

Na verdade, a questão é simples: quem não fizesse parte do partido político do presidente da província Bandeira de Mello Filho, sofreria represálias.

Assim, como em “Do Pará a Óbidos” e em “O Serão”, nas críticas teatrais, o ponto de discussão parte de uma problematização político-social, ratificada pela interferência, sempre, de um elemento externo: o português, diretamente, com a catequese; a economia gomífera do qual é dono o seringalista, sendo a maioria colonizadores; e a “modernidade” vinda de França que tornou a vida da capital paraense superficial e cheia de vícios.

Todo esse movimento de Veríssimo, adequando a sua linguagem à benquerença dos leitores ou à gravidade, a seu ver, do assunto, é definido por um campo de observação amplo à maneira do jornalismo da época. Um jornalismo que, se em essência, estava para a venda da notícia, não escapou daquele jogo

¹⁰⁸ Pará. Relatório do Exmo. Doutor José Joaquim do Carmo, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de abril de 1878. Pará: Typ. da Província do Pará, 1878, pp. 8-9. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

balbulciante de escritores, que “soltando a língua e obrigando precisamente a não ficar de olho [só] em Paris, mas também baixá-lo para ver e daí falar do que vai por aqui [Brasil]”¹⁰⁹

2.4. “O Cântico dos Cânticos”

“O Cântico dos Cânticos”, texto de Veríssimo, publicado durante três dias, 28 de julho e 8 e 9 de agosto de 1878, também pelo jornal *O Liberal do Pará*, trata-se de um estudo acerca da tradução do “Cântico dos Cânticos”¹¹⁰, realizada pelo folhetinista Carneiro Vilella do “Diário do Gram-Pará”¹¹¹, a partir da qual Veríssimo tece uma série de considerações.

A primeira diz respeito à própria versão empreendida pelo folhetinista que traduziu para o português, em verso, conforme Veríssimo, “o canto hebreu chamado o Cântico dos Cânticos”¹¹². Antes, porém, de iniciar sobre as dificuldades em se traduzir uma obra de tal porte, comenta:

No meio do marasmo literário, (?) que nos parece incurável, do nosso viver da província, é consolador ver aparecer um escritor, um trabalhador assaz corajoso, para lutar e afrontar com a inveja de uns e a indiferença de todos. O meio provincial não é, cremos, favorável às letras; as causas, não as indago. E no Brasil lava a esse respeito, um desânimo verdadeiramente desconsolador.¹¹³

Em meio ao marasmo literário, o empreendimento de Vilella é considerado grandioso, pois deu notícia de uma valiosa produção literária. Em seguida, o crítico afirma ser esse estudo um “dever nosso, [dar] notícia desta produção literária, [porém] não queremos fazer uma profunda crítica para o que nos sentimos sem forças”. Conclui, afirmando “diremos o que nos pareceu bom e o que nos pareceu

¹⁰⁹ MEYER, op. cit., p. 152

¹¹⁰ Esse texto tem sua autoria dúbia, atribuída a Salomão ou ao agrupamento de Sapienciais.

¹¹¹ Diário do Gram-Pará: “Folha comercial, noticiosa e literária. 1853-1892. Pará, Tip. Commercial (...) Primeiro jornal que saiu quotidianamente. Foi fundado por José Mendes Cavalleiro, seu principal redator, e Antônio José Rabello Guimarães, ambos portugueses”. Conferir referência completa em BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da adesão do Pará à Independência política do Brasil. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1973.

¹¹² *O Liberal do Pará*. “O Cântico dos Cânticos” de 28 julho de 1878.

¹¹³ *Ibid.*

mal, sem elevação de ideias ou profundidade de crítica, está visto, porém procurando ser justo”¹¹⁴.

O início da análise configura-se a partir de uma ressalva. Diz respeito à “tradução em prosa literal” que, segundo o crítico, apesar de útil às vezes, afeta a composição como um todo. Essa, todavia, encaminharia melhor o significado da obra do que a tradução em verso, o qual

força muitas vezes o autor a introduzir na tradução frases inteiras que faltam no original traduzido em prosa, (como o conhecemos), tirando-lhes portanto a concisão, que é sem dúvida uma das mais reais belezas do canto hebreu.¹¹⁵

Comparando essa tradução a uma outra, feita por Ernest Renan, aponta-se para o “enfraquecimento” da primeira porque “a rima obriga a uma repetição de palavras”. Não obstante, em alguns vícios oriundos do falar próprio dos pernambucanos, conclui o crítico, o folhetinista produziu versos de qualidade, “vertido [“ Cântico dos Cânticos”] em verso português”.

Ao final do texto, explica o que deveria ser aperfeiçoado pelo tradutor, apontando, sobretudo, a necessidade de pesquisa sobre a origem do “Cântico dos Cânticos”. Afirma, ao lado disso, a escassa recepção do mesmo:

Temos, antes de terminar, de fazer dois reparos ao ilustre tradutor. Entendemos que ele devia preceder a sua tradução de algumas notas sobre o plano do poema [...] causou-me também reparo que o tradutor continue atribuindo a Salomão, a autoria do poema, quando Renan, com seus iluminosos argumentos e com autoridade de orientalista, provou ser esse poema composto depois da morte do filho de David.¹¹⁶

Tais considerações revelam um importante movimento, o qual, pode-se afirmar, corresponderia ao que Veríssimo denominaria posteriormente de “modernismo”, definido como uma reunião de diferentes eventos que interfeririam na mentalidade da emergente nação brasileira. No caso específico dessa tradução, a ausência de um estudo baseado em teóricos modernos, como Ernest Renan,

¹¹⁴ *Ibid.*

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ *Ibid.*

provocou em Vilela o erro de, ainda, atribuir a Salomão a autoria dos tais “Cânticos”, no entanto Renan, com “a autoridade de illustres orientalistas”, provou que esse poema composto depois da morte do filho de David. Antes de terminar a “humilde opinião sobre [essa] versão”, continua o escritor:

Esse belo trabalho, sei, vai passar desapercibido pela indiferença e pela ignorância, as terríveis inimigas das letras. No meio das efervescências das lutas políticas atuais, poucos o lerão, mas os que o fizerem terão a consolação de poder afirmar que a poesia conta no Brasil mais um distinto cultor.¹¹⁷

Para Veríssimo, nesse meio, onde reina a indiferença e a ignorância e onde as lutas políticas são o tópico de discussão, seu artigo e o trabalho de Vilela finalizariam por aí mesmo. Seria esse mais um toque de retórica para angariar leitores? Ou, realmente, não havia quem lesse os artigos saídos em folhetim de um escritor que já havia feito sucesso com as crônicas teatrais e publicado um livro, o *Primeiras Páginas*, em 1878?

Quem publicava em folhetim, pressupunha-se que teria leitores, uma vez que esse espaço tinha um público quase cativo. Veríssimo não era exceção. Por isso, repercutiu na imprensa da época sua afirmação de que aquele cântico, texto religioso consagrado pelos católicos, não seria de Salomão, mas de origem hebraica.

As palavras de José Veríssimo tiveram forte repercussão junto à Igreja Católica. Dessa forma, imagina-se Dom Macedo da Costa¹¹⁸, bispo de Belém e um dos principais personagens da Questão Religiosa, de 1870, folheando aquele periódico de cunho Liberal, partido cuja “ascensão veio trazer viva inquietação a todos os homens sinceramente catholicos. S. Magestade o Imperador escolheu para dirigir a (?) administração do paiz liberaes da vanguarda, propagandistas de ideas anti-catholicas”.¹¹⁹

¹¹⁷ *Ibid.*

¹¹⁸ D. Antônio de Macedo Costa foi Bispo do Pará. “Dos 67 anos do Império, Romlado Coelho e Macedo Costa o Bispado paraense 50 anos ligado aos mais importantes acontecimentos da vida local. Uma delas foi o melhoramento do clero, a intensificação de obras religiosas. Participou, juntamente com Dom Vital da Questão Religiosa. Conferir mais detalhes em BORGES, op.cit., pp. 140-150.

¹¹⁹ *A Boa Nova*. 1871-1883. Pará. Tip. da Estrella do Norte. 13 de fevereiro de 1878. p. 1. Coluna “Os horizontes políticos”.

Pois, aconteceu que Dom Macedo, dono do jornal religioso *A Boa Nova*, principal propagador de ideias católicas na Província do Pará, solicitou que se publicasse uma resposta ao “jovem José Veríssimo” e, no dia 31 de julho de 1878, saiu, na coluna Secção Religiosa, o seguinte artigo:

Authenticidade do Cântico dos Cânticos

Espíritos ha que na effeescencia dos annos, julgam que de tudo podem fallar, e sobre tudo escrever, com um tom magistral que não podemos conceber.

[...]

É assim que a traducção do Cântico dos Cânticos feita pelo Sr. Dr. Villela foi o pretexto para o jovem José Veríssimo negar no folhetim do ‘*Liberal do Pará*’ que foi Salomão o autor do Cântico dos Cânticos.¹²⁰

José Veríssimo que, por essa época, experimentava, realmente, tratar sobre tudo que havia realizado, inclusive, severas críticas sobre a catequização e a exploração social oriunda da empresa gomífera, arguia, com retórica, mas sem pseudônimos, o que lhe era conveniente, ou melhor, o que, no seu ponto de vista, fosse chamar atenção daquele meio provinciano ignorante, inimigo das letras. Em 8 de agosto aparece sua réplica ao artigo da *A Boa Nova*:

Um trecho que escrevemos no nosso folhetim, a propósito da recente tradução do Cântico dos Cânticos, pelo ilustre sr. dr. Carneiro Vilella, provocou na redação da Boa Nova, um artigo com o título – Authenticidade do Cântico dos Cânticos – em que não se ataca somente a nossa opinião, mas em que, de envolta com inverdade a que é estreita essa folha, vem uma lição que não pedimos e que não aceitamos.¹²¹

Se não fosse a repercussão das afirmações de Veríssimo no folhetim do dia 28 de julho de 1878, esse se reduziria a um único texto, como havia previsto o escritor. Seria mais uma notícia sobre uma obra publicada na imprensa do que propriamente uma “profunda crítica”. Alguns o leriam e, assim, estaria feita a parte do crítico preocupado em informar seu aparentemente reduzido público. No entanto, os leitores d’*A Boa Nova* estavam dispostos a contrariar o que Veríssimo havia

¹²⁰ *A Boa Nova*. Coluna “secção religiosa” de 31 de julho de 1878.

¹²¹ *O Liberal do Pará*. “O Cântico dos Cânticos” de 8 de agosto de 1878.

chamado de “indiferente” público da província, refutando-o por meio do artigo “Autenticidade do Cântico dos Cânticos”.

Assim, o que seria apenas uma contribuição, acabou se tornando uma efetiva batalha entre redação, escritores e jornais, ou seja, uma luta representativa do que os escritores oitocentistas mais combatiam nas antigas instituições: o poder de limitação ao espírito novo. Coerentemente, Veríssimo defendeu sua posição, baseando-se em Ernest Renan. Confirmou o que havia dito e, ao longo do texto, descreveu procedimentos e discussões em torno de ciência e do “status quo” das “Instituições teológicas”:

Firmados na incontestável autoridade de Ernest Renan, dissemos que o cântico dos cânticos não era obra de Salomão; dissemo-lo, porém, com toda seriedade e convicção, sem gracejos ou insultos. A Boa Nova, entretanto, não quis ver aí senão ‘um mero gracejo’ ‘filho de um espírito que na efervescência dos anos, julga que de tudo pode falar e sobre tudo escrever, ‘crítico inconsciente que negando a autenticidade de um livro, tido por canônico, nega o bom senso e outras iguais amabilidades’.¹²²

Continua:

Se essa folha soubesse o que escrevesse não diria isto [...] é contra esta inverdade e pequena calúnia que eu protesto. Não é hábito meu, nem esta na minha índole gracejar de cousas respeitáveis. O momento de uma antiga literatura, hoje morta, que grande número de homens crêem como sagrado, crença em que houve tempo que partilhei, não é coisa que se brinque. É sempre com muito respeito, nunca sem temor, como diz nobremente Renan, que se ergue as mãos sobre esses textos sagrados (?) as esperanças da eternidade, nem que se retifica, em nome da ciência crítica, esses contra-sensos seculares [...]¹²³

Não obstante, a “calúnia” desse jornal de cunho religioso, concluiu o crítico, o que importa é perceber essa opinião como uma forma de apresentar os fatos seguindo uma lógica “científica”, empírica:

O mais que disse a Boa Nova a nosso respeito, não nos ofende; é a opinião de que nós faz – opinião que má não nos desonra, que boa

¹²² *Ibid.*

¹²³ *Ibid.*

não nos honra. Vejamos agora como combate o órgão clerical a opinião de Renan e de outros críticos, partilhada por nós.[...] dizer que um livro é autêntico quando é vulgarmente atribuído a tal autor, é nada menos que rejeitar de uma vez essa ciência, esse fecundo instrumento de verdade – a Crítica.¹²⁴

Em seguida, Veríssimo apresenta seus contra-argumentos e descreve o método da “lógica escolástica” oriunda da redação da “Boa Nova”. Afirma que tanto os pressupostos de Bonal, utilizados por aqueles escritores, quanto às premissas, por eles, defendidas e embasadas no padre Glaire são, por assim dizer, “a-críticas”, por dois motivos principais:

Demais o padre Glaire, ou a igreja por ele, destrói todos os críticos do mundo, como vemos adiante, com uma única palavra – é um ímpio, diz. Este método é cômodo e fácil. Mas o mesmo padre Glaire, parece-nos aceitar a tal autenticidade do Cântico, somente por acompanhar a tradição e não por convicção feita pelo estudo.[...] ela [a igreja] não faz mais do que transcrever um trecho que resume o seu artigo todo. Melhor fôra dizer – a igreja, que é infalível, mandou crer assim.¹²⁵

Ao terminar seu texto, Veríssimo afirma: “Agora **permita** a redação da *Boa Nova* que eu abra diante dos seus olhos as páginas do livro de Renan sobre o Cântico”. Essa afirmação, feita ainda no dia 8 de agosto, seria uma resposta à mesma redação d’*O Liberal do Pará* que pareceu, por represálias, ser obrigada a retardar e a publicar a resposta de Veríssimo:

Por motivos independentes de nossa vontade fomos forçados a retardar a publicação desta resposta, que somos, ainda, pelos mesmos motivos, obrigados a publicar truncada. (N. DA REDAÇÃO)¹²⁶

Os motivos “independentes” da vontade da redação d’*O Liberal do Pará* pareciam se referir às frequentes lutas entre periódicos de facção e de ideologias diferentes. De forma direta, era uma luta travada contra o órgão representante da Igreja na Província e, por esse motivo, muitas coisas poderiam estar envolvidas, até

¹²⁴ *Ibid.*

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ *Ibid.*

um possível esfacelamento do jornal. A posição de Veríssimo na imprensa provocou polêmica, tanto que somente no dia 9 de agosto de 1878, conseguiu publicar, de fato, seu estudo sobre o “Cântico”.

Deve-se procurar no exame do próprio cântico as indicações precisas na presente questão; sente-se aí e cada página a oposição que excitarão entre os representantes da antiga simplicidade hebraica o luxo e os hábitos mais egípcios e tyrios do que israelitas de Salomão; foi essa época uma das livres do gênio hebreu. Nenhum grande profeta apareceu por esse tempo para impor o seu espírito e nação; as instituições religiosas não tinham ainda o rigor que atingiram mais tarde.¹²⁷

Veríssimo ressalta que todos esses procedimentos adotados por Renan seguem uma lógica científica, a qual, baseada em “considerações históricas e sociais de grande alcance”, resolve, de forma clara, a questão da autenticidade do “Cântico”. Os diferentes precedentes do escritor do *Boa Nova*, conclui Veríssimo, são capazes de tornar aquele livre pensamento – de alcance histórico e social - mais uma religião do que propriamente um espaço para discussão e para a fomentação de estudo. Dessa forma, a representação de postura científica, por ele, encontrada culmina, justamente, naqueles nomes do dito pensamento moderno:

Mas, por Deus, ímpios são também, Darwin, Littré, Comte, Huxley, Draper, Quinet, Hugo, Strauss, a plêiade augusta enfim dos reis do pensamento moderno, e se os aniquilais o que nos resta? Dupanhloup? O padre Sena Freitas? Glaire? Carrieres?? Não duvido que fosse bom, apenas creio que este século do pensamento livre, seria pequeno por ser o século do *Sillabus*; em vez de rasgar os flancos hereules do Cenis, ou atravessar o oceano com os telégrafos elétricos, faria autos-de-fe em vez de exposições o levantaria cátedras em vez de escolas.¹²⁸

Tratava-se, sem dúvida, de reivindicar o estudo científico de textos “religiosos” e fomentar para si um espaço naquela sociedade em que as ideias “modernas” estavam na mesma arena de enunciação do “século do Sillabus” e das instituições monárquicas. Assim, quando propõe um debate contra os órgãos da

¹²⁷ *Ibid.*

¹²⁸ *O Liberal do Pará*. “O Cântico dos Cânticos” de 9 de agosto de 78.

igreja, refere-se, principalmente, ao “esfacelamento intelectual” em pleno século do pensamento livre.

2.5. A poesia popular no Brasil

A fim de discutir princípios teóricos e metodológicos sobre a origem e fundação da nacionalidade brasileira, intelectuais, como José Veríssimo e Sílvio Romero, travaram longas disputas.

A história desses desencontros não aponta somente para quando os dois escritores viviam na Corte. Ela tem raízes ainda em 1884, quando Veríssimo publicou, num jornal na capital da província do Pará, um artigo em resposta ao trabalho de Sílvio Romero saído em 1883, denominado *Cantos Populares do Brazil*, editado em Lisboa.

o trabalho de Veríssimo tratava de esclarecer quem foi o primeiro escritor a coligir elementos populares no Brasil e “denunciar” o porquê deles não terem sido referenciados quando, ainda em 1879, ou seja quatro anos antes de Romero, o escritor paraense publicou n’*O Liberal do Pará* três artigos a respeito do assunto.

Si precedencias em trabalhos litterarios fossem titulos à estima ou ao favor públicos n’esta província, me pejaria eu sem duvida de recordar, a propósito do livro cuja epigraphe copiei em cima d’este artigo, que fui o primeiro a occupar-me aqui do estudo da poesia popular do Brazil – tarefa que muitos terão por indigna de um espírito sério. Com effeito, si não me engano redondamente, o primeiro trabalho que sobre semelhante objecto n’esta província se escreveu, foi o por mim publicado em folhetins do "Liberal do" Pará de Janeiro, Fevereiro e Março de 1879.¹²⁹

Parte do capítulo da obra *Estudos Brasileiros*, de 1889, o trecho acima, referente àqueles textos saídos à imprensa em 1879, foram publicados no jornal *Diário do Gram-Pará*, em 1884, demonstrando um diálogo, se não entre homens de ideias mais ou menos divergentes, mas, ao menos, entre homens em busca de uma firmação social. Era inevitável não discutir sobre o “povo”¹³⁰ em um período em que

¹²⁹ VERÍSSIMO, 1889, p.139.

¹³⁰ Alessandra El Far (2004), no capítulo “O universo da literatura popular”, apresenta como proposição inicial a vulgarização da palavra “povo” ou “popular” por todas as esferas da sociedade carioca, nas últimas décadas do século XIX. Fato ressaltado é que, paralelamente a essa mesma

ele começava a ser “valorizado” por todas as esferas sociais. Por questões diversas¹³¹, esse “novo” elemento passava a constituir a nova feição da nação. Ganhava significado e entrava como um dos pressupostos para se discutir a nacionalidade brasileira.

No campo temático, havia os escritores das últimas décadas dos oitocentos brasileiro que tinham a tarefa de minimizar os efeitos da Escola Romântica para elevar o indígena à categoria de mito poético. No campo cultural, esses escritores lutavam para dar espaço ao elemento mais peculiar dos novos tempos, miscigenado e representativo das novas classes da sociedade. Em ambos os casos, todavia, o objetivo pareceu ser o da diferenciação em relação à Europa.

Decerto que, ao lado disso, era praticamente inevitável não buscar em fontes européias subsídios para tratar sobre o “povo”. Peter Burke, em a *Cultura Popular na Idade Moderna*, afirma, dentre outras coisas, que, para os intelectuais da Europa de 1500 a 1800, era fundamental organizar os traços da literatura tradicional a fim de não se perder a ideia de nacionalismo. Ratifica, ainda, que essa prática partira das chamadas regiões “de periferia cultural do conjunto da Europa”, com o senso claro de que “a descoberta do dialeto era um elemento divisor” entre a “cultura erudita” e a “cultura popular”.¹³²

Essa informação é interessante para se compreender os constantes diálogos extra e intra nacionais mantidos pelos escritores brasileiros em relação à popularização da temática acima referida. Em José Veríssimo, isso não pareceu ser diferente, quando em janeiro de 1879, publica “Cantos Populares no Brasil”, no jornal *O Liberal do Pará*, na capital da Província do Pará.

O escritor inicia esse texto com uma ampla discussão sobre a “esthetica de um povo ou de uma raça”. Anuncia, desde já, um método de análise, enfatizando que, na Europa, esse assunto toma proporção significativa:

vulgarização, havia uma adequação aos “valores” econômicos e culturais da massa nascente e indistinta de leitores. Se, por um lado, era evidente a interferência dos editores quanto à diversificação de formatos, de gêneros literários, ou o marketing dos livreiros “para aguçar o interesse pela leitura”, por outro, a demanda de temáticas, também, indicava o quão complexo era o interesse do público. No gênero romance isso pode ser bastante perceptível, conforme El Far: “Em suma, a disseminação do romance nacional, no interior de um processo bem mais amplo de popularização do livro, deu ensejo à criação de tramas de grande sucesso editorial baseadas na realidade local e nos dramas, angústias, tormentos e esperanças daqueles que podiam desfrutar das habilidades de leitura”. Conferir EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹³¹ Conferir BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Europa, 1500-1800. (Tradução de Denise Bottmann). 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, (?).

¹³² *Ibid*, passim.

Actualmente esses estudos [sobre as tendencias, qualquer que sejam, políticas ou estheticas de um povo ou de uma raça] tomam lá fora vastas proporções, porque a crítica comprehendeu quanto são elles uteis, como materiais para a historia da humanidade. Os leitores d'estes folhetins não hão de estranhar, pois, quem em falta de assumpto, como agora acontece, fornecido pelo nosso viver, eu lhes dê para ler estas notas colhidas no estudo dos proprios factos ou dos livros sobre o assunto.¹³³

Esse trecho é esclarecedor ao apresentar um Veríssimo preocupado com o que estava acontecendo ao redor do Brasil e, ainda, com a adequação de materiais estritamente empíricos para a verificação do fato a que se propõe estudar, reflexo do escritor das “ciências novas”. Sua proposição inicial é discutir a função dessas novas teorias: a escassez de trabalhos sobre a poesia popular do Brasil, não que escritores como Barbosa Rodrigues, Ferreira Penna e Bates, por exemplo, tenham se eximido de tratar sobre o assunto, mas porque era evidente, para o autor, o quão “a-críticos” foram os estudos que se divulgaram até aquele momento sobre a possível riqueza da poesia indígena.

Nesse sentido, quem recebeu diretamente as críticas de José Veríssimo foi o escritor Couto de Magalhães e Joaquim Norberto por registrarem o elemento indígena como uma teogonia:

O sr. Couto de Magalhães (vid. “O Selvagem”) que tão extenso é sobre os mythos indigenna, tras tantos cantos é breve, brevíssimo, contentando-se com citar alguns poucos versos em tupi que serviam para invocações pessoas a “Rudá” o deus do amor. É notável que conhecendo como conhece uma multidão de tribus selvagens, sé d'esses poucos versos faça menção, versos que não forão recolhidos do proprio gentio, mas ensinados por uma senhora velha de Santarém.

O sr. Joaquim Norberto espalhou, sem crítica, a idea, bebida em alguns trechos de Levy e Trevet, de que os indígenas possuíam uma rica poesia. Recusamos, n'este ponto, as observações d'esses dous escriptores, do último principalmente que é o reconhecido “ffronté” a quem se deve a invenção de uma pretendida “theogonia” tupi.¹³⁴

¹³³ *O Liberal do Pará*. “Cantos Populares no Brasil” de 19 de janeiro, 1879.

¹³⁴ *Ibid.*

Reconhecido os parcos critérios de pesquisa de Magalhães em relação à coleta de dados, Veríssimo não duvidava em ratificar a presença de uma voz institucional, representada pela figura de Joaquim Norberto, que, forçosamente, criou “uma pretendida ‘theogonia’ tupi”, elevada a tal estatuto, porque teria uma “rica poesia”.

A ideia de nação, em meados do XIX, estava ligada ao progresso trazido pelas ciências novas. Não as utilizar seria, praticamente, excluir-se do campo maior de discussão, isto é, perder a tão almejada identidade de “homem de letras”.

O que aconteceu, a partir da formação desse grupo “civilizador”, foi o reconhecimento de uma nova organização cultural, efetivada seja pela “mistura do tupi com o português”, seja pelo antepassado histórico em Portugal relacionado às “festas portuguesas”. O escritor, assim, define sua segunda conjectura:

O Canto popular brasileiro é já um producto importado e assimilado, desenvolvendo-se nas nossas regiões onde os meios lhes são mais favoráveis, nas províncias pastoris por exemplo. A não ser no desafio dos nossos “ba’uques e cateretês”, raro toma elle uma feição caracteristicamente nacional onde se sinta já a inspiração collectiva de um povo, traduzindo-se em uma forma esthetica mais ou menos original.

[...]

Ninguém até hoje se deu entre nós ao trabalho aliás difficilimo, de colleccionar os nossos cantos populares [...] Estas notas servem apenas para dirigir um trabalho moroso e difficil, publicando-as nada mais queremos senão despertar nobres estímulos [...]¹³⁵

Veríssimo, ao definir o que seria esse canto popular brasileiro, melhor adaptado em províncias pastoris, estabelece, por assim dizer, os primeiros momentos do papel do escritor na sociedade brasileira: a expressão da nação brasileira como algo ainda em formação. Por isso, percebe-se, também, um Veríssimo questionador dos moldes de crítica seguidos até então por alguns escritores. Para apresentar a “modinha”, por exemplo, censura, novamente o estudo “de imaginação”, em detrimento do empírico:

A mania da imitação quereria talvez que pelos princípios da crítica positiva, limitamo-nos a observação dos factos a que encontramos, a provas quase materiaes, desprezando opiniões mais ou menos

¹³⁵ *Ibid.*

correntes entre os homens de imaginação, romancista ou poeta, e autorizadas até por nomes do “Instituto Histórico” (...) A imaginação, os argumentos da velha lógica, que nos podião levar muito longe, são instrumentos nocivos na crítica (...) ¹³⁶

Considerando essas afirmativas, iniciou-se a apresentação da origem da “modinha”. Veríssimo afirma ser ela caracterizada como tal a partir do momento em que as “vozes” do povo transformam-na em elemento coletivo. Não obstante, ser uma “forma popular” da “velha e aristocrática moda portuguesa”, “é a xacara dos trovadores e castel de guitarristas transformada pelo povo”¹³⁷, que a faz ser a expressão dos sentimentos de um povo. Coletividade, segundo ele, ainda não presente de todo no Brasil, devido ao “temperamento melancólico amoroso do brasileiro (...) que se desenvolvem em um meio não moralizado pelo casamento”. Define, pois, o que é canto popular brasileiro,

de que a “modinha é mais uma forma, não pode deixar de ser o que e: simplesmente o producto de uma inspiração pessoal e, por assim dizer, uniforme, embora assimilada pelo povo – o que a faz tomar a denominação de popular. Dissemos que não podia deixa de ser assim porque o canto popular, em geral, a expressão dos sentimentos de um povo e a consagração das suas tradições, ou guerreiras, ou religiosas, ou ethnicas, nacionais enfim; e nós, resultado do cruzamento entre duas raças diferentes e de um meio geographico, climaterico e social naturalmente diverso dos meios em que vivião ambos [...] nó não podemos ter tradições. As tradições portuguesas, ficarão na península, assim como as indígenas, se as havia morrerão com a raça a que pertencião. Nós producto autônomo déssas duas raças, somos um povo diferente de ambas. ¹³⁸

Em seguida, a linguagem da retórica é tida como uma das principais causas do empobrecimento dessa poesia do Brasil, principalmente, porque alguns poetas utilizam-se dos temas “pátria, guerra, monarca” como “produções que aspiram [se] tornarem nacionaes”. Devido à retórica, afirma Veríssimo, “O povo ficou de parte; os poetas cortesãos fizeram então as suas canções, bajuladoras [...]”¹³⁹:

¹³⁶ *O Liberal do Pará*. “A modinha e a canção popular” de 26 de janeiro, 1879.

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ *Ibid.*

¹³⁹ Exemplo de uma canção analisada por Veríssimo: “Da nossa glória, o regente/ Só tu senhor podes ser/ Ou Pedro, ou deixa a vida/ Independência ou morte// Jura o povo brasileiro/ Dar contente os (?) e a vida, /Pela pátria tão querida/ Pelo grande Imperador.”

Os verdadeiros cantos nacionaes, tornam-se em breve populares, quando traduzem os sentimentos de um povo, e não pelas influencias dos governos. “Rouget de L’iste” é o autor de (?), mas nenhuma canção em França é mais popular do que o sublime canto, que não traduz somente a aspiração de um povo para a liberdade, mas é já hoje o grito de emancipação de todos os povos.¹⁴⁰

O que se pode destacar nessas afirmativas é uma resposta direta de Veríssimo sobre o que se vem construindo como poesia popular brasileira, cujos escritores são, a seu ver, os maiores responsáveis. Novamente, referencia o nome de Couto de Magalhães para sustentar a tese de que nossa poesia não é fruto das influências da sociedade romana: “Não nos parece justa a comparação que faz o illustre ethnologo d’esses productos litterarios (?) do selvagem brasileiro com as fabulas de Esopo e Phedro”.

Para Veríssimo, Magalhães, com o propósito de elevação da poesia, acaba escondendo muitas peculiaridades do “mythos do nosso gentio”, o que de certa forma é desnecessário, pois os elementos que constituem esse mito já são por si sós a representação “dos mais antigos vestígios que restam hoje do pensamento primitivo”. Por isso, propõe a si mesmo a tarefa de “desvendar” o porquê de certas posições teóricas.

Quando, começando a estudar um pouco a nossa ethnologia, vieram nos as mãos o livro do sr C. de Magalhães, e um pequeno trabalho do professor Hartt, foi com verdadeira surpresa que soubemos quão preciosos eram esses contos [os mitos dos jabutis, da mucura, dos macacos] que de muito conhecíamos. Desde então temol-os lido e relido rprocurando encontrar n’elles um factu, um só, que provasse esses mythos não serem uma manifestação do pensar primeiro da humanidade, mas um productu de épocas relativamente modernas, das que se succederam a conquista mesmo.¹⁴¹

Examinando aqueles contos [os mitos dos jabutis, da mucura, dos macacos], Veríssimo chega a seguinte conclusão:

[...] quanto mais lemos esses mithos mais nos convencemos as sua originalidade. A cor local abundante e profundamente verdadeira, o realismo das scenas, das comparações e das figuras, o conhecimento perfeito das mínimas particularidades da nossa

¹⁴⁰ *Ibid.*

¹⁴¹ *O Liberal do Pará*. “O conto popular” de 2 de fevereiro, 1879.

natureza, como o tempo em que florescem e fructivam certas arvores ou os costumes dos animaes, tudo ahi é pintado com tão rigorosa exactidao que afasta qualquer idea que se possa ter de julgar esses mythos filhos de outros homens que não os que habitavam já esta região antes de qualquer das conquistas conhecidas.¹⁴²

É manifesto o interesse pela divulgação da cor local como representação “realista” da sociedade brasileira. Portanto, para um trabalho respaldado cientificamente, não basta somente afirmar o valor do mito indígena como constituinte da origem primitiva do povo. É de suma importância atentar para o fato de que, sem a interferência de uma tradição e/ ou de um meio, não há a constituição dos contos populares. “Neste ramo de poesia popular não duvidamos afirmar que somos nós um dos povos mais ricos”.

Nesse contexto e na ordem das tramas de “sucesso editorial”, aconteciam polêmicas de ordem autoral¹⁴³, em cuja base estava a requisição de escritores pela precedência de um trabalho. Boa parte das discussões, por eles travadas, representava a maneira como se relacionavam com a imprensa periódica, com seus contemporâneos ou com o próprio assunto elegido para a publicação. O que, de fato, acontecia, nas décadas de 70, 80 e 90 do XIX, era uma batalha por direitos sociais, políticos e culturais. Os escritores ansiados por “descobrir” o povo brasileiro traziam para seus textos as marcas de uma luta constante entre instituições com o objetivo de se estabelecer como tal.

¹⁴² *Ibid.*

¹⁴³ Conferir LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Direitos e Esquerdos Autorais. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

CAPITULO III

ENTRE A EUROPA E O BRASIL: AS CIÊNCIAS MODERNAS NO BOLSO

Este capítulo objetiva analisar a maneira como José Veríssimo apropriou-se de pressupostos da teoria Positivista ou das ciências novas para estabelecer temáticas que estariam, por assim dizer, intimamente relacionadas à formação cultural brasileira. Desde a requisição do litreísmo publicado em folheto, passando pela crítica literária de Gonçalves Crespo em forma de notas e pela laureação de Carlos Gomes em escorço até “Nas Malocas” em formato de carta, todos são matérias publicadas nos jornais *Gazeta de Notícias* e *Diário do Gram-Pará* entre 1881 e 1882, nos quais se observou como foi a passagem do José Veríssimo cronista ao ensaísta.

Esta fase, conforme se constatará na análise, é uma fase de transição metodológico-teórica temática, importante para a permanência de Veríssimo como intelectual autorizado a discutir nacionalidade na imprensa paraense.

3.1. Uma *Gazeta de Notícias* internacional

Não seria redundante falar que mais um ano da vida de José Veríssimo em Belém do Pará foi decisivo. Em 1880, ainda quando exercia o cargo de oficial na Secretária do Governo e mantinha seus estudos sobre a Região Amazônica, realizando viagens pelos interiores da Província do Pará, em busca de registros que ele mesmo denominava de etnográficos e lingüísticos, o escritor passava por problemas de saúde que o fariam ir para a Europa, seguindo o conselho de seu pai, médico reconhecido. Conseguiu uma licença de um ano junto a essa Secretária¹⁴⁴ e iniciou mais uma jornada de desafios particulares e acadêmicos.

A viagem à Europa foi uma prova de como o homem Veríssimo tinha temperamento forte desde jovem, porque, ainda em cuidados físicos, participou do

¹⁴⁴ ¹⁴⁴ Conforme o Relatório Provincial do Pará de 1881, na seção “Secretaria da Presidência”: “No decurso do anno findo, acabo [José Coelho Gama e Abreu – Presidente da Província] de reorganizar esta repartição, expedindo-lhe novo regulamento por portaria de 12 do corrente (...) obtiveram licença para tratar de saúde o official José Veríssimo Dias de Mattos, de um anno com todos os vencimentos, na forma da lei n. 986 de 10 de abril de 1880”. In: Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1881. Pará: Typ. do Diário de Notícias de Costa & Campbell, 1881, pp. 138-139. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, sediado em Lisboa. E lá, aproveitou a oportunidade para estar ao lado de grandes nomes da literatura, como Gonçalves Crespo¹⁴⁵ e de obras contemporâneas, como os periódicos de Emílio Littré¹⁴⁶. Todavia, teve como propósito maior, no dia 24 de setembro, apresentar um discurso sobre existência de uma Literatura Brasileira afirmativa, que podia ser comprovada em carta de Franklin Távora¹⁴⁷, enviada a José Veríssimo, parabenizando-o pelo intento “justo e verdadeiro [...] sobre as coisas literárias do Brasil”, datada de 11 de novembro de 1880:

Tive a satisfação de ler no Jornal do “Commercio” (desta Corte), de 9 do mês corrente, o discurso que V. S^a proferiu a 24 de setembro último no Congresso Literário de Lisboa por ocasião de se tratar da propriedade literária.

Foi V.S.^a tão justo e tão verdadeiro nas idéias que expendeu sobre as coisas literárias do Brasil, que tenho por homenagem devida dos merecimentos no patriotismo em dar-lhe os parabéns e valendo-me da ocasião agradecer-lhe ter-se lembrado do meu nome para dar testemunho da existência de uma literatura brasileira desprendida do “indianismo”, filha legítima dos sentimentos e costumes reinantes no Brasil depois de realizado o cruzamento das três raças concorrentes na formação do brasileiro atual.¹⁴⁸

Não se questiona sobre a repercussão desse discurso em algumas províncias brasileiras, entretanto mais importante que sua repercussão são as respostas que dele se pode depreender. Uma revelava como os escritores¹⁴⁹, independente de viverem em províncias distantes da capital da Corte, faziam de suas posições partidárias ou ideológicas algo para se colocar em discussão, ou seja, uma proposição, qualquer que seja, não deveria ficar à mercê de traças, guardadas ou esquecidas em bibliotecas particulares. Escrevia-se para ser divulgado e lido e, por que não fazê-lo em um congresso no qual estavam os representantes das letras da época.

¹⁴⁵ Antônio Cândido Gonçalves Crespo foi jurista e poeta nascido em 1846 no Rio de Janeiro, porém naturalizado Português. Dentre suas principais obras estão: *Miniaturas*, de 1870 e *Nocturnos*, de 1882.

¹⁴⁶ Émile Maximilien Paul Littré foi um filósofo francês nascido a [1 de fevereiro](#) de [1801](#). Tornou-se conhecido pela autoria do *Dictionnaire de la langue française* e por ser um dos mais importantes discípulos da Filosofia de Augusto, o Positivismo.

¹⁴⁷ AGUIAR, Cláudio. **Franklin Távora e o Seu Tempo**. 2^a ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2005.

¹⁴⁸ “Carta de Franklin Távora a José Veríssimo, de 11 de novembro de 1880. Coleção do Arquivo da Academia Brasileira de Letras” In: AGUIAR, op.cit., p. 332

¹⁴⁹ Em 1877 Franklin Távora já estava “radicado” no Rio de Janeiro. Conferir AGUIAR, Cláudio. Op.cit.

Com certeza, seguindo esse pensamento, o livro de Távora, *O Cabeleira*, de 1876, não passou despercebido por Veríssimo, que o utilizou, conforme Cláudio Aguiar, como um dos exemplos em que “a literatura brasileira começava a abandonar o caminho do idealismo romântico, arrimado na temática do indianismo”¹⁵⁰. Vale lembrar que desde 1877, Veríssimo traz em suas crônicas questões relativas à “Literatura Brasileira desprendida do indianismo” e ao cruzamento das raças, as mesmas que Távora defende em trecho acima.

Por meio dessa mesma carta, vê-se, também, que divulgar uma idéia não era somente tê-la impressa, mas significava fazer parte de um grupo. Os escritores ou os literatos, por exemplo, em defesa de seu espaço público (e da literatura, conseqüentemente), denunciavam, muitas vezes, nomes de prestígio social, como o Garnier:

V.S.^a deve folgar de ter ocasião de defender tão conscientemente, com simplicidade e não sem elegância, os literatos seus compatriotas da imputação de concorrência para a contrafação das obras portuguesas.

O que disse sobre os vilões é exatíssimo.

O Garnier, a quem se há feito tanto gabo, não edita obra recentíssima de autor brasileiro. Vemos aqui publicar traduções de Júlio Verne que aí são oferecidas por moços pobres “a quem ele paga pela hora da morte”¹⁵¹

Entre denúncias de contrafação, circulação de obras estrangeiras e legitimidade da Literatura Nacional, iniciava-se uma amizade que seria, senão decisiva, mas apropriada para a incursão de José Veríssimo no cenário carioca. “A vida literária”¹⁵² de Veríssimo deve-se muito a Távora. Um tinha ao outro como conselheiro intelectual. O projeto de “Literatura do Norte”, defendido por Távora naquele momento da História Brasileira, por exemplo, foi crucial não só como

¹⁵⁰ AGUIAR, op.cit.

¹⁵¹ AGUIAR, op.cit., p. 333.

¹⁵² Veríssimo a respeito de Franklin Távora escreve: “Franklin Távora é uma das mais queridas e saudosas recordações da minha vida literária. Fomos amigos, desses amigos, porém, que nunca se viram, nem se conheceram, sequer de retrato. Nos poucos anos que infelizmente duraram nossas relações, que de puramente literárias ao princípio, haviam passado natural e insensivelmente a pessoais, e que a sua morte prematura e inopinada intempestivamente cortou, correspondemo-nos assiduamente. Era estão o período da sua maior atividade literária, nos anos 80, quando ele dirigia e dava o melhor de si à ‘Revista Brasileira’, fundava a gorada Sociedade de Homens de Letras do Brasil e procurava, entrando para o Instituto Histórico, e como seu orador, dar vida e movimento à senil e respeitável associação”. VERÍSSIMO, José. **Estudos de Literatura Brasileira**. 5ª série; introdução de João Etienne Filho. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977,p. 73-74.

distinção do que se produzia no “Sul” do país, mas também, como sinônimo de permanente estudo sobre Região Norte, do qual Veríssimo fazia parte, contribuindo com artigos para a imprensa local e enviando seus mais recentes trabalhos para a apreciação do amigo, como, por exemplo, o conto - “O Boto”, que comporia, posteriormente, o livro *Scenas da Vida Amazônica*, de 1886.

A propósito dessa relação entre Távora e Veríssimo, Aguiar comenta:

Durante vários anos, Franklin Távora manteve José Veríssimo informado de suas pretensões literárias, projetos, vitórias e fracassos editoriais e até sobre os azares ou naturais problemas da vida familiar. Além disso, quase sempre, levava ao conhecimento do amigo o projeto de publicação do seu livro intitulado ‘O Norte’, que nunca realizou na totalidade. Era uma espécie de ilustração que ele considerava indispensável para melhor compreensão da ‘literatura do Norte’.¹⁵³

Ainda em 1880, Távora então diretor da *Revista Brasileira*¹⁵⁴ junto a Nicolau Midosi (1838-1889), enviou vários exemplares daquele periódico para seu amigo paraense e, como fez com vários outros escritores, solicitava-lhe colaboração. Antes, porém, de enviar-lhe o trabalho “A Religião dos Tupy Guarany”, Veríssimo inscreve-se “entre os redatores do Diário do Grão-Pará”¹⁵⁵ e publica um conjunto de oito artigos, em 1881, para a folha *Gazeta de Notícias*.

Todos os textos desse último periódico, publicados de junho a julho daquele ano, além de apresentarem um fundo de discussão já bastante conhecido por seu público: a ciência (ou um modo racional de se explicar os fenômenos, quer sejam sociais, culturais ou lingüísticos) e a teologia, demonstram o caminho percorrido por um escritor para a consagração¹⁵⁶. A questão em torno desse enfrentamento deflagrado em razão da divulgação das crônicas “O cântico dos

¹⁵³ Aguiar, Op. Cit. p, 333

¹⁵⁴ No período de 1879 a 1881, Távora e Midosi dirigiram a segunda fase da *Revista Brasileira*.

¹⁵⁵ Não obstante este periódico não estar microfilmado na Biblioteca Pública “Artur Viana”, pôde-se concluir que Veríssimo publicou nele algumas crônicas entre os anos de 1880 a 1884. O discurso do acadêmico Alberto Faria aponta que o escritor participou do “Diário” entre os anos de 1880 a 1884, inclusive com o texto “A constituição da nacionalidade brasileira, conferencia”, do qual não se teve notícia. Ratifica-se, ainda, a existência de mais três publicações nesse mesmo jornal por meio de uma nota que Veríssimo adiciona aos *Estudos Brasileiros*, de 1889, comentando que “Os escriptos que formam o presente volume saíram, nas épocas indicadas, no ‘Liberal do Pará’, ‘Diário do Gram-Pará’, ‘Revista Brasileira’ e ‘Revista Amazonica’, quais sejam:” Carlos Gomes “, “Nas Malocas” e “Gonçalves Crespo”, todos no ano de 1882. Conferir Conferir ABL. Discursos Acadêmicos. op. cit., p. 1068

¹⁵⁶ Conferir CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras** (tradução Marina Appenzeller). São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Cânticos”, como foi detalhado anteriormente, surge novamente em 1881, quando o escritor publica um estudo sobre a influência da ciência positiva no desenvolvimento das idéias brasileiras.

Menos por coincidência, *A Boa Nova*, novamente, é pressuposto para se afirmar toda uma tese de modernidade. Isso aconteceu, porque, já em 1880, posicionar-se a favor de (ou tratar sobre) uma postura positivista, determinista e evolucionista de todas aquelas teorias emergentes, era ter um lugar próprio na vida social, política e cultural do País. Diz-se isso, porque Veríssimo, seja pelo teor, seja pela repercussão de seus textos, representou, para sua formação, a inauguração de uma nova fase, e, para sua província natal, a consolidação de um movimento de renovação ideológico acompanhado em todo o Brasil, paralelo aos outros fenômenos, como o retorno de Dom Macedo Costa¹⁵⁷ à Belém, depois de um ano e meio de prisão no Rio de Janeiro e a corrida do Imperador Pedro II a favor de uma política de sobrevivência da Monarquia¹⁵⁸.

A imprensa, como esse espaço de veiculação de variadas concepções, como liberalismo, positivismo e absolutismo, teve papel fundamental. Seja pelo lado do conservadorismo seja pelo lado do “moderno” – à maneira dos que autodenominavam dessa forma, ela permitiu reflexões de toda uma conjuntura política e cultural, tornando-se, sem dúvida, um agente histórico de extrema relevância. Não é à toa que Veríssimo podia publicar uma espécie de manifesto em prol das idéias positivistas no folheto biográfico “Emilio Littré”, no qual se pode perceber, na descrição, o que revolvía as mentes da década de 80, no periodismo.

A começar por uma linguagem cuidadosa em gramática (as críticas vinham acompanhadas de lições do bom escrever às quais se acrescentava, comumente, um tom irônico) e a proposta de uma análise empiricamente contundente, Veríssimo aponta em seu texto um escritor se não especialista, ao menos, autorizado a falar

¹⁵⁷ Nomeado Bispo do Pará em 1862, Dom Macedo Costa tornou-se internacionalmente conhecido por, em 1871, ser um dos principais nomes da Questão Religiosa, juntamente com D. Romualdo de Seixas, da Bahia, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda e outros bispos a favor da causa da igreja católica apostólica romana contra a infiltração da maçonaria em altas ordens religiosas. Em Belém, D. Macedo, conforme Borges (p. 145) “no sentido de revestir a festividade de Nazaré de mais unção religiosa, determinou a supressão da Berlinda e introduziu outras modificações no Círio; a Irmandade respectiva, poderosa, conflitou, o Bispo negou permissão à realização do círio, a opinião pública exacerbou-se(...) Em 1881, publicou ‘Deveres da família, Compêndio de Civilização cristã’. BORGES, op.cit., 140.

¹⁵⁸ Desde 1870, o Imperador vinha reestruturando sua política de progresso. Politicamente, com o poder Moderador, ao mesmo tempo, podia dissolver a Câmara dos Deputados ou mudar o pessoal do Ministério para manter em equilíbrio o Estado, economicamente, por exemplo, significava implantar leis para que a atividade rural não sofresse tanto com a Lei do Ventre Livre de setembro de 1871.

sobre o assunto. Desde 1879, ao publicar a réplica a uma acusação, Veríssimo vinha tendo como característica considerar a explanação do suporte material, antes de iniciar, propriamente, a crítica.

Em 1881, ao traduzir¹⁵⁹ alguns trabalhos de Emilio Littré e discutir sobre a renovação mental que se iniciava, apresentou duas correntes que seriam fundamentais para o estabelecimento do positivismo no Brasil. Não que essas fossem seu suporte teórico, mas representantes de como urgia “reconstruir o mundo moral abalado nas suas bases pelas arrojadas cogitações da metaphysica revolucionária”.¹⁶⁰

Essas “cogitações da metaphysica revolucionária” seriam, justamente, o socialismo e o cristianismo, que naquela época defendiam, conforme o autor, “creações hypotheticas da metaphysica” e “entidades sobrenaturaes da theologia”, como esclarece o seguinte trecho:

Uma, a avançada, filha directa da representante em política da metaphysica, a revolução de 89 a 93, caía no socialismo ‘á outrance’ de Saint Simon (de quem Aug. Comte fora discípulo) procurando renovar a sociedade sobre bases empíricas, resultantes de hypotheses gratuitas sobre a organização d’esses grandes corpos collectivos, creando uma supremacia toda sentimental da classe industrial. A outra, a retrograda, a que representava a reacção que se manifestou em política pela restauração dos Burbons, tinha aspirações vagas de um mysticismo de outros tempos, com tendencias porem bem caracterizadas de voltar aos tempos do domínio do pensamento humano pelo poder theologico, crendo ingenuamente que isso era cousa possível. Chateaubriand, Montalembert e alguns outros foram, nas letras, os representantes d’esta direcção.¹⁶¹

Continua:

Era, pois, preciso procurar em outra parte a base de renovação mental, que, como dissemos, se fazia sentir em todos os espíritos perdidos para as crenças indemonstráveis, os quaes, por isso,

¹⁵⁹ CASANOVA a respeito da tradução com instância de consagração: “A tradução é a grande instância de consagração específica do universo literário. Desdenhada como tal por sua aparente neutralidade, ela é contudo a via de acesso principal ao universo literário para todos os escritores ‘excêntricos’: é uma forma de reconhecimento literário e não uma simples mudança de língua, puro intercâmbio horizontal que se poderia (deveria) quantificar para tomar conhecimento do volume das transações editoriais no mundo”, CASANOVA, op.cit., p. 169.

¹⁶⁰ *Gazeta de Notícias*. “Emilio Littré” de 01 de julho de 1881.

¹⁶¹ *Gazeta de Notícias*. “Emilio Littré” de 01 de julho de 1881.

mesmo que não tinham nenhuma, tornavam-se factores inúteis, se não perigosos, na obra do progresso da humanidade.

Coube a Augusto Comte, apenas com 24 annos de idade, mas com uma fote preparação scientifica, achar a incógnita, vagamente entrevistando passado por Kant, Turgot e Condorcet, do magno problema. E fazendo uma obra gigantesca, elle depois de estabelecer a philosophia de cada uma das sciencias, já citadas, de sua serie hierática, tirou d'ellas a philosophia geral da Sciencia Positiva e constituiu assim a maravilhosa fabrica, de que vimos acima um ligeiro mas perfeito esboço de Littré.¹⁶²

Em seguida, Veríssimo apresenta um esboço crítico-biográfico sobre Littré, referindo-se a ele, como “o primeiro discípulo que propagava a philosophia [de Comte]” e o “legítimo legatário de sua herança”. Em outras palavras, afirma que, sem o concurso daquele filósofo, sem a consciência de divulgação das idéias, o advento da Filosofia Positiva teria sido muito retardado. No entanto, isso não significa dizer que Littré seguiu à risca todas as concepções de seu mestre, ao contrário, este, ao final de sua vida, ou a partir da publicação, em 1842, do “Curso de Filosofia Positiva”, começara a adotar, conforme Veríssimo, um método subjetivo, que o fez “retroceder até a theologia pela criação de uma religião positiva; com um culto de Grande Ser ou Deus-Humanidade, um simulacro de clero, sacramentos, e até uma espécie de Nossa Senhora...”. Como consequência, houve dissidência entre os dois filósofos, publicando Littré a obra *Prefácio de um discípulo*, na qual apresenta o porque de seu desacordo com a mudança de método de Comte.

Toda essa explicação dada por Veríssimo para dizer que Littré é símbolo de intelectual acordado com vasto conhecimento científico e postura coerente com sua opção teórica. De fato, ao se observar a continuidade da biografia do filósofo, percebe-se que foi um homem ativo em seu contexto histórico-filosófico, contribuindo para os mais diversos setores da sociedade desde “conselheiro municipal de Paris, único cargo que aceitou, por ser gratuito” até quando “esquivou-se da vida pública para o retiro de seu gabinete de estudo, d’onde não deixava, já em livros, já em jornaes e revistas, de propagar a Filosofia positiva”:

Além das obras de Mera propaganda, mas todas de máxima importância mesmo para aquelles que não lhe partilham as doutrinas, Littré publicava todos os annos outras, dos gêneros mais diversos, revelando sempre uma enorme sciencia, guiada por um excellente

¹⁶² Ibid.

methodo filosofico, que faz com que suas obras, mesmo as de simples erudição, sejam modelos no gênero. A sua atividade intellectual é verdadeiramente assombrosa e fica-se pasmo quando se lê o catálogo das suas obras e se sabe seu imenso valor

[...]

Em uma collecção de artigos por elle ultimamente publicados em livro com o titulo de 'Études et Glanures', Littré conta, com essa modéstia desafectada que caracteriza os verdadeiros sábios, como fez o seu 'Diccionario', e a gente depois de saber que durante 25 annos elle trabalhara das 8 da manhã às 3 da madrugada, isto sem interrupções sensíveis, pergunta, segundo observa o sr. Wyrubolt, como um homem pode durante tantos annos trabalhar tanto!¹⁶³

Outro aspecto, não menos importante, foram as freqüentes críticas que Littré recebeu do clero acerca de sua entrada na Academia Francesa:

E um dia este homem que, como disse Víctor Hugo, não nos lembramos de quem, pertencia por direito a todas as Academias, desejando fazer parte da Academia Francesa, viu-se rejeitado, não como livre pensador, mas como livre pensador declarado, sincero. Em 1871, porém, depois da publicação do seu 'Diccionario', Littré é de novo candidato e d'esta vez foi aceito motivando por sua entrada naquela companhia, onde nenhum mais digno já se achou, o ataque grosseiro do clericalismo e a retirada do famoso Dupanloup, bispo de Orleans.¹⁶⁴

Os excertos acima, além de demonstrarem a lógica do pensamento de Veríssimo quanto à instalação da ciência positivista em Belém, evidenciam uma série de assuntos, os quais, pode-se dizer, estavam intimamente ligados a sua própria formação como escritor e, sobremaneira, às disputas freqüentes entre os representantes do "novo" e do retrógrado, em ciência, em política ou em literatura.

A respeito da primeira perspectiva, não se pode olvidar de Veríssimo como redator da *Gazeta de Notícias*. Ao que tudo indica, o autor fora convidado para publicar diariamente sobre um mesmo tema em resposta ao jornal *A Boa Nova* e defender, naquele momento, idéias ditas subversivas pela censura da Igreja Católica. Ele divulgou, assim como Littré na Europa¹⁶⁵, o ideário científico e, por

¹⁶³ *Gazeta de Notícias*. Emílio Littré de 02 de julho de 1881.

¹⁶⁴ Ibid.

¹⁶⁵ Félix-Antoine-Philibert Dupanloup, bispo de Orleans, foi um religioso francês, eleito pela Academia Francesa em 1854. Quando soube que Littré, um agnóstico, entraria nessa instituição, renunciou seu cargo em 1875. Conferir detalhes em ORTIGÃO, Ramalho; QUEIROZ, Eça. **As Farpas**. Chronica mensal da política das letras e dos costumes. Lisboa: Typographia Universal, 1871. In.: Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>.

meio da imprensa, estabeleceu critérios de como deve se portar um homem de letras interessado no progresso de sua Literatura, na Produção de conhecimento sobre sua região, revelada nos mais diversos gêneros.¹⁶⁶

Veríssimo, talvez, tivesse assumido a responsabilidade de ser um representante no Pará do que Littré havia assumido na França:

Não se julgue, porém, que aquele lugar primeiramente recusado e depois gloriosamente alcançado na Academis, foi para Littré, como tem acontecido a outros, o descanso de uma vida já longa e sempre ocupada. Não, littré era duma d'essas organizações litterárias, as quaes só abandonam a presa com a vida. Elle soube também comprehender que a missão de que se tinha investido, missão plenamente reconhecida pelo publico, obrigava-o sob pena de uma espécie de deshonor [...]¹⁶⁷

Aquele, servindo a República, jamais deixara se levar pelo servilismo oficial e quando Dupanloup lhe insultava na imprensa, respondia sempre com o silêncio ou com artigos de estilo claro que só os grandes mestres convictos de suas crenças filosóficas e excelência de método possuem:

Perdido para a fé, Littré viveu para o dever, com tal dedicação, e tão grande abnegação, que não se pode bastante admiral-o; e sempre seu desenvolvimento intellectual provou a excellencia de methodo filosofico de que nenhuma **incompatibilidade real existe**, como o pretendem corypheus de diversas religiões, entre a mais elevada virtude e a mais completa rejeição de qualquer crença religiosa.¹⁶⁸

O porquê dessa “incompatibilidade” entre o Bispo e o filósofo tem seus antecedentes no próprio continente Europeu, quando a Igreja Católica Apostólica Romana e os Estados internacionais começaram a divergir em determinadas concepções. A cristandade, desde a época de Constantino, ficara fortalecida, fazendo do paganismo algo ilegal e do cristianismo a religião de estado:

Na europa, desde os remotos tempos, repetiam-se as palavras ‘episcopus a foris’ atribuidas a Constantino, já com o sentido de

¹⁶⁶ Posteriormente, verificar-se-á o teor de outros textos de Veríssimo neste mesmo período, embora para diferentes periódicos.

¹⁶⁷ *Gazeta de Notícias*. “Emílio Littré” de 02 de julho de 1881.

¹⁶⁸ *Gazeta de Notícias*. Emílio Littré de 03 de julho de 1881.

delimitação de poderes entre o mundo divino e o temporal. São conhecidas às discussões de Felipe II, rei da Espanha, com o Papa, nas quais o monarca apresentava os dogmas e as demais normas religiosas como decorrentes de seu poder advindo diretamente de Deus. O rei, então, era o próprio administrador da vida espiritual. Durante muito tempo, na França, o poder judicial obedeceu como lei divina aos mandamentos sagrados que ditassem os teólogos do rei.¹⁶⁹

Tudo que estivesse fora do poder divino, por sua vez, a começar por outras ordens religiosas, seria considerado subversivo e deveria ser combatido.

O bispo Dupanloup, membro da Academia Francesa desde o ano de 1854, por exemplo, viu-se obrigado a retirar-se dessa sociedade de letras, porque, em 1871, Littré, sendo já um forte representante das causas da Revolução Francesa, depois de um ano tentando se tornar um membro, fora eleito. Sendo positivista de veras, afetaria as bases da cristandade, o que seria se fosse um maçom divulgador de teorias científicas e de idéias de progresso, na França do final do século XIX.

Anticlericalismo e uma igreja reacionária numa mesma arena de discussão que culminou, no Brasil, com a Questão Religiosa, discutida sobremaneira pela imprensa periódica, entre abolicionistas, monarquistas, darwinistas, naturalistas, todos, porém, eram homens politizados em prol de reconhecimento na sociedade. De onde procedem as palavras inconformadas de Veríssimo, por ocasião de uma carta enviada pelo Bispo a um jornal católico francês, direcionado à entrada de Littré na Academia:

D'onde resulta, segundo a observação de um jornal francez, que se pode ser admittido na Academia, posto que atheu, se se tiver a prudencia de não professar publicamente esta opinião.
É de facto a doutrina da hipocrisia official, corrente na Igreja, depois que, em virtude da manifestação das dissidentes principiada com a Reforma, se creou essa entidade hybrida que se chama religiao do Estado, a crença official.¹⁷⁰

Diante de tais fatos, não restaria dúvidas ao escritor paraense esclarecer ao público da província o que foi a vida daquele “nobre pensador”, cuja eficácia se mostra pelos inúmeros artigos, pela dedicação a sua revista, pelos pensamentos

¹⁶⁹ Conferir a respeito da “Questão Religiosa” em AGUIAR, op.cit., p. 261-262.

¹⁷⁰ *Gazeta de Notícias*. “Emílio Littré” de 02 de julho de 1881.

dogmáticos que sempre combateu, pela França Revolucionária que ajudou a construir e, notadamente, o “mais de meio século [que levou] a trabalhar para alargar o circulo do nosso saber e assentar as bases da nossa moralidade”.

O certo é que esses esclarecimentos suportam-se mais como réplica às acusações da linha católica da imprensa paraense e ratificam, ainda em 1881, resquícios da Questão Religiosa. De fato, é que o se observa no artigo saído em 10 de julho a respeito do enterro de Littré, quando Veríssimo escreve parecendo responder aos “ataques” do jornal *A Boa nova*:

A família filosofica tem agora o direito, o dever de pronunciar algumas palavras.

Não tratarei de filosofia, asseguro-vos; quero unicamente tirar d'esta longa e gloriosa vida que pertence d'ora avante a todo o mundo, e que todo o mundo pode admirar, duas uteis lições: Littré mostrou por seu exemplo que podia-se ter um nobre e generoso coração embora pertencendo-se a doutrina que nada admite fora da realidade, e que esta doutrina impedia o regresso ao passado. Porque, senhores, não obstante apparencias mentirosas, Littré morreu como viveu, sem contradicções nem desfallecimentos.

Todos os que conheceram essa alma calma e serena – e honro-me de ser um d'esses – sabem perfeitamente que ella estava irrevogavelmente fechada para o 'incognoscivel', e que ella encarava com coração as inevitáveis leis naturaes.¹⁷¹

Ainda, do dia 12 de julho, acrescenta:

As palavras (?) e covardes d'aquelle papel eu poderia responder chamando aos que a escreveram padres corruptos e estúpidos; mas a moral positivista tem um capítulo sobre a civilidade e a moral universal ensina-me que fazer moral aos animaes é indício de mau character.¹⁷²

Essa nota à *Boa Nova* indica deveras um personagem participante da vida política paraense, não como um defensor, diga-se, de linha de frente, como fora Manuel Barata, Lauro Sodré, Justo Chermont do Partido Republicano ou como Tito Franco de Almeida, José Coelho da Gama Abreu do Partido Liberal, mas como prócer de questões históricas, culturais, sociais que não fogem de seu tempo.

¹⁷¹ *Gazeta de Notícias*. “Emílio Littré” de 10 de julho de 1881.

¹⁷² *Gazeta de Notícias*. “À Boa Nova”. Ineditorial. Col. 2, p. 3. 12 de julho de 1881.

Militante¹⁷³ ou não de algum partido político, Veríssimo, veementemente, defendeu as causas do positivismo no Pará, e não somente com teoria ou proposições abstratas, mas também com mudanças refletidas desde sua dedicação ao funcionalismo público até na publicação de artigos que fizeram balançar o poderio da igreja católica.

Tanta foi sua articulação na imprensa, que muitos artigos tiveram de vir sob o pseudônimo “Lúcifer”, a fim de abrandar as palavras fumegantes de Dom Antonio Macedo Costa.¹⁷⁴ Nesse sentido, o discurso pronunciado em 6 de agosto de 1919, na Academia Brasileira de Letras pelo Sr. Alberto Faria elucida:

Dedicado à mocidade, o segundo [‘Emílio Littré’] compõe-se de artigos saídos na ‘Gazeta de Noticias’, de Belém, a respeito da filosofia positiva, importando em documento para a história das idéias modernas no Brasil, razão por que se lhes adjuntou um de réplica à ‘Boa Nova’, órgão de Teologia Católica. Ficaram esparsos outros, firmados com o pseudônimo ‘Lúcifer’, contra os quais se levantou o clero, irritadiço e dizedor.¹⁷⁵

Como bem demonstra esse documento contemporâneo à década de morte de Veríssimo, esse escritor provocou rebuliços no campo dos dizeres católicos. Assim, “Emilio Littré” como documento representativo “para a história das idéias modernas no Brasil” apresentou ao público paraense uma nova perspectiva ao trato das coisas brasileiras, tanto no campo intelectual quanto no material. Superar o atraso das antigas instituições significava posicionar-se firmemente num campo de discussão e, ratificar uma posição teórica que, por sua vez, tencionava fazer da imprensa, dos periódicos, um cúmplice de lutas e desafios.

É, nesse sentido, que, ainda em 1881, saiu estampado na segunda página do “Gazeta de Noticias” “O Positivismo e a ‘Boa Nova’”. Sendo o último artigo do conjunto de sete publicados no mês de julho, parece ser este o texto norteador

¹⁷³ NETO, José Maia Bezerra afirma “José Veríssimo, aliás, participa da fundação do Club Republicano em Belém do Pará, nos anos 1880, ao lado de personagens destacados do mundo político, como o conhecido positivista Lauro Sodré. A participação de Veríssimo nessa agremiação, mesmo não sendo um militante, indica mais uma vez as vinculações do escritor com as questões de seu tempo, não sendo em nenhum momento ausente das mesmas em termos de participação política, haja vista ter um partido ou posição definida, conforme as lições de história do positivismo”. Conferir BEZERRA NETO, José Maia. **José Veríssimo: Pensamento Social e Etnografia da Amazônia (1877/1915)**. Revista de Sociologia e Política [online] **V.42. N.3. Rio de Janeiro, 1999**.

¹⁷⁴ Bispo o Pará desde 1869 e fundador dos periódicos *A Estrela do Norte* e a *A Boa Nova*, grandes difusores do catolicismo em terras brasileiras.

¹⁷⁵ Conferir ABL. Discursos Acadêmicos. Op. cit., p. 1068.

de toda a discussão proposta anteriormente, no sentido de evidenciar a batalha entre Igreja e Ciência ou, especificadamente, a igreja e o discurso de um homem com propósitos de modernização da estrutura vigente.

De maneira clara, é definida, desde o início, a função ou o dever do discípulo da filosofia em questão:

É dever do discípulo da Filosofia Positiva – escrevia não há muito o dr. Ant. Ritti respondendo a arguições do metaphysico Vacherot, espalhar as suas doutrinas e defendel-as das acusações que de boa ou má fé lhe fazem.

Este dever venho eu cumprir hoje, tanto mais gostoso quanto o erro parte de gente que se tem em conta de muito sabedora – a gente da Boa Nova, o órgão da theologia catholica n’esta cidade. ¹⁷⁶.

Este trecho, além das duas das muitas vezes que lutavam por espaço na década de 80, indica, sobremaneira, certa autorização que tinha o escritor para tratar de assuntos tão polêmicos, sem correr o risco de ser banido do periodismo paraense. É certo que uma das conquistas angariadas pela imprensa do século XIX foi certa liberdade de publicação por diferentes setores da sociedade – de jornais que autodenominavam religiosos, mas que eram essencialmente políticos, como, por exemplo, o já mencionado “Boa Nova” –, pela diversidade temática – de romances a anúncios de escravos fugidos – ou pela própria estrutura – o surgimento de várias colunas e o significado que cada uma tinha em função da posição ocupada no periódico.

Mas, afinal, dentro desse espaço concentrado de discursos, havia os que, ou por defesa de uma teoria ou pelo frenesi de se achar dentro de um mundo competitivo, se não faziam críticas ferrenhas, com certeza, faziam de forma direta, arranjando esse “suporte” (o jornal) como um organismo vivo, porque, ao mesmo tempo, com um curto espaço de tempo entre uma leitura e outra, contavam com a réplica para a “typographia”. Veríssimo assim fez, quando propôs em três dias a réplica ao *A Boa Nova*, por razão dessa folha ter acusado o positivismo de ciência de base materialista e, por isso, contraditória.

Esse jornal começa o seu artigo de fundo de 13 do corrente, dedicado á apreciação do positivismo, por estas palavras:

¹⁷⁶ *Gazeta de Notícias*. “O Positivismo e a ‘Boa Nova’” de 16 de julho de 1881.

‘Na base do materialismo da escola positivista está a contradicção’. É claro, que para os redactores d’aquella folha a Filosofia Positiva é uma filosofia materialista ‘na base da qual, segundo elles dizem, está a contradicção.

Ora, nós o provaremos já, com palavras de autorisado positivista, a Filosofia Positiva não só rejeita qualquer camaradagem, releve-nos a expressão, com o materialismo, como o combate: logo os redactores da ‘Boa Nova’, sem duvida versadissimos n’aquillo que elles chamam ingenuamente sciencias eclesiásticas ou cousa que o valha, mas profundamente ignorantes do moderno movimento das idéas, logo os redactores da ‘Boa Nova’ digo, não sabem o que escreveram ou julgam a maioria dos que os podem ler pela craveira commum da gente da confraria da Boa Morte.

Ao longo do texto, vai se expondo uma espécie de discurso didático de como se fazer crítica, característica observada desde 1879, na publicação de “O cântico dos cânticos”. No trecho acima, os integrantes do *A Boa Nova* são chamados de ignorantes por desconhecerem as bases do movimento moderno e, publicando coisas sem o conhecimento da ciência, “julgam a maioria dos que o podem ler pela craveira commum”, ou seja, apreciavam seus leitores como incompetentes, porque, sem escolarização ou sem a consciência das “sciencias eclesiásticas” (que somente os religiosos sabem o que é), não estariam aptos a fazer qualquer tipo de comentário.

Para a ilustração desse público e para o ajuste de toda essa “sciencia” propalada pela *A Boa Nova*, Veríssimo dá início a uma série de posturas metodológicas e teóricas, a começar pelo nome de um filósofo que, ao lado de Littré, materializa (atitude a qual Veríssimo afirma ser digna de um seguidor do positivismo) suas proposições: “Gustavo Wyroulbouff, actualmente um dos mestres mais autorisados do positivismo e redactor, com Littré, da ‘Revue de Philosophie Positive’, em um artigo n’esta publicado combatendo o materialismo”. Todavia, é com o próprio Littré que ele afirma todo seu espírito moderno:

O illustre Littré, cuja augusta memória o clero tem e querido deshonrar espalhando a mentira de um batismo que a ser real seria um sacrilégio mais a pôr conta da milícia negra, o illustre Littré, no seu ‘Diccionario da Língua Francesa, diz:

‘Na língua da Filosofia Positiva, o materialismo é o ‘erro de lógica’ [que] redundando numa espécie de importação para uma sciencia mais complexa de idéas pertencentes a uma sciencia menos complicada’.

Estas citações bastam para mostrar que a 'Boa Nova' errou confundindo materialismo com positivismo.¹⁷⁷

Ainda, quando é acusado de um método falho – o experimental –, Veríssimo refuta:

Apenas tenho duas observações a fazer: a primeira é que o método experimental (...) não é apanágio da Filosofia Positiva. Esse methodo é, desafiamos a que se conteste, e da sciencia moderna em todos os países do mundo(...) A outra observação é a seguinte: partindo a 'Boa Nova' de um ponto inteiramente opposto ao meu, não ganho nada em discutir as vantagens do methodo experimental, não tendo a pretensão de convencer-a.¹⁷⁸

Questiona-se em que medida Veríssimo não queria pôr em jogo suas pretensões teóricas se essas são coerentemente elaboradas e defendidas desde o primeiro artigo quando faz a biografia de Littré. De fato, o que pode ser conclusivo nessa análise é justamente o uso de uma linguagem retórica com o intuito de amenizar ou enaltecer sua figura. Quando ele diz não ter a pretensão de convencer a hierarquia religiosa, nada mais significa do que reativar uma postura intelectual centrada e sem exageros:

O meu fim não é uma polêmica, impossível, entre o positivismo e a theologia, mas unicamente corrigir erros grosseiros que a ignorancia clerical, com a audácia que lhe é própria, commete contra uma doutrina a que, como disse algures, eu devo a minha orientação mental e o meu desenvolvimento moral.

Na volatilidade dos textos publicados na imprensa, Veríssimo perambula entre o discípulo de Littré, o argüidor ferrenho do *A Boa Nova* e, ao final desse último artigo, para dar um tom jornalístico (diga-se, apaziguador de discórdias), renasce o articulista da imprensa diária, do *Gazeta de Noticias*, preocupado afinal com seu emprego e sua postura social. Se não fosse esse espaço conquistado dia após dia, provavelmente, não teria participado de discussões travadas pelos homens de sua província. Não teria **engajado** um movimento de idéias modernas na Belém do XIX,

¹⁷⁷ Ibid. p. 2.

¹⁷⁸ Ibid.

muito menos poderia contribuir com sua história para a História da Província do Pará.

Acompanhando esse movimento, poder-se-ia criticar Veríssimo pela vulgarização, talvez exaltação, do nome de Littré em terras brasileiras, porém, não se pode esquecer que “a constituição de um panteão literário nacional e a hagiografia dos grandes escritores (concebidos como ‘bens’ nacionais”) foram fundamentais não somente como mudança de paradigma cultural, mas também, especificadamente, como “símbolos de uma ‘irradiação’ e de um poder intelectuais, [que] se tornam necessários à afirmação do poderio nacional”¹⁷⁹.

Essa irradiação de que fala Pascale Casanova, em *República Mundial das Letras*, é perfeitamente aplicável ao momento do Norte e do Nordeste nas décadas de 70 e 80. As idéias, em anos-luz, viajavam em cartas, artigos revistas, jornais por todo lugar do Brasil. Assim, quando Franklin Távora, por exemplo, publicava em 1876 *O Cabeleira*, Veríssimo não só o citava, em 80, no Congresso Internacional, mas também, por meio das correspondências, por eles, trocadas, iniciavam, no caso de Veríssimo, a crítica de obras literárias ou de assuntos diversos, como a contrafação de livros, conforme referido anteriormente. O fato é que se para Távora a experiência Literária já estava em vias de completar 20 anos, para Veríssimo, os 24 anos de idade eram suficientes para trocar preocupações e críticas com Távora, auxiliando, com seus conselhos, na constituição do projeto desse último escritor.

Na carta do dia 8 de janeiro de 1882, isto é, notável quando, entre outras coisas, se fala sobre escritores influentes, leituras a se fazer e o folheto de Veríssimo, ratificando, dessa forma, como as correspondências se situavam entre uma ordem temática e o mundo das letras:

As minhas idéias sobre o romance atual resumem-se em pouco: banimento da retorica, descrições naturais; principios de utilidade prática e social.

Não tenho grandes leituras de Balzac ou de Zola; mas sinto que estes dois analistas do coração e da vida humana são os que me devem servir de guias, feitas as restrições que o meu ideal artistico exige. Por isso, agradeço ao colega, como já agradeci ao Rangel de S. Paio o ter-me aconselhado o estudo deles.

Com a sua carta posterior àquela, recebi o folheto que dedicou ao estudo de E. Littré.

¹⁷⁹ CASANOVA, op.cit., p. 136.

Muito me agradou a leitura deste folheto pelo estilo em que está escrito, pelas suas reflexões e pelas notícias sobre o biografado.

A ser-se positivista, deve-se pertencer ao grupo Littréista, cuja filosofia é natural e congruente.

Apreciei também muito o ensino que deu à 'Boa Nova', que, conquanto se diga 'nova', não passa de muito 'velha'.

Eu não sou verdadeiramente um positivista; mas tudo me diz que para lá me encaminho e folgo de ver que o colega é o primeiro aí a promover o desenvolvimento da filosofia positivista de Littré.¹⁸⁰

Chegava a ser motivo de orgulho para Távora a inscrição de Veríssimo como um dos primeiros escritores, senão o primeiro, a instalar a Filosofia Positiva no Norte, apesar de se declarar estar ainda caminhando para tal ciência. Ao afirmar isso, via as grandes possibilidades de seu projeto ser alargado geograficamente, sabia que muito ganharia o escritor paraense ao associar-se¹⁸¹ a tal perspectiva.

Previa, sem dúvida, que, sendo Veríssimo um homem já maduro intelectualmente, poderia arregimentar uma série de novas perspectivas para a Literatura de sua região, seja ao propor um modelo de escrita coerente cientificamente, saindo da abstração do romantismo e do misticismo da igreja, seja ao definir uma postura intelectual acordada com "o moderno movimento de ideais": poder influir em seu meio, produzindo e divulgando idéias.

É, nesse sentido, que os propósitos literários não poderiam estar dissociados dos políticos¹⁸². Lutar por espaço significa considerar o espaço existente e, nessa época, a monarquia, juntamente com a Igreja freavam, pelo menos tentavam, a formação de novos grupos sociais. Projetos de novas instituições queriam de vez ser estabelecidos, que, partidariamente, eram representadas por liberais e republicanos.

Em suma, a posição tomada por Veríssimo em seus textos significa, justamente, um "nacionalismo literário" não isolado do todo político. Sua militância, no entanto, situava-se na produção do conhecimento de questões que retirassem do Brasil o símbolo de nação atrasada e sem vínculo algum com sua Literatura. Uma literatura – deixa-se claro – entendida como tudo o que fizesse a Nação se distinguir e, conseqüentemente, emergir questões peculiares a somente ela, daí alguns

¹⁸⁰ AGUIAR, op.cit., p. 321-322.

¹⁸¹ VERÍSSIMO, 1977, passim.

¹⁸² Casanova a respeito do nacionalismo literário afirma que após as idéias de herder "o vínculo entre política e literatura é reafirmado sob uma forma explícita (...) a partir de então, o vínculo da literatura com a nação deixa de ser uma simples etapa necessária na constituição de um espaço literário e é reivindicado como uma realização" Conferir: CASANOVA, op.cit., p. 134.

escritores, como Alberto Faria, afirmarem que seu método era o mesmo de Martius “em disputa de originalidade, irritante sobre inútil”¹⁸³.

Ainda, se a “panteomização” era símbolo de modernidade vivenciada por diversos segmentos da “intelligentzia” das elites locais paraenses, conforme Bezerra Neto afirma por ocasião da recepção do maestro Carlos Gomes em Belém, em 1882, como se explicaria, em 1881, um folheto em homenagem ao filósofo francês Emílio Littré? Estaria Veríssimo abolindo as coisas referentes ao país ou promovendo mais uma instituição para a formação intelectual de sua geração, pois, acredito, que o método positivista fora, por ele, seguido em boa parte de sua estada no Pará?

“Não existe, [de acordo com Casanova], ‘milagre de autonomia: cada obra vinda de um espaço nacional pouco dotado, que almeja o título de literatura, só existe em relação às redes e ao poder consagrador dos lugares mais autônomos’”¹⁸⁴. A explicação mais coerente do motivo da publicação de Emilio Littré na Belém de 1881 seria, portanto, almejar um lugar consagrador. E, é nesse contexto, que devem figurar os textos de Veríssimo saídos no *Gazeta de Notícias*.

Para ratificar esse processo de aquisição de um espaço, nada melhor que a representação do artigo que Veríssimo publica, em setembro, ainda no ano de 1881, na *Revista Brasileira*, aquela época dirigida por Franklin Távora e Nicolau Midosi. “A religião dos Tupis Guaranis”, por exemplo, demonstra de modo cabal a entrada do escritor no cenário carioca de produção junto ao projeto de Literatura de Távora para a revista daquele ano. É, ainda, esse estudo sobre as origens da religião tupi guarani, que vem sendo desenvolvido desde 1878, quando da publicação do *Primeiras Páginas*, especificamente sob o título “As Raças Cruzadas no Pará”, cuja apresentação será posteriormente realizada a fim de manter certa coerência com a temática proposta pelo escritor na *Revista Amazônica*, de 1883.

Talvez, esteja aí um dos melhores exemplos de como as proposições do positivismo tiveram efetividade na prática do escritor, comprovando seu senso de preservação do material histórico e nas questões de cunho, amplamente, cultural.

De fato, toda essa produção material ou intelectual, em Belém, pode ser, sem dúvida, visualizada como um momento de constante materialização de pesquisas e de estudos, como se se firmar numa sociedade fosse fazer da escrita

¹⁸³ Conferir ABL. Discursos Acadêmicos. op. cit., p. 1061.

¹⁸⁴ CASANOVA, Pascale. Op. cit., p. 141.

uma outra instituição. Toda uma dinâmica social – fatos, eventos culturais, viagens, conversas – era, por ele, título de estudo ou de apresentação. Os leitores esperavam isso, e ele cumpria mesmo ao discorrer da pena. A primeira dessas matérias, “apressada”, nem por isso de menor valor para avaliar o conjunto de sua obra, é o “Escorço” intitulado “Carlos Gomes”; a segunda é uma “Nota” sobre Gonçalves Crespo; e a terceira, uma “carta” denominada de “Nas Malocas”, todas publicadas, originalmente, no *Diário do Grão-Pará*, em 1882.

3.2. *Diário do Gram-Pará*

A matéria extraída dos textos “Gonçalves Crespo”, “Carlos Gomes”, e “Nas Malocas”, do jornal *Diário do Gram-Pará*, apesar de diversas, tem um fundo em comum, se consideramos o que se diz hoje sobre Veríssimo, especialmente, algumas proposições defendidas por João Alexandre Barbosa no que concerne a “geração contestante”. Afirma o teórico sobre isso, considerando a produção o escritor paraense que vai de 1878 a 1890:

Na verdade, o conjunto de textos que escreveu e publicou entre 1878 e 1890 está montado sobre uma ordem de preocupações a que, em seu conjunto, poderíamos chamar de contestação de esquemas de interpretação do país erigidos pela crítica romântica caudatária da influência portuguesa.¹⁸⁵

Ou seja, toda e qualquer discussão proposta estaria baseada numa espécie de contestação ao passado literário e cultural do Brasil. Imprimir esquemas novos de interpretação significava considerar as falências ou não do método anterior por meio do “empréstimo”, naquela época, do “repertório” das “ciências da natureza”. E, justamente, por Veríssimo estar em uma geração ainda em construção, é que sua crítica perpassava por uma linguagem não específica. Barbosa melhor elabora sua tese:

Deste modo, há uma perfeita complementaridade: o esquema determinista e a distinção de abordagens da Literatura são sustentados por uma linguagem não específica que, se valendo das

¹⁸⁵ BARBOSA, op.cit., p. 94.

ambigüidades, das indefinições e de um repertório tomado de empréstimo às ciências da Natureza da época, funciona como corolário de uma evolução social que ainda não havia permitido ao intelectual brasileiro uma adequação entre ideologia e julgamento de valor.¹⁸⁶

Não há como discordar de que a geração de 70 foi mais uma construção de uma geração do que uma geração em si. Os próprios textos de Veríssimo, como bem analisou o crítico¹⁸⁷, se considerarmos o aspecto temático do ensaísmo, por exemplo, apresentam aquela certa flexibilidade requerida pelo jornalismo, conforme se viu anteriormente. O que se deve ponderar por agora, todavia, é como “uma evolução social que ainda não havia permitido ao intelectual brasileiro uma adequação entre ideologia e julgamento de valor” interferiria na comunicabilidade de Veríssimo. De outra maneira, em que sentido a interpretação da realidade operada em seus textos poderia demonstrar o que era literatura? Poderia ser a mesma de sua formação no Rio de Janeiro?

A Amazônia, por exemplo, é uma preocupação que o acompanha até seus últimos dias, desconsiderando, por sua vez, o imediatismo da imprensa. Ainda em “Interesses da Amazônia”, de 1915, vê-se essa região sob a óptica do “lócus” a ser estudado, considerando, agora, como a borracha e como a imigração com ela advinda interferiria numa elaboração social mais sofisticada. Nessa mesma época, é claro, também, seu interesse por questões “intrinsecamente” literárias, avaliando o volume de escritores e obras, cuja “História da Literatura Brasileira” é o melhor exemplo.

O lugar a que se quer chegar é: se se pode considerar a não especificidade de linguagem em José Veríssimo em Belém, por que não considerar, ao invés disso, uma seleção de linguagem por ele operada? Parece que só o fato de enquadrá-lo num tipo de discurso ou posição já é desconsiderar a concepção de literatura, por ele, defendida no periodismo e na produção em livro, mormente na primeira cujo foco é estudado por nós.

¹⁸⁶ BARBOSA, op.cit., p 87.

¹⁸⁷ Sobre os *Estudos Brasileiros*, de 1889, Barbosa afirma: “(...) Somente a partir de 1901 é que passaria a usar o termo literatura como definição para o que entrará então a produzir. Por agora [nos Estudos Brasileiros], a incidência caía não sobre os assuntos especificamente literários, mas sobre problemas e pesquisas mais amplamente culturais, e mesmo os estudos literários eram elaborados de uma perspectiva, por assim dizer, nacional. O interesse da obra, problema ou autor assentando muito mais nas repercussões culturais de formação da nacionalidade do que nos valores estéticos intrínsecos”. BARBOSA, op.cit., p. 53.

3.2.1. “Gonçalves Crespo”

Ver, a título de exemplo, como um ensaio sobre Gonçalves Crespo saído originalmente em periódico, em 1882, pode figurar num livro dedicado aos “Estudos Brasileiros”, em 1889. Parece que, o que queria atender o escritor, eram aspectos de política cultural, ou seja, trazer para o campo de discussão e tornar isso uma militância, todos os aspectos que condissessem, a seu ver, a emergência de um novo país. Em nota ao estudo acima referido, Veríssimo afirma:

Talvez não tivessem estas notas sobre Gonçalves Crespo o direito de figurar em um livro exclusivamente consagrado ao Brasil. Não discutirei as razões com que poderia justificar-me de reuni-las aos meus outros trabalhos, basta-me pessoalmente considerá-lo, pelas tendências do seu espírito e pelo carácter de sua poesia mais genuinamente brasileiro do que muitos dos nossos nacionaes.¹⁸⁸

Salvo as modificações que se costumava fazer na edição em livro, a análise aponta o porquê da inserção de um escritor português “em um livro consagrado ao Brasil”, iniciando com a seguinte resposta: por meio de tendências de espírito e de caráter da poesia, Crespo seria “genuinamente brasileiro”. Na verdade, o caráter de variação de seu talento seria um dos primeiros pressupostos para assentá-lo como um escritor moderno, porque, apesar de influenciado pelas idéias românticas, não se deixou encarcerar por elas, fazendo, ao contrário, da realidade a distinção de sua poesia. Veríssimo, sobre a concepção romântica e Crespo, em distinção, afirma

É talvez lógico, mas em todo caso fatal, que depois da chateza tranquilla dos últimos tempos do clacissimo, surdisse a desordem romântica com todos os seus enthusiasmos theatraes, mas sinceros, cujo excesso viria a dar no facto apontado: na exageração do sentimento que punha o poeta fora da verdade e do mundo, fazendo d’elle, quasi que um ente á parte, eternamente atormentado por aspirações impossíveis.

A essas chimeras românticas não escapou Gonçalves Crespo, mas é preciso não lhe conhecer o gênio para ver que o levavam para ellas mais a inevitável influencia dos meios do que o seu gosto artístico.¹⁸⁹

¹⁸⁸ VERÍSSIMO, 1889, p. 73.

¹⁸⁹ Ibid, p.75.

A concretização dessa “influencia dos meios” estaria, justamente, na obra *Nocturnos*, de março de 1882, que, conforme Veríssimo, é exemplo de como Crespo articulou fatos históricos à poesia. É, pois, com a intenção de destacar essa primeira distinção que se demonstra ser coerente um estudo sobre ela, evidenciando para o meio provinciano certo modelo de escrita e de superação de um escritor. É necessário recordar que muito das afirmativas que Veríssimo fará, partem de um lugar comum ao do escritor português: o sugestivo Congresso Internacional de Antropologia que não somente favorecia os homens de letras com as obras recém saídas do prelo, mas também pelo encantador ambiente em torno das letras. Novos encontros e distintas conversas, talvez, casuais, mas não necessariamente sem valor político.

Alberto Faria reproduz esse momento peculiar da vida de Veríssimo, importante para entender como sua relação com Crespo foi decisiva não somente porque, em dois anos, se dedicaria a um estudo sobre o escritor português, mas também porque entenderia o motivo pelo qual o publicou em um jornal de proprietários portugueses:

Por essa espécie de pudor que nos afasta das pessoas admiradas e queridas, consoante expressão sua, esquivara-se ao contato direto das de maior evidência.

Contudo, não pôde refugir ao de uma, Gonçalves Crespo, cujo extraordinário dom de simpatia – sabe-o o vosso confrade Sr. Silva Ramos, que eu de relanço apenas o vi – quebrava desconfianças melindrosas.

Em breve estreitaram-se na benquerença os dois mestiços, distantes da pátria comum, não raro objeto de saudade conversada entre ambos.¹⁹⁰

Ainda, confirma Faria, foi justamente por Crespo ter recitado no “palco do Trindade, ‘A Morte de Dom Quixote’”, que Veríssimo teria se inspirado a dedicar-lhe uma apreciação: “Na platéia deslumbrada estava José Veríssimo, em cujo cérebro se agravaria indelevelmente a impressão auditiva dessa noite”.¹⁹¹ Toda essa atmosfera de deslumbramento reflete numa linguagem despreendida do rigor da ciência e Veríssimo, diferente do que fez com Littré, deixou-se envolver pelo sentimento da poesia:

¹⁹⁰ Conferir ABL. Discursos Acadêmicos. op. cit., p.1062

¹⁹¹ Ibid., p. 1063

Quem teve a gloria de vê-lo e tratá-lo, na intimidade de seu lar, no seu microscópico gabinete de trabalho, cheio de livros de sciencia, d'arte e de litteratura, enfeitado e 'coquette', com as paredes cobertas de photographias de artistas e poetas, e o escutou nas palestras litterárias franco, singelo, entusiasta, sem 'pose' [...] comprehende que está diante de um poeta fatalmente votado ao perpétuo sacerdócio da arte [...]

E, francamente, é só d'esta forma que eu posso comprehender os poetas, esses entes privilegiados, meios homens meios deuses, que passam falando em língua que não nos é dado falar, e que nem sempre comprehendemos, mas que nos delicia e refresca a alma.¹⁹²

É conhecida a posição de Veríssimo em relação aos poetas brasileiros,¹⁹³ muito deles jovens perdidos por uma poesia abstrata, no entanto se a proposição, por ele, defendida posteriormente sobre “o momento que atravessam todas as sociedades do occidente” puder ser aplicada a ele mesmo, ele se tornaria um cabal exemplo de como a leva de teorias tornou aquela sociedade, ao menos a que representa a “inteligentzia”, dividida filosófica e culturalmente.

Com a sua costumada profundeza, Augusto Comte sobmette o desenvolvimento das faculdades estheticas as regimen intellectual, do qual tambem depende todo o progresso humano. O momento que actualmente atravessam todas as sociedades do occidente, profundamente divididas por crenças philosophicas de todo o gênero, que geram ellas tambem os mais disparatados problemas, pondo em lucta todas as forças sociais, e por assim dizer, embaraçando todas as soluções, não tem, nem pode ter, um só character que se defina em frase curta e precisa. Entretanto, é fácil de ver, no meio d'esta confusão, um ponto para o qual convergem todas as aspirações e para cujo alcance a humanidade, representada pelo que ella tem de mais eminente (e aqui a qualidade sobreleva a quantidade) trabalha com todas as suas forças.¹⁹⁴

Se, por um lado, a crença no indefinível “embaraçando todas as soluções” preocupa, permitindo inclusive que Veríssimo tivesse a permissão de fazer um

¹⁹² VERÍSSIMO, 1889, p. 74.

¹⁹³ Desde o *Primeiras Páginas*, Veríssimo vê o romantismo como um movimento que retirava dos poetas a percepção de realidade. Nos *Estudos Brasileiros*, ainda no estudo dedicado a Crespo, ele justifica a tal posição dos artistas, descrevendo-a da seguinte forma: “mas em todo casal fatal, que depois da chateza tranquillã dos últimos tempos do clacissismo, surdisse a desordem romântica com todos os seus enthusiasmos theatraes, mas sinceros, cujo excesso viria a dar no facto apontado: na exageração do sentimento que punha o poeta fora da verdade e do mundo”. Em razão disso, “perdemos Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Junqueira Freire e outros por fim Castro Alves – a mais promettedora esperança da nossa poesia”. Conferir: VERÍSSIMO, 1889, p. 75.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 77-78.

estudo menos rigoroso, por outro, é inevitável, sobretudo, a existência de um “ponto para o qual convergem todas as aspirações”. “Esse ponto, esse problema de cuja solução depende a unidade intelectual do futuro, é a concepção positiva do universo”, que “se imporá a todos os espíritos, e d’esta vez, a crença universal não se baseará na revelação extra-humana, mas na demonstração experimental”. Justamente o procedimento utilizado por ele ao demonstrar a evolução da poesia de Crespo, ao qual se unem outros elementos que caracterizarão o conjunto da obra.

Comparando *Nocturnos* com *Miniaturas*, de 1870, firma Crespo no rol de intelectuais, porque apresenta a função de “fundo” e “forma” coerentemente desenvolvida, deixando o subjetivismo lírico que seria a negação do movimento moderno. Na verdade, o que se estabelece a partir desses critérios formais, é caracterização da construção da poesia moderna em Crespo, ressaltando uma espécie de esquema de composição do nacional que vai desde a criação da obra ficcional em si até a maneira como a análise crítica repercutirá na recepção dos leitores:

[...] Para exemplo d’esta pureza de fôrma que uma extrema e fidalga elegância caracteriza , eu poderia citar todo o livro [...] Peço, porém, ao leitor que leia com cuidado ‘O Minuête’, ‘As Oudinas’ e a já citada ‘Morte de D. Quixote’. São os documentos comprobatórios que escolho, e fio que o publico será do meu parecer.¹⁹⁵

É nesse sentido, que o estudo de Gonçalves Crespo parece representar aquela preocupação constante de Veríssimo em modalizar um discurso para o lugar em que a obra foi produzida, servindo como modelo de construção da “intelligentzia” de um país:

O artista é tanto maior quanto menos indiferente fica ao seu meio, cujos sentimentos deve reproduzir com a máxima exacção, si pretende ser perfeito. Isto quer dizer que elle depende inteiramente das circunstancias, ou por outra, que a sua perfeição está na razão directa da maneira por que traduz o estado social do seu tempo. Ora, desde que, segundo esta concepção, que cremos legitima. O artista está subordinado ao seu meio, é claro que antes de classificar um artista deve-se indagar do estado social, cujo é filho.

¹⁹⁵ Ibid., p. 90.

Os pressupostos que assentam a conclusão de que se deve indagar sobre o estado social do artista são os mesmos que utilizou para mostrar o lugar do positivismo, ou melhor, da heterodoxia de Littré, na construção do progresso nacional. Na verdade, tanto o estudo sobre esse filósofo quanto sobre o literato, como Crespo, são representativos do quão intrigante foi o movimento geral das idéias, rodeadas por “crenças philosophicas de todo o genero”, que, embora estivessem ainda em formação, não permitiram o arrefecimento do “regimem intellectual”.

Talvez, por isso, seja coerente definir esse momento de Veríssimo no *Diário do Gram-Pará* como símbolo não de uma “geração contestante”, no sentido restrito de contestação ao passado, defendida por Barbosa, mas de uma geração ávida por descobrir-se essencial ao progresso cultural, moral e literário do país, isto é, preocupada com que rumo tomar no meio desse “monte” de teorias, filosofias e costumes novos.

Assentar seu lugar ao sol parecia, também, no caso de Veríssimo, reconhecer-se como participante desse estado de indefinição, mesmo sendo difícil materializá-lo em palavras – “O momento que actualmente atravessam todas as sociedades do occidente [...] não tem, nem pode ter, um só character que se defina em frase curta e precisa”. Em outros termos, tal conjuntura não significava parar de produzir, ao contrário, servia como justificativa para estabelecer novos rumos aos estudos. Afinal, o estabelecimento de novas instituições sempre vinha acompanhado do discurso da falta.

A consequência disso é o conjunto de temáticas diversas, reflexo direto de como o escritor se comportava frente a toda e qualquer movimentação social e o jornalismo, amigo direto desses homens ávidos por discussão, estava lá, fervilhando diariamente por mais uma nova polêmica ou laureação.

3.2. 2. “Carlos Gomes”

Do lugar da imprensa e de um fato que chamaria atenção dos leitores paraenses, Veríssimo continua aplicando seu método positivo no *Diário do Gram-Pará*. A ênfase em um evento cultural importante para a acomodação da sociedade paraense no rol de cidades desenvolvidas foi por ele discutida em um folheto, o qual tratava da chegada, em Belém, de um dos mais reconhecidos maestros do mundo ocidental, filho da terra brasileira, Antonio Carlos Gomes.

Houve, naquele mês de julho de 1882, uma movimentação na cidade paraense quando chegou a notícia de que o compositor paulistano apresentaria um ópera no Teatro da Paz no dia 12 de agosto. Foi logo arregimentada pelo Presidente da Província a formação de uma comissão para recepcioná-lo. José Veríssimo, então, foi indicado e tratou de apresentar ao público um breve resumo sobre o ilustre músico erudito.

No denominado *Carlos Gomes (escorço)*, em letra garrafal, tipografada especialmente com algumas cores para fugir do preto e branco do periodismo diário, é precisa a laureação do compositor de o “Il guarany”, ópera que consagrou Carlos Gomes para o mundo.

A nota introdutória a esse escorço é já um item que pode ser distintivo desse gênero, escrito somente em ocasiões especiais:

Edição consagrada a comemorar a chegada do maestro ao Pará a 24 de Julho, e gratuitamente distribuída na noite de sua festa no teatro da Paz, 12 de agosto, de 1882.¹⁹⁶

Foi grande a comoção do povo paraense. Todos os setores da sociedade viam com deslumbramento a entrada daquele que não era somente mais um homem, mas também uma glória para a nação brasileira:

O Pará tem a honra de hospedar n'este momento em que escrevo, o illustrissimo compositor paulista. A nossa província soubre affirmar, de uma maneira digna, a sua solidariedade nacional perante as glorias da pátria. A imprensa já o saudou unanimemente; o povo, máo grado a chuva copiosissima que caía na occasião de seu embarque, correu pressuroso ao seu encontro

¹⁹⁶ VERÍSSIMO, José. **Carlos Gomes** (escorço). Typ. do Livro do Commercio. Pará, 1882.

e não lhe regatou ovações; os estrangeiros (e os haverá no Brazil?) não só não se furtaram a estas significativas manifestações de apreço, como para ellas contribuíram larga e generosamente; os operários, os artífices, artistas também na esphera, organisaram porcições para comprimental-o; a municipalidade, comprehendendo perfeitamente o seu dever, mandou por dois dos seus membros recebel-o e desejar-lhe a boa vinda em nome da cidade, cuja é legitima representante; enfim, ninguém se eximiu de prestar-lhe a justíssima homenagem de admiração, de estima e de alta consideração a que elle tem incontestável direito.

Eu interpreto fielmente os sentimentos de Carlos Gomes dizendo que elle está profundamente penhorado e agradecido pela gentileza dos habitantes do Pará, assim como traduzo exactamente os dessa população declarando que ella orgulhosa de tel-o entre si e está satisfeita por haver cumprido o seu dever.¹⁹⁷

Prestigiar pessoas de destaque era mais uma maneira de fazer a diferenciação da nação. Nesse sentido, é importante perceber como o positivismo estava, conforme Bezerra Neto, expresso no “seio de diversos segmentos da ‘intelligentzia’ e das elites locais” por meio da “panteomização de personagens destacados, laureados como verdadeiros heróis cívicos”.¹⁹⁸

Nesse sentido, a posição de Veríssimo em escrever sobre tais personagens se torna relevante, porque, da mesma maneira que propõe demonstrar como ocorreu o processo de consagração de Gomes no cenário nacional e internacional da música, assim o fez com Emílio Littré e Gonçalves Crespo, ratificando que seu interesse não era por questões isoladas, de Literatura somente, mas por tudo que interessasse à “pátria Brasileira”. Todavia, o que teria levado a exclusão do mesmo Carlos Gomes dos *Estudos Brasileiros*, já que fazia parte de nossa cultura? Como justificaria a inserção de um português nessa mesma obra?

Em nota aos *Estudos Brasileiros*, 2ª série, assim se refere ao trabalho de 1889, a partir do qual a “campanha de nacionalismo” continua:

Continuão estes escriptos a campanha de nacionalismo, que obscuramente, em livros e jornaes provincianos, sem lustre, nem realce, mas com lisura e convicção, venho fazendo desde 1877. e somente por havel-a continuado, mormente quando outras e mui diversas as preocupações do espirito publico, os reúno em livro. A não ser a intenção que os ditou e o sentimento que os anima, merecerão elles olvidados nas columnas dos jornaes onde sairão.

¹⁹⁷ Ibid., p. 5-6.

¹⁹⁸ BEZERRA NETO, op.cit., item VI.

Esta é, disse eu no prefacio da primeira série destes ensaios, referindo-se aos sentimentos a que alludo, esta é a inspiração principal da minha obscurissima vida litteraria e o espírito que dirige todos os meus desvaliosos trabalhos feitos ou premeditados: o estudo da pátria brasileira em todos os aspectos que nol-a representem tal qual é, como a única base segura para assentarmos uma cultura verdadeiramente nacional.¹⁹⁹

Salvo a apreensão que demonstra ter em relação aos seus trabalhos saídos “em livros e jornaes provincianos, sem lustre, nem realce“, por causa das “preoccupações do espírito publico“, parece que outras questões o generalizavam. Publicar em livro era um outro ramo, a textualidade seguia padrões intrínsecos, uma sintaxe mais linear, linguagem menos agressiva e floreada, consoante experimentado em 1878 no *Primeiras Páginas*. Ter um escorço em livro, portanto, seria quebrar com os padrões de boa edição. Talvez, tenha sido esse um dos motivos de Carlos Gomes não figurar na edição de 1889, pois foi um dos únicos textos, juntamente com mais três, dentre um número aproximado de 42 publicados em periódicos que não apareceu em livro. A nota ao final do escorço ratifica tal asserção:

Este livrinho, que se offerece hoje aos admiradores amigos de Carlos Gomes – cujo nome empresta-lhe o único merecimento que tem – é um trabalho simplesmente sincero, e não de estylo. Foi escripto ás carreiras, logo após a chegada do maestro, e publicado no ‘Diário do Gram-Pará’ de 29 e 30 de Julho.²⁰⁰

Ao mesmo tempo, esse trecho possibilita perceber o quão imediato era o trabalho na imprensa. Com o propósito de atender à requisição de leitores, o estilo não pode ser melhor trabalhado, sendo reflexo disso a tentativa de um estudo mais aprofundado ao trabalho de Gomes.

Tratando sobre a recepção de o “Guarany”, Veríssimo acusa aqueles críticos que insistem em afirmar ser essa obra a imitação de Mayerbeer e Verdi, sem “jamais apontarem quaes são os trechos imitados e aquelles de que foram imitados”. Littré utiliza para justificar o que se deve fazer, quando questões de arte como essas, estiverem envolvidas:

¹⁹⁹ VERÍSSIMO, 1894, pp. 7-8.

²⁰⁰ VERÍSSIMO, 1882.

Ora a critica musical, quando não é apenas da pose que a dirige – e nesse caso é uma mania extravagante mas inocente – a critica musical, digo, tem, como a litteraria, o dever de documentar as suas asserções.

Em musica, principalmente, não se póde acusar de imitação a ninguém, sem immediatamente proval-a.

Mas ha nos referidos críticos do Guarany uma confusão de 'imitação' com 'reminiscência'. A imitação é um facto voluntário e proposital, a reminiscencia é um phenomeno psychico independente da vontade do sujeito, que consiste, diz Littré, em tornar uma reminiscência inconsciente por uma producção expontanea do nosso espírito.²⁰¹

A flexibilidade temática da imprensa em José Veríssimo estava, ao mesmo tempo, ligada a um rigor de aplicação de um único método a todo e qualquer fenômeno cultural, mesmo que sem a devida “competência” para isso: “Não affirmo nem nego, porque para qualquer dessas operações falta-me competência.”²⁰²

Ainda que na esteira desse discurso da carência de estudo, como justificativa para possíveis falhas, era constante a preocupação de Veríssimo em arregimentar a construção do caráter de Gomes, em sua completude cultural e biológica, inserindo-o num campo específico do campo social, assim como fez em Gonçalves Crespo e Littré. Para todos os três escritores é criada a noção do “super” homem, dedicado exaustivamente ao trabalho, com jornadas extensas de estudo e pesquisa, porque “é o seu [de Carlos Gomes] não passar um dia sem escrever, para não se lhe embotar a imaginação, provando assim saber que o exercício revigora as funcções, conforme ensina a biologia”.²⁰³

“A largos traços” – afirma Veríssimo cumprindo seu dever – “esbocei a carreira gloriosa de Carlos Gomes. Pudera ficar aqui, porque apresentando o artista estava cumprida a minha tarefa [...]”.²⁰⁴

São, em verdade, esses interstícios que nos dizem sobre o pensamento sócio-cultural de Veríssimo na imprensa paraense, na medida em que se articulam como o conteúdo por ele divulgado diariamente estava interseccionado aos demais elementos constitutivos dessa mesma empresa, desde a escolha de um determinado gênero para atender à ocasião solicitada pelo público até as variedades de métodos para tratar de seu objeto.

²⁰¹ VERÍSSIMO, 1882, p.10.

²⁰² Ibid, p. 11

²⁰³ ibid.,p. 12.

²⁰⁴ Ibid.

Em resumo, sua escrita, como um todo, representa muito do que foi aquela geração em construção das décadas de 70 e 80 do XIX, ainda preocupada com condições materiais irrisórias desencadeadas pelo parco, com quase nenhum número de revistas, com preço alto pela publicação em livro e com a falta de especialização, porque não só das letras poderia viver o intelectual. Talvez, mais um motivo para não cerrá-lo numa única classificação, sobretudo, se se considerar o seu lugar na imprensa periódica. Etnografia, etnologia, positivismo e jornalismo – o que se pode afirmar é que em cada produção foi um conjunto dessas funções, tudo para levantar o espírito nacional por meio de um regime intelectual consciente da efemeridade de funções e de cargos, mas não de um propósito ideológico.

Ao se observar toda a produção periódica até esse ano de 1882 ratificar-se-á, por exemplo, a recorrência da temática Amazônia em uma e outra coluna de jornal. Justamente, nesse sentido, pode-se falar em um esquema de interpretação preparado, quase que, exclusivamente, para essa região, tornando-a eixo de suas discussões.

A reunião de textos, publicados ou não em periódicos, do *Primeiras Páginas*, é o primeiro material representativo dessa proposição, porquanto une numa mesma obra a matéria de uma Amazônia destituída de instrução pública, com um sistema econômico lucrativo apenas para os donos dos seringais, ao lado da apresentação de costumes advindos dessa empresa do látex e, conseqüentemente, oriundos dela, como a mistura das raças e a colonização.

Portanto, seja na descrição etnográfica, seja na via ficcional, há uma espécie de reconfiguração da paisagem amazônida, sob uma perspectiva empírica, continuada em 1881 com a *Religião dos Tupy Guarany's*, passando pelas *As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes*, de 1887, até *Interesses da Amazônia*, publicada em 1915, descortinando, respectivamente, o lado religioso, folclórico e econômico da selva que foi encarnada de pureza pelos românticos.

3.2.3. “Nas Malocas”

Em 1882, no *Diário do Gram-Pará*, ao lado dos estudos feitos a respeito de Gonçalves Crespo e Carlos Gomes, publica a carta denominada “Nas Malocas”, por ocasião de sua viagem ao vale amazônico em busca de informações sobre a população indígena e seus aldeamentos.

O curioso é que o escritor se encontra de licença da Secretária do Governo e decide visitar, com o auxílio do presidente da província do Amazonas, Dr. José da Cunha Paranaguá, as malocas localizadas às margens dos rios Andirá, Maués e Canumã. O que pareceria simples exposição do estado de miséria dessas comunidades apresenta-se como um alerta ou divulgação da presença da civilização entre elas.

Compõe-se [a segunda maloca] de 18 miserabilíssimas palhoças, algumas das quaes bastante compridas e, para habitação de diversas famílias, divididas por paredes também de palha. Em cada uma d'aquelas casas vivem promiscuamente indivíduos de ambos os sexos. Um esteio fincado no centro basta para amarrar n'uma sala geralmente quadrada seis, oito e mais redes. É incrível a miséria em que vive esta gente, a quem faltam até os objectos mais indispensáveis á sua vida: as proprias armas de pesca e os mais necessários utensílios domésticos.

Visitei, uma por uma, todas as barracas e observei attentamente que em quasi nenhuma havia o que comer e nem sequer fogo feito entre as tres pedras que lhes servem de fogão.²⁰⁵

A essas primeiras impressões, segue-se a seguinte conclusão:

Como os de Andirá, os índios do Uariaú têm um aspecto fraco e amolentado. São uma raça que degenera ao contacto de uma civilização que não comprehendem e que lhes é madrasta. São baixos, de corpo grosso [...] É raríssimo encontrar entre elles um individuo com dentes são [...]

Contrariamente ao que se nota entre as populações ribeirinhas do Amazonas – descendentes da mesma raça – as quaes são, geralmente, aceiadas, os Maués, quer d'aquí quer do Andirá, são muito pouco dados a limpeza [...] Trazem os negros cabelos, que lhes crescem com abundancia invejável, muito maltratados e cheios de piolhos [...]²⁰⁶

²⁰⁵ VERISSIMO, José. **Nas Malocas**. Estudo, como referido acima, publicado originalmente no jornal *Diário do Grão Pará* de 1882, todavia somente encontrado nos *Estudos Brasileiros* de 1889, p. 64.

²⁰⁶ *Ibid.*, pp. 64-65.

Trata-se de situar essas comunidades, considerando o espaço do colonizador, ou em caso contemporâneo, o recrutamento dos homens indígenas feito pelos regatões para abastecer o mercado da borracha, apresentando, assim, os pressupostos da razão porque eram uma “raça decaída”, ou ainda permanecerem nos primeiros estágios da evolução humana. Por isso, Veríssimo, insistentemente, caracteriza-os, em comparação aos ribeirinhos, como um povo “com quem a civilização não deve contar”, haja vista sua constituição física e mental serem, se não desprovidas, mas, ao menos, enfraquecidas pelas empresas de exploração econômica:

A observação superficial que fizemos d'estes individuos, mostrou-nos os primeiros de um typo differente do segundo, de angulo facial mais agudo, o queixo fino e physionomia denotando menor intelligencia, e de genio desconhecido.

Depois de Abacaxis, fomos a Canumam (...) De curioso ahi encontrámos um velho indio com a patente de capitão, passada creio que ainda por Tenreiro Aranha, mostrou-nos o seu titulo de antigo simples votante. Este ‘cidadão’ fala apenas a lingua geral e só a custo comprehende o que se lhe diz em portuguez!²⁰⁷

O trecho acima, em que “o velho índio” mostra sua patente de capitão e “seu titulo de antigo simples votante”, traz o reconhecimento claro de uma das formas da política indigenista, que, emprestando ao índio o distintivo de “cidadão”, esquecera de lhe fornecer o mínimo conhecimento sobre a língua portuguesa, ou seja, a língua das leis as quais passaria a se submeter. De fato, ao se verificar a maneira como o escritor relata a vida diária, as danças e a língua do nativo, perceber-se-á um posicionamento explícito em relação àquele sistema implantado pelo império, notadamente com a Constituinte de 1823, para “civilizar” a população indígena.

Entre uma e outra viagem, encontra um costume em que há o encontro de culturas que provocou certo desfalecimento do original, a exemplo da dança “gambá”, uma mistura de “polkas e walsa, dançand[a] tudo ao som da mesma musica”, provavelmente de origem portuguesa e que, de acordo com o escritor e com os “mestres que estudam as manifestações estheticas do sentimento popular”,

²⁰⁷ Ibid., p. 71.

tem função meramente ilustrativa, porque os índios não sabiam sequer o seu significado:

De accordo com os mestres da sciencia que estudam as manifestações estheticas do sentimento popular, transcrevo exactamente tal qual lhes ouvi a elles pronunciar, os versos que ahi ficam, e de cuja significação no meu entender elles não têm aliás a menor relação. E mais me confirma n'esta idéa, que quando lhes pedi que [?] dictassem, foi preciso que cantassem para se lembrarem, nao sendo capazes de os recitarem de côr.²⁰⁸

O final de sua tese não poderia ser outro senão ratificar a presença pouco satisfatória de teorias sentimentalistas do Estado Nacional – representado, a partir de 1861, pelo Ministério dos Negócios, Agricultura, Comércio e Obras Públicas – aplicadas, ao que parece, por uma intervenção econômica, conseqüentemente, cultural, desfavorável às populações ditas inferiores:

E, diante de toda esta degradação, a gente não pôde deixar de sorrir das theorias sentimentalistas dos românticos da politica ou da arte, e perguntar se estes sujeitos darão jámais cidadãos aproveitaveis e indagar onde estão, entre estas mulheres feias e desgraciosas as Iracemas e entre estes homens rudes e grosseiros, os Ubirajáras.²⁰⁹

“Nas malocas”, por assim dizer, é um dos textos, ao lado do “Do Pará a Óbidos”, em que Veríssimo se firma como estudioso das causas indígenas amazônicas, relacionadas às questões econômicas e políticas gerais.

Também, é representativo de um modelo de pesquisa que será, definitivamente, ao menos em sua estada na província do Pará, maturado na *Revista Amazônica*, nos anos de 1883 a 1884. Melhor definido, seria esse texto, se for relativizada sua posição na evolução do pensamento do escritor entre os anos de 1882 e 1883, ínterim em que sai do cargo de oficial da Secretaria do Governo e planeja a dita Revista. Isso aconteceu, porque as questões propostas parecem ir ao encontro de uma política, naquele momento, cultural em relação a posição da sociedade indígena no cenário nacional.

²⁰⁸ Ibid., p. 68.

²⁰⁹ Ibid., p. 72.

Destarte, o papel que Veríssimo toma em toda a constituição desse texto até sua publicação parece ser o da apresentação de uma outra perspectiva aos fatos, e/ou ações, correntemente aplicadas seja pelas interpretações²¹⁰ que se faz sobre o lugar dos povos mestiços e indígenas na economia local, seja pelas políticas, propriamente ditas, do governo para a “inserção” desses povos em aldeamentos, que os trariam para um mundo moral e civilizado.

Cotejando, pois, essa publicação feita do *Diário do Gram-Pará*, conclui-se que ao lado de críticas à sociedade era proposto – com o objetivo não somente de refazer, mormente, de inaugurar – um modelo de análise que abastecesse o mercado de produção intelectual paraense, requerendo uma ampla abordagem sobre a sociedade. Assim, ao lado da panteomização de Carlos Gomes, há o discurso da ausência da cultura, da moral e da civilidade do indígena.

Esse tipo de linguagem será fundamental para o estabelecimento de Veríssimo na imprensa e na sociedade paraense como todo, da mesma forma para a seleção do grupo que constituirá a *Revista Amazônica*.

²¹⁰ Em 1882, o presidente da Província do Pará, Dr. João José Pedrosa, afirma haver uma grande polêmica sobre o trabalho de Manuel Pimenta Bueno. Este, escrevendo sobre a indústria extrativa da borracha, afirma ser essa deveras nociva para a população do Amazonas por não lucrar e somente ser explorada por tal empresa. Por isso, propõe a agricultura como solução, incentivando a imigração para a região. Na verdade, o que está realmente em jogo, entre o grupo do presidente da província e o do da imprensa é o interesse pela aceitação ou não da iniciativa particular para a extração da borracha em terras amazônicas.

CAPITULO IV

REVISTA AMAZÔNICA

4.1 Modelo de periódico

A imprensa paraense de 1883 contava com a inauguração de sete novos periódicos²¹¹, entre jornais e revistas: *Revista Familiar*, *Revista Amazônica*, *A vida Paraense*, *O Abolicionista*, *Correio das Verdades*, *Diário da Tarde* e *Sorriso*. Por meio de textos introdutórios dos três primeiros periódicos, supõe-se, ao menos em parte, que o que requeria aquela sociedade era tratar de literatura, artes e ciências.

Dentre essas três revistas, todas impressas pela tipografia do Livro do Comércio, havia uma de temas amenos, dedicada à família, denominada *Revista Familiar*, e outras duas dedicadas a um público envolto com questões de ciências. Isso induz a supor duas possibilidades de análise²¹²: ou eram concorrentes ou possuíam os mesmos editores e redatores. A certeza apenas é que todas não passaram de 12 números publicados, demonstrando como era difícil manter tal empresa.

Havia quatro anos que *A Lanterna* (1871-1876), revista de maior circulação, parara de vir a lume. Até 1882, saíram mais três revistas: *O Democrata*, *O Cacete* e a *Revista Lírica*, todas também de vida efêmera. Somente em 1883, portanto, o cenário paraense contou com três revistas publicadas simultaneamente, a já citada *Revista Familiar*, a *Revista Amazônica* e *A Vida Paraense*, indicando, entre os comuns percalços econômicos, um crescimento nesse tipo de publicação.

Conforme Eustáchio de Azevedo, o período de 1870 a 1885 foi fundamental para o estabelecimento de uma nova fase na Literatura Paraense, pois “figuraram como pontífices das sciencias e das letras”²¹³, homens de letras como Domingos Soares Ferreira Penna, Domingos Raiol, José da Gama Abreu, Tito Franco de Almeida, João Lúcio de Azevedo e outros. De fato, ao se verificar em alguns periódicos da época, como *O Liberal do Pará*, *Diário de Notícias*, *Diário do Gram-Pará*, percebe-se relevante trabalho que cada um prestou à província seja no

²¹¹ Conferir BARATA, op.cit., passim.

²¹² Uma dessas revistas não se encontra no arquivo de periódicos microfilmados do Centur, por isso não se pode com certeza afirmar o que ocorria. Apenas se pode levantar hipóteses.

²¹³ Conferir REGO, Clóvis Moraes. **A Mina Literária Nortista de Eustachio de Azevedo e n' "O Pará Literário", de Theodoro Rodrigues**. Belém-PA: UFPA, 1997, p.12.

serviço burocrático, em partidos políticos seja em associações cívicas e científicas. Por isso, considerar a produção intelectual que determinado personagem publicava na imprensa periódica era montar a *reseau* existente por trás de seu discurso.

Inserida nesse contexto, a *Revista Amazônica*, que para Eustáchio de Azevedo foi “a melhor e mais bem cuidada publicação litterária e scientifica que até hoje teve o Pará”²¹⁴, reuniu uma vasta matéria disciplinar em seus onze números, publicados mensalmente, além de um seleto grupo de personagens dos mais diversos setores da sociedade paraense daquela época. Por isso, acompanhar sua história seria perscrutar o símbolo não exatamente de um organismo em formação, mas de uma instituição que os próprios editores concebiam por estabelecida.

O frontispício, a *Revista Amazônica*, impressa por João Batista de Mello Cavalcante, diferenciava-se de *A Vida Paraense*²¹⁵, por exemplo, por apresentar uma diversidade de temas e por permitir um maior acesso a quem desejasse escrever-lhe:

A Vida Paraense. Publicação de crítica, literatura, ciencias e artes. 1883-1884. Pará, Tip. Do Livro do Commercio. Fol. Gr. a 2 col. In-4.º Trimensal. Ilustrada. Desenhos de João Affonso, litografados da oficina de C. Wiegandt.

Revista Amazônica. Ciência, arte, literatura, viagens, filosofia, economia política, indústria, etc. Pará. Tip. Do Livro do Commercio, In-8.º. Mensal.²¹⁶

Se a variedade disciplinar apresentada é perceptível, conseqüentemente foi solicitada a requisição de estudiosos nessas áreas. Aos moldes de revistas saídas em outras províncias, a *Revista Amazônica* reuniu “homens que a cidade já comporta[va] entre seus valores culturais”²¹⁷, mesmo que alguns já fossem próximos, como Tito Franco de Almeida²¹⁸, José Gualdino²¹⁹, Ferreira Penna²²⁰, e seu fundador, José Veríssimo.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ Perdida no tempo, ou ainda não microfilmada, *A Vida Paraense* seria um documento valioso não somente pelo estudo que dela poder-se-ia abstrair, mas como representante de uma revista que ao lado da *Revista Amazônica* agitou as bases do periodismo em Belém do Pará.

²¹⁶ BARATA, op.cit., p. 252-253.

²¹⁷ PRISCO, op.cit., p. 33.

²¹⁸ Sobre a biografia de Tito Franco de Almeida, conferir nota 40.

²¹⁹ Sobre José Gualdino não foi encontrada referência suficiente, a não ser que redigiu e foi proprietário do jornal *Gazeta de Notícias*, de Belém, em 1881, período no qual Veríssimo publicou o estudo sobre Emílio Littré.

Entre os editores da revista estavam: Clementino José Lisboa²²¹, Joaquim Ignácio Amazonas de Almeida²²², José Cardoso da Cunha Coimbra²²³, José Paes de Carvalho²²⁴ e José Veríssimo. Entre os redatores: Domingos Soares Ferreira Pena, João Affonso²²⁵, Tito Franco de Almeida, Augusto Constancio Rockling²²⁶, Domingos José Bernardino de Almeida, Emilio Allain²²⁷, José Gualdino e João Barbosa Rodrigues²²⁸, Vicente Chermont de Miranda²²⁹ e o próprio Veríssimo.

A divulgação dessa *Revista* em Manaus ficou a cargo de Henrique Ferreira Pena de Azevedo e em cidades vizinhas a Belém, como Óbidos, Santarém,

²²⁰ Domingos Soares Ferreira Penna nasceu em 1818 em Minas Gerais. Transfere-se para o Pará em 1858. Em 1866, depois da passagem de Luiz Agassiz pela província do Pará, decide criar a Associação Filomática, entidade que tinha o objetivo de fundar o Museu Paraense. Em 1870, teve oportunidade de mostrar ao geólogo Charles Hartt seus achados sobre a cultura indígena. Como naturalista publicou diversas obras sobre a Amazônia, dentre elas: *O Tocantins e o Anapú(?)*, *A Região Ocidental da Província do Pará* (1869) *Comunicações antigas entre Mato Grosso e Pará*, *Explorações no Amazonas* e *Cenas da Cabanagem no Tocantins*, os três últimos todos publicados na *Revista Amazônica*, em 1883. Conferir a análise de sua vida e obra em PENNA, Domingos Soares Ferreira.op.cit. passim.

²²¹ Conforme HALLWELL, Laurence, Clementino José Lisboa foi um dos primeiros donos de tipografia a se instalar no Maranhão. Sua tipografia, a Typographia Constitucional, foi considerada a melhor dentre as três de propriedade particular naquela província. Depois da 1870, sua presença é marcante na sociedade paraense, como um dos “das ciencias e das letras do Norte”. Conferir HALLWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2005,p. (p. 171) e REGO, op. cit, p. 19.

²²² Não foi encontrada referência suficiente sobre Joaquim Ignácio Amazonas de Almeida. Sabe-se, somente, que participou na imprensa pernambucana e na paraense, publicando para a *Revista Amazônica* o artigo *O elemento servil e sua extinção*.

²²³ conforme Sacramento Blake, José Cardoso da Cunha foi bacharel em ciências sociais e jurídicas pela faculdade do Recife. No Pará publicou as seguintes obras: *Esboço orphanológico*, *Memorial do escrivão*, *Ajudante jurídico*, as três obras publicadas em 1887 e *Traços judiciários*, em 1889.

²²⁴ Conforme Borges, Paes de Carvalho nasceu em Belém em 1850. Foi médico e esteve envolvido com a proclamação da República no Pará. Em 1889, fundou com Gentil Bittencourt, Justo Chermont, Barjona de Miranda o Clube Republicano, que tinha por representante o jornal “A República”. Borges, p. 176-181.

²²⁵ João Afonso do Nascimento nasceu no Maranhão, em 1855. Aos 21 anos radicou-se no Pará. Foi cronista e teatrólogo. Conferir AZEVEDO, Eustáchio de. **Literatura Paraense**. 3ª ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado e Cultura Azevedo: 1990, p. 56.

²²⁶ Sobre Augusto Constancio Rockling não foi encontrada referência.

²²⁷ Sobre Emilio Allain ano foi encontrada referência, somente que reeditou a *Arte de Grammatica da Língua Brasilica*. Sabe-se, no entanto, conforme referência na própria Revista Amazonica que foi quem traduziu as lendas recolhidas por Couto de Magalhães no *O Selvagem*, traduzidas por *Contes Indiens du Brésil*,

²²⁸ João Barbosa Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro em 1842. Foi botânico, engenheiro. Inaugurou em 1883 o Jardim Botânico em Manaus. Publicou as obras: *Exploração e estudo do Valle do Amazonas*(1875), *Idolo amazônico achado no rio Amazonas*(1875), *Lendas, crenças e superstições* (1881) e outras. Conferir referência completa em SILVA, Innocencio Francisco da. **Dicionário Bibliografico Portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, M DCCC LXX, p. 279.

²²⁹ Vicente Chermont de Miranda nasceu na Província do Pará. Foi engenheiro industrial e sócio do IHGB. Prestou relevantes serviços ao Pará no setor das ciências naturais, cartografia e lingüística. Publicou os livros, *Marajó*, 1864, *Glossário Paraense*, 1905, *Campos de Marajó e sua flora*, 1907. Conferir referência completa em Borges, op.cit., p. 389-393 e Pará. Mensagem do Exmo. Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, presidente da Província do Pará, apresentada à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 16 de junho de 1879. Pará: ?, 1879, p. 48. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Monte Alegre, Cameté e Vigia, a Antonio Caminha Muniz, Joaquim Maria Machado de Abreu Peixoto, João Valente do Couto Junior, Antonio Joaquim Alves da Silva e Francisco Ferreira de Vilhena Alves, respectivamente.

Em três outras cidades, ela poderia ser encontrada para a venda: no Rio de Janeiro, em Faro e Lino à Rua do Ouvidor; em Lisboa, em Mattos Moreira & Cardosos à Praça de D. Pedro; e em Paris, em Maisonneuve & C^a Librairie à Quai Voltaire. Assim como esses lugares vulgarizavam a leitura da *Revista Amazônica*, assim se fazia em Belém e Manaus, com os periódicos por eles editados, aparecidos na seção denominada “Publicações Recebidas”.

Nessa seção, além de vir apresentada uma espécie de resenha sobre cada volume editado por aquelas casas editoras, havia, também, a apresentação dos acontecimentos mais relevantes da vida literária brasileira da época, como a fundação da *Associação dos homens de letras do Brazil*, que requereu, inclusive, a visita de “dous notáveis escriptores argentinos, os srs. D. Vicente e D. Ernesto Quesada”.

Em verdade, o propósito de falar a respeito desses dois escritores sul-americanos era também agraciar os leitores nortistas com o mais recente número da *Nueva Revista de Buenos Aires* e, assim, colocá-la no patamar das revistas em que a *Amazônica* estava em comunhão. Ao se enfatizar isso, há um propósito explícito dos editores em elevar os periódicos – que entre a efemeridade do jornal e a difícil circulação do livro, provavelmente, por seu alto custo – à categoria de produção acordada às mais diversas e recentes notícias do mundo literário e científico dos países latino-americanos:

NUEVA REVISTA DE BUENOS AYRES dirigida por Ernesto Quesada. Tomos VII, VIII, e IX Buenos Ayres, abril de 1883 a fevereiro de 1884.

Temos recebido regularmente esta interessantíssima publicação que entendemos recomendar aos poucos – e os haverá, ainda assim? – que, americanos, devemos pensar também em conhecer alguma cousa da América.

Qual é de nós, com effeito, que não vive na mais profunda ignorância a respeito do movimento político, litterario, artístico ou scientifico das nações latinas do nosso esplendido continente? Ainda os homens mais eminentes dessas nações, os mais justamente illustres, como o poeta boliviano D. Manoel Cortez, os historiadores, poetas e litteratos mexicanos, Alaman e Icazbalceta, Maldonado, Pesado e Carpio, Manoel Payno, o chileno Lastarria, e mesmo, os que estão em maior contacto connosco, os argentinos,

os Quesada, os Glavez, os Alcorta, os Gusman, os Lopes, os Mitre são-nos desconhecidos completamente.

Nada mais difícil mesmo do que obter um livro publicado em qualquer dos países latino-americanos. Para combater este isolamento, estreitar as relações intelectuais entre os diferentes povos latino da América fundaram os eminentes publicistas e literatos argentinos, srs. Quesada, pai e filho, a *Nueva Revista de Buenos Ayres* que já conta três anos de existência e novos tomos publicados, colaborada por escriptores de toda a América latina, entre elles alguns do Brasil (Franklin Távora e Sylvio Romero) e constituindo já hoje um excelente repertório de notícias de alto valor litterario e scientifico sobre a vida intellectual dessas nações.²³⁰

Se, por um lado, prevalece no excerto acima o discurso da carência material e cultural ao redor desse tipo de publicação, por outro, não são ausentes as iniciativas para torná-la promissora e símbolo de uma movimentação intelectual incomodada com a “profunda ignorância a respeito do movimento político, litterario, artístico ou scientifico das nações”. Nesse sentido, a *Revista Amazônica*, por meio de um trabalho de José Veríssimo traduzido para a edição Argentina, compõe o cabedal de valores materiais necessários à construção cultural do momento, como a necessidade de se firmar um intercâmbio entre escritores:

A ‘Revista Amazonica’ não é uma desconhecida para a ‘Nueva Revista’ que no seu numero de Dezembro ultimo traduziu o trabalho do nosso collega José Veríssimo, aqui publicado, sobre o movimento intellectual brasileiro nos últimos dez annos.²³¹

Os Quesada, na verdade, haviam conhecido José Veríssimo por intermédio de Franklin Távora, ainda em novembro de 1882, quando este reunia uma série de biografias de escritores brasileiros ao que parece para enviar aos escritores argentinos. Afirma Távora: “o seu rápido perfil que, há 3 ou 4 meses, está com o redator da *Nueva Revista de Buenos Ayres* deve sair no fascículo de 10 de março (próximo). Já estão publicados os dos Srs. Inglês de Souza, Santa Helena e Júlio César”²³²

Ultrapassado os limites geográficos, com colaboradores valiosos em reunião e aqueles lugares-chave de distribuição e de venda, a empresa editora via o eminente risco de a revista deixar de circular devido ao aumento na taxa dos

²³⁰ *Revista Amazônica*. Seção *Publicações Recebidas*. Tomo II, janeiro e fevereiro de 1884. p. 95-96.

²³¹ *Ibid.*.

²³² AGUIAR, op. cit., Carta de Franklin Távora a José Veríssimo, datada de 27 de fevereiro de 1883.

serviços prestados pelo correio, por isso disponibilizou um empregado seu para que não houvesse quaisquer insatisfações por parte dos leitores:

Desesperando de obter do correio um serviço siquer regular, na distribuição dessa 'Revista', ainda mesmo quando por decisão da Direcção Geral no Rio de Janeiro, foi quadruplicado o porte que pagava, a empreza editora resolveu fazel-a distribuir por um empregado seu. Qualquer falta que por ventura se dê será remmediada, si os srs. assignantes reclamarem por um bilhete deixado ou na loja Chinezza, ou na typografia do Livro do Commercio, ou no escriptorio da 'Revista', á estrada de S. Jeronymo.

Não fosse, no entanto, o marketing de seu fundador, não teria coligido uma série de matérias, reunido um seletto grupo de escritores, muito menos proporcionado o intercâmbio que todos almejavam. Veríssimo, assim como fez Franklin Távora na reinauguração da *Revista Brasileira*, solicitava colaboração de outros escritores. O primeiro foi justamente esse amigo nordestino que, em 1881, já havia publicado um artigo seu na supracitada revista de renome nacional.

Meu caro amigo, Sr. José Veríssimo:
 Tenho duas quartas suas a que venho responder.
 Agradeço-lhe a impressão de mágoa pelo falecimento de minha prezada mulher. Com este golpe, de que ainda não me restabeleci, não vejo remédio, senão no tempo.
 Agradeço-lhe também o convite para escrever para a 'Revista do Amazonas'.
 Hei de mandar-lhe, talvez pelo vapor de 10 de março p. Vindouro, algum escrito para a indicada Revista a cuja redação folgo de pertencer. Aqui, na Secretaria já tenho assinante para ela, o Sr. Joaquim Rodrigues Carneiro, Oficial da aludida Secretaria. Pode portanto fazer a remessa oportunamente.
 De minha parte conte com tudo o quanto ver que está ao meu alcance e em favor da sua publicação. A minha pena é dos meus amigos, à colaboração destes, de tudo disponha.
 Pode mandar-me, por ora, 10 números que passarei. Este número há que aumentar.
 Só o que eu lamento é que as atuais condições do meu espírito sejam tão contrárias a assuntos e ocupação de semelhante natureza [...]²³³

²³³ Ibid., p. 420.

Essa carta datada de 27 de fevereiro de 1883 é ilustrativa de como acontecia esse trânsito de idéias de província para província, entre homens e intelectuais. Em meio a palavras de consolo e desabafo prevalecia o esforço que ambos os escritores faziam para que seus projetos corressem livrarias, de mãos em mãos pelo Brasil. Havia exatamente um ano que a *Revista Brasileira* parara de fazer parte das bibliotecas. A tentativa de colocá-la como um esboço do projeto de Literatura do Norte de Távora havia chegado ao fim em 19 de fevereiro de 1882.

Cúmplice de todos esses pesares, Veríssimo tinha consciência do que poderia vir acontecer com sua revista. Todavia, não arrefeceu suas idéias, ao contrário, buscou, no Rio de Janeiro, alguém que pudesse lhe ajudar. Então, o nome de Machado de Assis lhe veio. O autor fora convidando por José Veríssimo, em março de 1883, para fazer parte dos redatores da *Revista Amazônica*:

Ilmo. Exmo. Sr. Joaquim Maria Machado de Assis.
Com esta receberá V. Ex. O primeiro n.º da 'Revista Amazônica', da qual sou Diretor. É uma tentativa, talvez utópica, mas, em todo o caso, bem intencionada. Não sei se terá mais, ou, pelo menos, tanta vida como a 'Brasileira'. Eu por mim o que posso prometer é que farei tudo para que viva. Mas eu só, e no meio de uma sociedade onde os cultores das letras não abundam, nada posso; e se não fosse confiar na proteção daqueles que, como V. Ex., conservam vivo o amor ao estudo, não a publicaria. É, pois, para pedir a sua valiosíssima colaboração que tenho a honra de escrever a V. Ex., de quem, há muito que sou admirador sincero. – José Veríssimo.²³⁴

Por essa época, Machado já conhecia o texto de Veríssimo saído em 1881 na *Revista Brasileira*. Sabia da boa receptividade que tivera o paraense na Corte, com “A Religião dos Tupis Guaranis”. Conhecia, o “espírito prático, sabedor das dificuldades, e resoluto”²³⁵ de Veríssimo. Bastaria escrever um artigo e ter a certeza de publicação na *Revista Amazônica*. Não o fez. Os motivos ainda não se sabem.

Uma suposição seria o que o próprio Machado de Assis afirmaria em carta de 19 de abril de 1883, endereçada a Veríssimo: “Há alguns dias (...) referindo-me à Revista Brasileira, disse esta verdade de La Palisse: – ‘que não há revistas, sem um público de revistas. Tal é o caso do Brasil. Não temos ainda a massa de

²³⁴ ASSIS, Machado de. **Obras Completas: Correspondências**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson INC. Editores. 1962, p. 127-128

²³⁵ Ibid., p. 129.

leitores necessária para essa espécie de publicações”. Ainda assim, veio a lume, em março de 83, a *Revista Amazônica*, com uma breve apresentação feita pelos editores:

Abriu um campo em que venham lavrar quantos se interessam pelo desenvolvimento moral da esplendida região amazonica; tornal-a conhecida, dentro e fora do paiz, pelos estudos dos múltiplos aspectos porque pode ser encarada, aos sábios, letrados, economista e financeiros emprehededores; estreitar n'uma comunidade de desejos e, até certo ponto, de idéas, as relações entre as duas províncias que formam a Amazônia; propagar o espírito novo que actualmente agita o mundo intellectual; offerecer aos estudiosos de ambas essas províncias um meio menos ephemero do que o jornal, de dar publicidade ao resultado de suas locubrações – tal é o fim desta publicação.²³⁶

O eixo norteador dessa empresa foi, definitivamente, propagar os estudos realizados sobre a Região Amazônica por meio da colaboração daqueles que “se interessam pelo desenvolvimento moral da esplendida região”. Era a formatação de um grande projeto que objetiva perscrutá-la em seus diversos estados, tanto que em seus onze números, a matéria selecionada caracterizou-se desde a economia da borracha até a descoberta de civilizações antigas, além de agrupar diversos escritores. Continua a introdução:

Entendemos que no meio do febril movimento commercial, que a riqueza nativa do Valle do Amazonas entreteu não só n'esta Liverpool dos Trópicos – como já lhe chamaram – mas ainda na futura cidade de Manaos, havia lugar para um jornal consagrado a promover directa ou indirectamente, o engrandecimento moral e, portanto, dirigir melhor o material da Amazonia; e que publical-o seria, sinão um serviço que prestávamos, ao menos uma lacuna que cobríamos.

Não basta – cremos nós – produzir borracha, cumpre também gerar idéas; não é sufficiente escambar productos, é ainda preciso trocar pensamentos; e um desenvolvimento material que se não appoiasse n'um correlativo progresso moral seria, não somente improficuo, mas funesto, pela extensão irregular que daria aos instinctos - já a esta hora muito exagerados – do mercantilismo.

Si uma publicação que se consagre ás letras, ás artes e ás sciencias, póde concorrer para esse fim, a '*Revista Amazônica*' quer e espera ser essa publicação, comtanto, - é claro – que não lhe falleçam nem a collaboração de todos os escriptores que para

²³⁶ *Revista Amazônica*, Tomo I, 1883, pp. 5-6.

ella queizerem contribuir, nem a protecção do generoso publico das duas províncias a que dedicamos.²³⁷

Em detrimento de ações depredadoras do rico material amazônico, é efetivado o investimento em idéias, maior parte delas pragmáticas e já realizadas pelo corpo da redação da revista, seja por meio da publicação de obras, da construção de Museus, da criação de associações ou pela restauração de bibliotecas. Por isso, verificar o que cada membro publicou em determinado número da Revista é considerar uma história de estudos e de relações interpessoais.

A título de exemplo, verifica-se a colaboração de Tito Franco de Almeida e Domingos Soares Ferreira Pena. Os dois escritores foram os que mais contribuíram com artigos para a revista. Além disso, foram exemplos do momento em que Veríssimo, que desfrutou em praticamente toda sua estada em Belém da companhia dos dois escritores, é tido como intelectual reconhecido na altura de 1883.

Quando Veríssimo os conheceu, já eram autoridades renomadas na Província. Tito Franco, como prócer do Partido Liberal e Abolicionista, provavelmente membro da maçonaria, entrevistou freqüentemente na “Questão Religiosa”, publicando *A Igreja e o Estado*, em 1869 e a *Separação da Igreja e do Estado*, em 1873. Conforme Borges²³⁸, defendeu firmemente as causas monarquistas, apesar de já proclamada a República, dizendo a Quintino Bocaiúva: “sou um estrangeiro na República e desejo saber se posso livremente permanecer e retirar-me desta capital”.

Na *Revista Amazônica*, Tito franco contribuiu com os seguintes artigos: “Jurisprudencia e foro”; “Jurisprudencia e foro - A dotação da magistratura”; “Jurisprudencia e foro - a publicidade”; “Jurisprudencia e foro, o jury”; “Sociedade Promotora da Instrucção - discurso inaugural”; “A divida publica do Brazil – parte I e II”; “Limites do Brazil com Guiana Francesa”. Este último, único artigo que compôs os números 10 e 11, de abril e março, de 1884, para o qual foi dedicada uma introdução particular, uma vez que, conforme os editores, era preciso verificar qual a situação depois da guerra franco-prussiana – especificamente a influência política de França – de uma região brasileira como a Amazônia:

²³⁷ Ibid.

²³⁸ Conferir, BORGES, op.cit., p. 125-126.

Quando esse discurso foi aqui conhecido, reavivando uma questão que parecia morta, julgamo-nos obrigados pelo nosso programma a tomar parte n'ella, pelo que pedimos ao nosso illustre collaborador, o sr. Tito Franco d'Almeida, um artigo a respeito.²³⁹

Ou seja, a necessidade de se publicar somente um artigo não era porque o estatuto da revista predizia o número de páginas a serem publicadas, muito menos significava uma possível falência da revista, uma vez que a mesma entraria em extinção com este último número de março e abril, ao invés disso, tratava-se de selecionar, entre os distintos escritores, aquele cujo conhecimento sobre questões de limites e de jurisprudência oportunizasse um estudo aprofundado da guerra franco-prussiana, questão deveras discutida naquele momento nacional.

Em Ferreira Penna²⁴⁰, por outro lado, Veríssimo se viu ligado mais diretamente às questões amazônicas iniciadas com suas pesquisas de campo e publicadas em jornal em forma de crônica de viagem e esboços. Esses estudos iniciados ainda na década de 70, vão se maturar na *Revista Amazônica*, pois, dentre os seis artigos, incluindo os que saíram parcelados, somente um é de assunto diverso: “O movimento intellectual brasileiro nos ultimos dez annos (1873-1883)”²⁴¹.

De maneira geral, os outros colaboradores publicaram somente um texto, como João Affonso, referido pelos editores como um dos fundadores da revista *A vida Paraense* que, concomitantemente, a *Revista Amazônica*, movimentou a “insipidez do nosso viver provinciano”. Na seção *Publicações Recebidas* dessa última é assim mencionado:

A VIDA PARAENSE, Publicação de crítica, litteratura, sciencias e artes – N.º 1, 2, 3.
É do nosso distincto collaborador João Affonso esta publicação. João Affonso não é só um narrador admirável como viram os leitores do seu conto ‘A Viúva’ que neste numero que acabamos de publicar, é tambem um tino artista, cujo lapiz inelligente, segundo se vê das illustrações dos tres numerosos da Vida Paraense publicados, sabe

²³⁹ *Revista Amazônica*, tomo II, março e abril, introdução a esse tomo.

²⁴⁰ Naturalista viajante do Museu Nacional, estudioso divulgador da história, da natureza amazônica e do homem pré-histórico americano, representativo disso a fundação do Museu Paraense, em 1871

²⁴¹ João Alexandre destina um estudo a esse texto no livro *A tradição do Impasse* ao tratar sobre a produção de José Veríssimo na *Revista Amazônica* enfatiza o aparecimento do texto *O movimento intelectual brasileiro nos últimos dez anos (1873 – 1883)*, o qual denomina de ensaio de história cultural por ser “um balanço das atividades de cultura desenvolvidas no país entre 1873 e 1883”. Seu estudo de base teórica demonstra, entre outras, coisas a relevância desse texto como representativo do momento de modificações por que passava o país, indicando “a substituição de velhos modos de investigação e análise”. Conferir BARBOSA, op.cit., p. 39 a 49.

achar na insipidez do nosso viver provinciano, lados novos e risíveis.²⁴²

Outra contribuição que repercutiu em trabalhos de Veríssimo, especialmente em sua vida como educador, foi a do médico Domingos José Bernardino de Almeida. Em seu único artigo publicado na *Revista Amazônica*, “A educação da infância”, em maio de 1883, verifica-se algumas das teses defendidas posteriormente por Veríssimo na defesa de uma educação baseada na implantação da educação física e moral ao lado da intelectual, além da instalação dos *Kindgarden* e da iniciativa particular como desenvolvimento da educação brasileira. A esse respeito, Bernardino Almeida menciona que:

Na capital já a iniciativa particular, e o governo geral estimulado por ella, empregam a propaganda da educação infantil pelo methodo intuitivo froebel, e bem que essa propaganda salutar e profícua por quase todas as províncias e que a do Pará não seja das ultimas, para que não possa pôr em duvida o critério, a saber, a activada, a força de vontade e as ideas avançadas dos filhos desta fertilíssima zona.²⁴³

Dessa forma, é perceptível a influência dos métodos intuitivos Froebel na instalação, por José Veríssimo, do Colégio Americano, em 1884. Ali, a adoção dos Métodos de Froebel demonstrou a importância na formação moral e intelectual das crianças.

O escritor José Gualdino teve sua colaboração apresentando um estudo sobre “O desenvolvimento econômico da Amazônia”, em agosto do primeiro tomo da *Revista*. Sua relação com José Veríssimo, começou em 1881, quando fundou e redigiu o jornal *Gazeta de Notícias*.

Em Emile Allain, viu-se um exímio colaborador aos estudos americanos de maneira geral. Na seção publicações recebidas de maio de 1883, em nota sobre o mais recente trabalho de Couto de Magalhães, “Contes Indiens du Brezil”, editado por Faro e Lino, o escritor francês é referido devido a sua boa tradução de uma parte da obra do brasileiro, para os editores, a mais importante, porque reúne uma série de contos recolhidos da língua original, o Tupi Guarani. Seu trabalho intitulado

²⁴² Revista Amazônica. Seção Publicações Recebidas, maio de 1883.

²⁴³ Revista Amazônica. Artigo de Domingos J. B. de Almeida, *A educação na infância*, p. 111.

“Sobre algumas palavras francezas, inglezas e allemaes de origem brasileira” saiu no mês de junho.

Com a mesma estratégia de apresentação de Emile Allain, João Barbosa Rodrigues se tornou conhecido dos leitores da *Revista Amazônica*. Em número anterior é introduzido, seja por meio de uma publicação sua, seja por um trabalho a seu respeito, somente a partir daí, é publicado um artigo seu na revista, no caso, “O Muiraquitã ou Aliby”, de janeiro e fevereiro de 1884. Esse escritor foi o mesmo que, em 1881, foi solicitado por Távora a fornecer “esclarecimento biográficos” a respeito de Veríssimo para compor um estudo “sobre os jovens escritores do norte”²⁴⁴

A despeito dos outros três escritores, Augusto Constancio Rockling, com o artigo “Contra os jauaperys”, Vicente Chermont de Miranda com o texto “Sobre algumas palavras francezas, inglezas e allemaes de origem brasileira” e Luiz Autran com a “Borracha” não foi encontrada referência suficiente para se estabelecer um possível vínculo com José Veríssimo.

Sabe-se, com certeza, que boa parte desses escritores é unânime em afirmar o total desconhecimento sobre a Região Amazônica, talvez, até referenciada sob uma certa fragilidade, uma vez que os próprios brasileiros não dão conta das transformações que ela vem sofrendo nas últimas décadas.

De maneira geral, pode-se afirmar que desde a formatação até a seleção de temas, a *Revista Amazônica* atende aos claros propósitos de retirar a Região Amazônica da zona de esquecimento, na qual estão, também, incluso todos os trabalhos de ordem não científica a seu respeito.

A pluralidade temática, a seleção de escritores estudiosos no assunto, até as notícias sobre o mundo literário na seção “publicações recebidas” indicam aquele projeto dos editores de “oferecer aos estudiosos de ambas essas províncias um meio menos ephemero do que o jornal, de dar publicidade ao resultado de suas locubrações”.²⁴⁵

Foi, portanto, com o objetivo de estabelecer permanente diálogo entre instituições e cientistas – escritos sobre a sociedade amazônica – que na cidade de

²⁴⁴ Afirma Távora em carta datada de 19 de maio de 1881: “Por intermédio do Sr. Rodrigues Barbosa recebi alguns esclarecimentos biográficos sobre o colega. Por ditos esclarecimentos aproveitar-me-ei quando houver de escrever o artigo que lhe destino na série de rápidos estudos que há muito intento realizar sobre jovens escritores do Norte, aqui quase inteiramente desconhecidos”. Conferir AGUIAR, op.cit., p. 369. Por meio, ainda, dessas informações se ficou sabendo que Veríssimo havia publicado já seu primeiro livro intitulado primeiras páginas.

²⁴⁵ *Revista Amazônica*, Tomo I, 1883, p. 5-6.

Belém, entre 7 de março de 1883 a abril de 1884, a *Revista Amazônica* figurou, apontando para a posteridade desse tipo de publicação que, se efêmera no tempo, na história perdurou até como símbolo de especialização dos estudos de José Veríssimo, conforme item a seguir.

4.2. José Veríssimo na *Revista Amazônica*

Se como componente do corpo editorial da *Revista*, Veríssimo perscrutou a Amazônia, considerando seu aspecto econômico, político-territorial e cultural, como escritor, definiu uma fase que vinha construindo desde 1877 com crônicas enviadas ao *O Liberal do Pará*.

A passagem das crônicas aos esboços aos folhetos, e destes aos ensaios, refletem diretamente a transformação do pensamento sócio-cultural desse escritor no periodismo paraense e a sua inserção no cenário de estudos nacionais, na medida em que a cada nova experiência – seja por meio de viagens aos interiores, seja por meio de obras de cientistas brasileiros ou estrangeiros – havia uma reelaboração constante da linguagem.

Assim, todos os seus artigos saídos na revista, com as devidas alterações, já foram ou seriam publicados em livros ou em outras revistas. O primeiro deles, “Os ídolos Amazônicos (um novo documento)”, de março de 1883, fez parte do IX número da *Revista Brasileira* de julho de 1881 com o título “A Religião dos Tupy- Guaranys” e, em 1889, do *Estudos Brasileiros* sob o mesmo título.

“A linguagem popular amazônica” publicado nos meses de abril, de maio e de junho e o “Tradições, crenças e superstições amazônicas” publicado nos meses de julho, de agosto e de setembro, ainda, do I tomo, comporiam, “aumentado e modificado”, em 1886, a introdução ao livro *Cenas da Vida Amazônica* e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1887, sob o título “As Populações indígenas e mestiças da Amazônia – sua linguagem, suas crenças e seus costumes”, que “apareceu pela primeira vez sob o título de ‘As Raças Cruzadas do

Pará”, nas *Primeiras Páginas*, livro publicado pelo autor em 1878²⁴⁶, conforme já observou João Alexandre Barbosa. Ainda, de acordo com esse crítico,

Todos eles [os textos] têm em comum o fato de se originarem de uma unica certeza do autor por esse tempo: a de que a nacionalidade brasileira só se poderia explicar pelo caldeamento das tres raças formadoras e de que estas somente haveriam de se esclarecer através dos estudo da língua, costumes e crenças.²⁴⁷

De fato, esse trecho resume a conclusão do trabalho acima referido, construído sob a ótica da ausência e da degradação daquelas populações, conforme os seguintes pontos enfatizados por Veríssimo:

- 1º As raças cruzadas do Pará estão profundamente degradadas.
- 2º Ao meio e ás condições sociaes, politicas e religiosas, em que se deram os cruzamentos, se deve attribuir o lastimável estado a que chegaram.
- 3º Pondo de parte esse estado, o que é certo é que, relativamente, predominou n'estas raças o elemento tupi, mais do que o portuguez.
- 4º A população da provincia que não pertence a estas raças, sentiu tambem essa influencia.²⁴⁸

Vê-se de maneira clara como as teorias científicistas fundamentavam o escritor sobre a presença do cruzamento na formação da identidade nacional, e de que maneira encarava a política assimilacionista tão discutida por intelectuais e políticos no século XIX. As pesquisas em aldeias e em interiores já haviam lhe mostrado o quão frustrante estava sendo esse processo de assimilação para os indígenas e para a população mestiça, que trabalhavam em misérrimas condições. Usurpavam-lhes seus costumes mais arraigados e impunham-lhes políticas (como o direito ao voto) que nem sabiam o porquê de estarem usando.

Nesse contexto, buscava estudá-las na tentativa de arregimentar ou divulgar para os governantes, novos meios de como realizar um contato com aqueles povos, iniciando, inclusive, com ferrenhas críticas a respeito das teorias de outros escritores, como Couto de Magalhaes, o qual, apesar de renunciar à

²⁴⁶ Conferir VERÍSSIMO, **Scenas da Vida Amazonica**. Com um estudo sobre As Populações Indígenas e Mestiças. Primeiro livro. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1886, p. 9.

²⁴⁷ Conferir: BARBOSA, op.cit., p. 42.

²⁴⁸ Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo L. Rio de Janeiro. Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmmert & C.1887, p. 387.

catequese e aos aldeamentos, defendia outras formas de assimilação. Conforme Veríssimo, e escreveu isso em 1877, a melhor alternativa seria “olvidá-las nas solidões das florestas em que vivem”, sendo isso impossível, continua o escritor, com um tom de desolação,

[...] Esmagal-as sob a pressão enorme de uma imigração, de uma raça vigorosa que n’essa luta pela existencia de que falla Darwin as aniquile assimilando-as, parece-nos a unica cousa capaz de ser util a esta provincia.
E ai d’ella si assim não for!²⁴⁹

É, no entanto, somente por meio da comparação de seus escritos que se percebe como, gradativamente, o rápido contato proporcionado pela imprensa vai modificando sua maneira de conceber as populações da Região Amazônica. Quando, em 1886, se refere às mesmas, no *Cenas da Vida Amazônica*, afirma o seguinte:

Foi assim que conclui este estudo na sua primeira edição [referência ao *A linguagem popular amazônica*]. Hoje julgo dever fazer uma observação, que vem modificar a minha maneira de ver ha tres annos acerca do remedio a dar para arrancar as raças cruzadas do Pará (e Amazonas) ao abatimento em que jazem. Aconselhei então o seu esmagamento sob a pressão de uma raça forte que as aniquilasse na lucta pela vida. Não via que essa raça privilegiada não virá tão cedo, não virá talvez nunca, em razão das condições mesologicas da região, e alvitrei em expediente cujo principal defeito era ser inexequível.
O estudo e a reflexão modificaram posteriormente a minha opinião, quiçá um pouco precipitada. (pq fez um estudo combatendo o trabalho de Barbosa, ainda em 77 e Barbosa havia publicado em 1875). Estou convencido, com o eminente Littré, que ‘o problema político consiste em utilizar no maior proveito das sociedades a força natural que lhes é própria’ Aqui a força natural são evidentemente as populações indígenas, puras ou cruzadas com os conquistadores e colonisadores. Si me fora permittido dar um aviso, era que as aproveitássemos em bem da vastíssima e riquíssima região amazonica.²⁵⁰

A presença de homens como Littré e Gonçalves Crespo, naquele encontro acontecido em Lisboa por ocasião do IX Congresso Internacional de

²⁴⁹ Ibid., p. 388-389.

²⁵⁰ Ibid.

Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, realmente fez diferença na maneira de Veríssimo “enxergar” seu arredor. Se antes sua opinião sobre a degradação daquela raça se fazia quase que exclusivamente pelos subsídios da seleção natural de Darwin, agora, uma organização política do trabalho as tiraria de tal estágio em “bem da vastíssima e riquíssima região amazonica”, ou seja, o homem amazônida passaria a trabalhar para sua própria subsistência e não para o “explorador” de suas terras:

Dizer como, é que não sei, nem é da minha competencia. A lei physiologica da divisão do trabalho, é também verdadeira e necessária no organismo. Mostrei com a maxima boa fé e franqueza o que são essas populações, acompanhei-as desde que apareceram na nossa historia até hoje.²⁵¹

Ainda para o escritor, a solução inevitável para a posição daquelas sociedades na política do país seria justamente o que ele vem fazendo há anos: estudando e coligindo material vasto a respeito delas para que, no futuro, possa “servir de base para a resolução d’esse difficil e momentoso problema”.²⁵² Isso demonstra não somente o quão interessado estava em propor teses, mas também, em tentar solucioná-las ao tempo da imprensa, acabou cometendo equívocos que ele mesmo, posteriormente, retificou.

Essa característica pode ser ratificada em seus diálogos com o também estudioso da questão indígena, João Barbosa Rodrigues, ainda no período de 1877, quando Veríssimo finalizava o livro *Primeiras Páginas*. Uma das propostas do terceiro capítulo desse livro, denominado “Estudos”, é baseada no desvendamento da original religião do “gentio”, considerado predecessor das raças cruzadas.

O fato é que para se estudar as crenças desses mestiços – naquele momento, a maioria da população amazônica –, haveria de se estabelecer, primeiramente, qual o “gráo de aperfeiçoamento que a religiosidade alcançara entre esses povos”. Por meio desse, que seria um dos dilemas mais exaustivamente tratados pela imprensa, se travou constantes disputas entre os escritores que buscavam a todo custo provar qual o estudo estaria mais fidedigno à ciência da época.

²⁵¹ Ibid.

²⁵² Ibid., p. 390.

Nesse sentido, Veríssimo, em suas leituras de gabinete, havia descoberto que Barbosa Rodrigues achara uma prova crucial da presença da religião entre os primitivos povos indígenas, e que publicara, em 1875, um folheto denominado de *Ídolo Amazônico achado no Rio Amazonas* a esse respeito.

Com essa certeza nas mãos, o escritor paraense tratou logo de propor um estudo alicerçado, senão em seu todo, mas em maior parte, nas proposições defendidas por Barbosa. Ainda com parca experiência nas excursões pelo Vale Amazônico, justificou-o por meio, principalmente, de obras dos viajantes:

No estado, porém, de nosso conhecimentos a respeito, julgamos que o gentio do Brasil era irreligioso, isto é, tinha uma religião confusa, sem uma verdadeira compreensão da divindade que o fazia lembrar-se d'ella no momento do perigo e nao lhe prestando culto algum quer interno ou externo.²⁵³

A obra *On the botucudos*, de Hartt o auxiliou a refutar, também, a idéia do escritor Couto de Magalhães de que os indígenas possuíam não somente um deus, mas deuses a quem adoravam. Fatores lingüísticos e antropológicos levaram-no a conclusão de que,

Se é verdadeira esta etymologia sob o ponto de vista linguistico, questão em que ora nao entramos, parece-nos falsa pelo seu lado anthropologico, pois sabemos que os selvagens do Brazil não usavam da palavra 'pae' para exprimir o creador ou protector [...]²⁵⁴

Quando, porém, Veríssimo chega no ponto crucial da questão, sobre a possível presença de divindades na cultura indígena, questiona a afirmativa de Barbosa, o qual considerava haver entre esses povos um ídolo representante de uma crença primitiva. Refutando tal afirmativa, conclui:

De facto, nao tinham nem sacerdote, porque o pagé era antes medico ou feiticeiro do que ministro de um culto, nem idolo, nem templo, nada emfim que denunciasses ao estrangeiro a crença em Deus na tribu. A palavra igreja, tupãroca (casa de Deus) é posterior á conquista e formada pelos missionarios.²⁵⁵

²⁵³ VERÍSSIMO, José. 1878, p. 174.

²⁵⁴ Ibid.

²⁵⁵ Ibid., p 176.

A contar por essa concepção baseada nos nomes mais recentemente autorizados sobre a religião de povos primitivos na região amazônica, Veríssimo, a partir do momento em que não vê nos métodos de Barbosa e Couto de Magalhães uma pista empírica sobre a relação da religião desses gentios com as crenças dos mamelucos e tapuios, seus descendentes, insere-se no grupo daqueles escritores aos quais denomina de “os mais modernos e mais perfeitos estudos sobre o gentio do Brazil”, porque “ainda não autorizam a estabelecer-se com inteira certeza qual o gráo de aperfeiçoamento que a religiosidade alcançara entre esses povos”.²⁵⁶

Veríssimo pode até dizer-se pertencente àquele grupo, no entanto, a questão que o levou a encerrar, ao menos naquele momento, o dilema com Barbosa, pois o fato de ele, ainda, não ter material suficiente sobre a questão não o permitia refutar cientificamente as teses defendidas pelo outro estudioso:

O sr. Barbosa Rodrigues encontrou, na sua viagem pelo Amazonas, em Óbidos, um grupo de pedra composto de duas figuras: uma onça e uma tartaruga. Sobre este achado publicou um folheto com o título: *Idolo Amazonico, achado, etc. – Rio de Janeiro – 1875.* Apesar dos argumentos do illustre botânico, a sua descoberta ficará sem immediata importancia, se novos achados semelhantes não vierem confirmar a sua opinião de que isso era um idolo dos selvagens.²⁵⁷

O excerto acima é elucidativo para o que se está tentado esclarecer, uma vez que aí se enfatiza aquela característica de se publicar ao correr da pena proporcionada pela rapidez exigida pela imprensa.

Como foi observado, Veríssimo toma por base um folheto de Barbosa publicado em 1875 e, na tentativa de justificar eventuais ausências de elementos em suas refutações, afirma não ter “immediata importancia”, ainda, o trabalho do botânico, ficando a cargo de “novos achados” a confirmação ou não da tese.

Folheada essa página da década de 70 e dois anos depois de Veríssimo ter publicado entre sonetos de Rozendo Diniz, Lourenço de Franklin Távora e outros, no tomo IX da *Revista Brasileira*, de 1881, o artigo *A Religião dos Tupi-Guaranis*, uma versão, por assim dizer, atualizada da problemática não resolvida em 1877,

²⁵⁶ Ibid., p. 173.

²⁵⁷ Ibid., p. 176.

descobre-se que Barbosa Rodrigues enviara uma carta a Veríssimo solicitando explicações acerca das contestações feitas em 1881, conforme o paraense:

Tendo o sr. Barbosa Rodrigues dirigido-me uma carta de amigavel contestação, na qual, porem, parecia nao ter attendido a que eu não negava absolutamente a authenticidade do seu achado, sinão que pertencesse elle a familia tupi-guarani, cujo sentimento religioso estudava, tive de ser mais explicito em uma nota que sobre o mesmo assunto preparei para enviar aos Annales du Musée Guimet, de Lyon.²⁵⁸

Essa referida nota publicada em Paris seria a explicação do que saíra em 1881, na *Revista Brasileira*, cujo texto baseado em teóricos como Tiele e Tylor, discutia, se religião os indígenas tivessem, estariam em período fetichista, ou seja,

a religiosidade era um sentimento vago (...), nascido, como na regra geral, da necessidade de explicação para os phenomenos naturaes, do medo do desconhecido, de factos mal observados, e vivendo pela utilidade e pelo terror uma vida inglória.²⁵⁹

Dito de outra forma evidenciava-se a posição teórica de que os primeiros povos da Amazônia não possuíam religião, o contrário do que queria Couto de Magalhães Barbosa Rodrigues. No entanto, foi somente em março de 1883, na *Revista Amazônica*, que a questão seria definitivamente concluída, isso porque, além de um suporte teórico já firmado, Veríssimo acharia uma prova material para suas argumentações:

[...] E n'esta convicção estava quando um fortuito e feliz achado de uma figura de pedra também, um fetiche análogo àquelle a que o sr. Barbosa Rodrigues chamou de 'Idolo Amazonico', feito por mim, na minha ultima excursão pelo Amazonas (Novembro de 1882) veio trazer um novo documento a favor da opinião d'elle e fazer-me mudar a minha, ao menos quanto a última clausula. Entretanto o meu achado, por muito importante que seja, nao resolve por si só a questão complexa levantada pelo folheto do sr. Rodrigues, e, creio que agora, quando um novo documento apparece a confirmar o primeiro, há lugar para volver ao assunto, já tão profiientemente achado por elle no seu citado opusculo.²⁶⁰

²⁵⁸ *Revista Amazônica*. Tomo I, p. 32-34.

²⁵⁹ *Revista Brasileira*. Tomo IX. Rio de Janeiro. N. Midosi, Editor: 1881, p. 72

²⁶⁰ *Revista Amazônica*. op.cit., p. 33 – 34.

Esse achado a que se refere Veríssimo seria dado a ele por um morador português da “Ilha de Maria Theresa, na foz do Trombetas”. O escritor o comparou ao de Barbosa e percebeu que eram muito parecidos, levando-o a concordar, em parte, com aquele. Isso aconteceu, porque o artigo que seria destinado ao encerramento da problemática inicia com outra: o verdadeiro *habitat* do tal ídolo estaria provocando outra polêmica. Assim, Veríssimo conclui seu estudo:

Si porem, pertenceram ou nao a familia tupi-guarani, não sei, nem me aventura a manifertar-me por qualquer dessas hypotheses, que serão discutidas n’um outro estudo sobre a antiga civilização amazônica.²⁶¹

Se por um lado a questão fica em aberto para nós leitores do século XXI²⁶², por outro, ela indica uma série de eventos próprios àquele período, demonstrando, que na inconstância de resultados das pesquisas realizadas pelos escritores, havia, concomitantemente, uma preocupação freqüente em definir a natureza do povo brasileiro. E se, ao contrário disso, essa inconstância puder ser vista como atualização de estudos, na medida em que, como observado no caso específico de Veríssimo, uma publicação era reflexo do que saía de mais novo sobre a questão. Pode-se confirmar, assim, como a imprensa foi fundamental, naquele momento, para a constituição de teses a respeito do Brasil.

Isso significa dizer que a inserção dos textos de Veríssimo na imprensa, especificamente, na *Revista Amazônica*, além de documentar um *reseau* de temas e de homens, foi reflexo do processo pelo qual passou para arregimentar um ciclo de

²⁶¹ Ibid., p. 39.

²⁶² Em trabalho recente Aldrin Figueiredo Moura acrescenta que em 1888 houve outro dilema reflexo dessa polêmica sobre quem teria realizado o primeiro estudo sobre a origem dos habitantes mestiços da região amazônica.: “Primeiramente, a descoberta do ídolo traria a prova definitiva sobre as origens do animismo do indígena brasileiro e, segundo, seria passado a limpo o pioneirismo das teorias a respeito das pedras verdes. José Veríssimo em *Os ídolos amazônicos* (1883) e, um ano depois, Silvio Romero com *Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite* (1884), ocuparam-se em incisivas críticas às interpretações daquele autor. Esse debate levou Silvio Romero a dizer que Barbosa Rodrigues sofria de um “egotismo intolerável”. A questão é que o crítico parecia por demais arrogante ao nomear — “Como conheci e porque liguei importância ao muiquitã” — a um artigo publicado na *Revista Amazônica*, em 1884. Romero, diz que o caso era de “auto-idolatria, para não dizer “charlatanice científica”, acusando Barbosa Rodrigues de chegar a alterar as datas de vários trabalhos, “no desespero de revelar a sua originalidade”. Conferir Figueiredo, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantos: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1996.

estudos focalizado na temática amazônica, a qual se fundamentava muito além da simples descrição etnográfica. Denotava, ao contrário, visualizar que entre as origens primitivas da população mestiça, da “raça cruzada”, componente do tipo brasileiro, havia crenças religiosas constituintes, também, da cultura brasileira.

Sendo o propósito desse trabalho discutir a posição dos textos de Veríssimo na *Revista Amazônica* e não o desdobramento de suas polêmicas sustentadas na imprensa, que, já se sabe, compõem uma de suas características, cabe uma pergunta: por que, mesmo concretizado o projeto periodístico, cujas origens estão na fundação do *Gazeta do Norte* em 1879 e na especialização²⁶³ da temática amazônica, Veríssimo, juntamente com outros editores, anunciou o último número desse periódico, em abril de 1884?

A explicação mais plausível não estaria em no fator econômico, uma vez que, ainda no mês de março do mesmo ano, ocorreria a fundação do Colégio Americano – instituição particular –, muito menos em um desgaste na discussão sobre a questão amazônica, que, aliás, acompanharia Veríssimo até os últimos anos de sua vida. Parece mesmo que o escritor havia encerrado mais um ciclo em sua passagem pela imprensa paraense – o perfil de escritor que buscava na instituição de um edifício material e ideológico, como foi a *Revista Amazônica*, sua posição na sociedade.

²⁶³ Especialização entendida aqui como aprofundamento em determinado assunto.

CONCLUSÃO

O que seria desta conclusão senão o começo de uma jornada?

A priori, este projeto de pesquisa propunha-se estudar quatorze anos de produção periódica de José Veríssimo, período entre a primeira publicação em folhetim, no ano de 1877, e a ida definitiva desse escritor para o Rio de Janeiro, no ano de 1891. Proposição até então coerente com o objetivo principal desta dissertação, que é estudar sua obra antes da sua consagração como crítico literário.

De fato, ocorreu que em, um semestre, já havia coligido 70 % do *corpus* do trabalho. Restavam uma carta endereçada ao IHGB e a *Revista Amazônica*, encontradas posteriormente em instituições do Rio de Janeiro, no início de 2008.

Com o decorrer da pesquisa, de acordo com as discussões levantadas por Veríssimo, houve a necessidade de demonstrar que o que o diferenciava no cenário de produção periódica era sua participação numa sociedade em constante transformação cultural refletida, sobremaneira, em sua própria formação como escritor e não em sua inserção, tomando como pressuposto um fator cronológico, numa fase provinciana.

Assim, no momento de análise das fontes, duas questões apareceram. A primeira solicitava uma explicação sobre a inserção de José Veríssimo na “Geração de 70”, cuja tese de João Alexandre Barbosa foi de suma importância para entender, por exemplo, que algumas temáticas propostas por Veríssimo foram em virtude das transformações sociais e culturais que surgiam por volta de 1870.

Nesse sentido, a adoção em uma mesma obra, *Primeiras Páginas* (1878), por José Veríssimo de “esquemas ficcionais e etnográficos, ao lado de esboços de crítica histórica e literária” seriam reflexos do que, no contexto maior, significava por “em xeque a estabilidade das instituições imperiais e românticas”, período denominado por Barbosa de “Geração Contestante”, porque se erigiu em detrimento da contestação de interpretações românticas.

A partir desse argumento, reflexo direto da transformação de mentalidade experimentada por aquela geração, pude compreender o motivo da constante oscilação temática em José Veríssimo durante o período em que escreveu na imprensa paraense. Havia ainda, em conseqüência dessa produção periódica, uma outra problemática que, na verdade, seria mais uma solução do que um problema.

A análise dos textos de Veríssimo, conforme os capítulos II, III e IV, apontou para a existência de um eixo firmado no desvendamento da origem das populações amazônicas para a formação da nacionalidade brasileira, embora houvesse uma heterogeneidade de assunto, como comprova sua produção intelectual difundida em gazetas locais.

Foi assim que – em crônicas, cartas, folhetos, ensaios e polêmicas travadas na e por causa da imprensa diária – aconteceu o amadurecimento intelectual de Veríssimo, enquanto escritor de periódicos, sendo a *Revista Amazônica* um exemplo cabal de sua transformação.

Essa afirmação seria, por assim dizer, a resposta a minha segunda questão: por que encerrar o estudo de Veríssimo em 1884 se ele ainda continuou escrevendo para a imprensa paraense até 1890?

Vale acrescentar que a delimitação do estudo entre 1877 e 1884, mais que a análise do modo como o escritor foi modificando sua maneira de observar a Literatura e a cultura do Brasil, ratifica a posição que tiveram os estudos sobre a Região Amazônica para sua consagração como escritor ainda no Pará.

BIBLIOGRAFIA

TEORIA, CRÍTICA, HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA E HISTÓRIA LITERÁRIA

ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos Livros**. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

AGUIAR, Cláudio. **Franklin Távora e o seu Tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

ALONSO, Ângela Maria. **Idéias em Movimento**. A geração de 70 na crise do Brasil- Império. Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências de São Paulo. São Paulo, 2000.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva (Org). **José Veríssimo**. Raça, Cultura e Educação. Belém: Editora da UFPA, 2007.

ASSIS, Machado de. **Obras Completas de Machado de Assis**. Crítica Literária. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1962.

AUGUSTI, Valéria. **Trajetórias de consagração**: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista. Campinas, SP: [s.n.] 2006.

BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do Intervalo**. Ensaios de Crítica. São Paulo: ILUMINURAS, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse**: Linguagem da Crítica & Crítica da Linguagem em José Veríssimo. São Paulo: Ática, 1974.

BARBOSA, João Alexandre. **Alguma Crítica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BARBOSA, João Alexandre. **Cultura, Literatura e Política na América Latina**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1986.

BARBOSA, João Alexandre. **Entre Livros**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 2003.

BEZERRA NETO, José Maia. **José Veríssimo: Pensamento Social e Etnografia da Amazônia (1877/1915)**. Revista de Sociologia e Política [online] V.42. N.3. Rio de Janeiro, 1999.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Burke, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Humberto de. **Carvalhos e Poesias**. Figuras Políticas e Literárias. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939.
- CANDIDO, Antonio. **A Crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 2vls. São Paulo: Martins, 1964.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A Queiroz, 2000.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Livros na Mesa: Estudos de Crítica**. Rio de Janeiro, Livraria São José. 1960.
- CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras** (tradução Marina Appenzeller). São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASTELLO, José Aderaldo. **Manifestações literárias do período colonial: 1500-1808/ 1836**. São Paulo: CULTRIX, 1972.
- CÉSAR, Guilhermino (seleção e apresentação). **Historiadores e críticos do romantismo: a contribuição europeia, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- CHARTIER, Roger. **“Cultura Popular”**: revisitando um conceito historiográfico. Revista Estudos Históricos. Vol. 8, n. 16. Rio de Janeiro: 1995, pp. 179-192. Em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/172.pdf>.
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil/ Fapesp, 1999 (Coleção História da Leitura).
- CHARTIER, Roger. Comunidade de Leitores. In: ABREU, Márcia. **A ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- COELHO, Geraldo Mártires. **O violino de ingres: leituras de história cultural**. Belém: Paka-Tatu, 2005.

- COELHO, Jacinto do Prado (direção). **Dicionário de Literatura**. Figueirinhas PORTO, 1978.
- CONVERGÊNCIA LUSÍADA, Revista do Real Gabinete Português de Leitura. Nº12. Rio de Janeiro: Editorial Nódica Ltda., 1995.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura Brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- COUTINHO. **Crítica e Poética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1980, p. 47-62/83-156.
- Cunha, Euclides da. **À margem da história**. Porto: Liv. Chardron, 1922 [1909].
- DIAS, Tânia (org). **A Historiografia Literária e as Técnicas da Escrita: do manuscrito ao hipertexto**. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004, p. 424-434.
- DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República**. História e Identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantos: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1996.
- FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. **José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora**. Campinas, SP: [s.n], 2004.
- FRYE, Northrop. **O Caminho Crítico**. (Tradução Antonio Arnoni Prado et all). São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1973.
- Ginzburg, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1976].
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz / EDUSP, 1985.

- JOBIM, José Luís. **Formas de Teoria**: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Direitos e Esquerdos Autorais. In: LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.
- MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Vol. 5(1897-1914). São Paulo: Cultrix: Ed, da Universidade de São Paulo, 1977-78.
- MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- MOISÉS, Leila Perrone. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MOISÉS, Leyla Perrone. **Vira e Mexe Nacionalismo**. Paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MONTENEGRO, Olívio. **José Veríssimo**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- ORTIGÃO, Ramalho; QUEIROZ, Eça. **As Farpas**. Crônica mensal da política das letras e dos costumes. Lisboa: Tipografia Universal, 1871. Disponível em Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>.
- PAMPLONA, Alessandra Greyce Gaia. **As Primeiras Páginas Críticas de José Veríssimo**. Trabalho de conclusão de curso elaborado em Literatura Brasileira, apresentado ao Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, DLLV, da Universidade Federal do Pará, 2006.
- PRISCO, Francisco. **José Veríssimo. Sua vida e suas obras**. Rio de Janeiro: Redeschi, 1937.
- RIBEIRO, Cristina Betioli. **O Norte** – um lugar para a nacionalidade. Campinas, SP: [s.n.], 2003.
- RIBEIRO, José Alcides. **Imprensa e Ficção no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). 2. ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.
- SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

- SALLES, Vicente. **O negro no Pará**. Sob o regime da escravidão. 3 ed. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**; ensaios de dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance** - Folhetim (1839 a 1870) Brasília: Edit. Universidade de Brasília, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil**: 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- VENTURA, Roberto. **O estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VERÍSSIMO, Ignácio José. **José Veríssimo Visto por dentro. Série Raimundo Monteiro. Vol. III. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas**, 1966.
- VERÍSSIMO, José. **Estudos de Literatura Brasileira**. 5ª série; introdução de João Etienne Filho. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.
- VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: 1915. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>
- VERÍSSIMO, José. **Homens e Cousas Estrangeiras (1899-1900)**. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1902.
- VERÍSSIMO, José. **Homens e Cousas Estrangeiras (1901-1902)**. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1905.
- VERÍSSIMO, José. **Homens e Cousas Estrangeiras (1905-1908)**. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1910.
- VERÍSSIMO, José. Cultura, Literatura e Política na América Latina**. (Seleção e apresentação João Alexandre Barbosa) São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1986.

WEBER, João Hernesto. **A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

WEINSTEIN, B.: **Experiência de pesquisa em uma região periférica: a Amazônia**. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(2):261-72, maio-ago. 2002.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira**. Porto Alegre: 1988.

FONTES PRIMÁRIAS

LIVROS

ABL. Discursos Acadêmicos. Tomo I. Volumes I – II – III – IV (1897 – 1919). Sr. Alberto Faria, 1919. Rio de Janeiro, 2005.

AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil (1865-1866)**. (Traduções e Notas de Edgar Süsskind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

ALENCAR, José de. **Ao correr da pena**. 4 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, sem ano.

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. 1ª edição 1873. Disponível em <www.virtualbooks.com.br>. Acesso em 24 maio 2008.

Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Tomo Primeiro. Pará: Imprensa de Alfredo Augusto Silva. 1902. p. XX e XXII.

AZEVEDO, José Eustachio de. **Literatura Paraense**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**. 2 ed. Belém: CEJUP, 1986.

Catálogo da Secção de **Obras Raras da Biblioteca Arthur Vianna séculos XVII-XIX**. Despostos e Turismo, 1985.

Catálogo de **Jornais Paraoaras**: Belém: Biblioteca Pública do Pará; Imprensa Oficial do Estado, 1985.

Conselho Estadual de Cultura. **Obras completas de Domingos Soares Ferreira Penna**. Coleção "Cultura Paraense". Série "Inácio Moura". Volume 1. Belém Pará, 1973.

CRUZ, Ernesto. **História do Pará**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.

BARATA, Manoel. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição

comemorativa do sesquicentenário da adesão do Pará à Independência política do Brasil. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1973.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**: significado histórico de suas denominações. 2 ed. Belém: CEJUP, 1992.

MEIRA, Clóvis et Alii. **Introdução à Literatura no Pará**. Vol 1. 1ed. Belém: Academia Paraense de Letras, 1990.

REGO, Clóvis Moraes de. **A Mina Literária Nortista de Eustachio de Azevedo e n' "O Pará Literário"**, de Theodoro Rodrigues. Belém-PA: UFPA, 1997.

ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Sexto volume. AMEL-Amazônia Editora Ltda, 1968.

ROQUE, Carlos. **História de "A Província do Pará"**. Belém: Mitograph editora, 1976.

VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros (1877-1883)**. Pará: Editores Tavares & Cardoso. Livraria Universal: 1889.

VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros (1889-1893)**. Rio de Janeiro: Laemmert & C., Editores: 1894.

VERÍSSIMO, José. **Primeiras Páginas**. Belém: Gutemberg, 1878, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

VERÍSSIMO, **Scenas da Vida Amazonica**. Com um estudo sobre As Populações Indígenas e Mestiças. Primeiro livro. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1886.

PERIÓDICOS

A América, de 1879.

A Juventude, de 188?

A República, de 1886, 1887 e 1890.

Almanach Administrativo, Histórico e Mercantil da Província de Amazonas, de 1884.

Almanak do Diário de Belém, de 1878 a 1880.

Almanak do Para. Commercial, Industrial e Administrativo, de 1888.

Almanak Paraense de Administração, Commercio, Industria e Estatística, de 1883.

Arena, de 1887.

Cinco de Janeiro, de 1879.

Correio do Norte, de 1883.

Estrella D'alva, de 1880.

Gazeta de Notícias, de 1881.

Jornal da Tarde, 1882.

Jornal Official, de 1882.

O Equador, de 1879.

O Espelho, de 1879.

O Liberal de Vigia, de 1882.

O Liberal do Pará, de 1876 a 1885.

O Norte, de 1880.

Revista Amazônica, de 1883 a 1884.

Revista Brasileira. Tomo IX. Rio de Janeiro. N. Midosi, Editor: 1881.

Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, de 1885.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1884 a 1890.

Revista Familiar, de 1883.

Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo L. Rio de Janeiro. Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmmert & C. 1887.

RELATÓRIOS

Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor Francisco Maria Correa de Sá e Benevides, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1875. Pará: Typ. do Diário do Gram-Pará, 1875. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Doutor Francisco Maria Correa de Sá e Benevides pelo Exm. Senhor Dr. Pedro Vicente de Azevedo, por ocasião de passar-lhe a administração da Província do Pará no dia 17 de janeiro de 1875. Pará: Typ. do Diário do Gram-Pará, 1875. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor Francisco Maria Correa de Sá e Benevides, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1875. Pará: Typ. do Diário do Gram-Pará, 1875. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor Francisco Maria Correa de Sá e Benevides, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1876. Pará: Typ. do Diário do Gram-Pará, 1876. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório do Exmo. Doutor José Joaquim do Carmo, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de abril de 1878. Pará: Typ. da Província do Pará, 1878. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório do Exmo. Doutor José da Gama Malcher, 1º vice-presidente passou a administração da Província do Pará o Exm. Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho em 9 de março de 1878. Pará: Typ. Guttemberg, 1878. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Mensagem do Exmo. Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, presidente da Província do Pará, apresentada à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 16 de junho de 1879. Pará: ?, 1879. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1880. Pará: ?,1880. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório do Exmo. Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, presidente da Província do Pará, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1881. Pará: Typ. do Diário de Notícias de Costa &Campbell, 1881. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório com que o Exm. Sr. Dr. José da Gama Malcher, 1º vice-presidente da Província do Pará passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Manoel Pinto de Souza Dantas Filho em 27 de abril de 1881. Pará: Typ. do Diário de Notícias de Costa & Campbell, 1882. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório com que o Exmo. Sr. Presidente Dr. Manuel Pinto de Sousa Dantas Filho passou a administração da Província ao Exm. Sr. Dr. José Coelho da Gama Malcher. Pará: Typ. do Liberal do Pará de 1882. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Mensagem com que Exm. Sr. Dr. João José Pedrosa abriu a 1ª sessão da 23ª legislatura da Assembléia Legislativa Provincial do Pará, no dia 23 de abril de 1882.

Pará: Typ. do Francisco da Costa Junior, 1882. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008

Pará. Relatório com que o Exmo. Sr. Doutor Justino Ferreira Carneiro passou a administração da Província no dia 25 de agosto de 1882 ao Exm. Sr. Conselheiro João Rodrigues Chaves, 1º vice-presidente no dia 25 de agosto de 1882. Pará: Typ. do Comercio do Pará, 1882. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório com que ao Exmo. Sr. Conselheiro João Rodrigues Chaves passou a administração da Província no dia 6 de dezembro de 1882 ao Exm. Sr. Dr. Justino Ferreira Carneiro. Pará: Typ. do Jornal da Tarde, 1882. Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm> . Acesso em 15 mar 2008.

Pará. Relatório com que o Exmo. Sr. Conselheiro, 1º vice-presidente da Província João Rodrigues Chaves passou a administração da Província ao S. Barão de Maracajú, presidente da província. Pará: Typ. do Jornal da Tarde, 1882.

Pará. Mensagem com que o Exm. Sr. General Barão de Maracajú abriu a 2ª sessão da 23ª Legislatura da Assembléia Legislativa da Província do Pará em 15 de fevereiro de 1883. Pará: Typ. do Jornal da Tarde, 1883.

Pará. Mensagem com que o Exm. Sr. General Visconde de Maracajú, presidente da Província do Pará pretendia abrir a sessão extraordinária da respectiva assembléia no dia 7 de janeiro de 1884. Pará: Typ. do Diário de Notícias. Pará, 1884.

Pará. Relatório com que o Exmo. Sr. General Visconde de Maracajú passou a administração da Província ao 2º vice-presidente, Exm. Sr. Dr. José de Araújo Roso Danin no dia 24 de junho de 1884. Pará: Typ. de Francisco da Costa Junior, 1884.

Pará. Relatório com que o Exmo. Sr. Doutor José de Araújo Roso Danin, 2º vice-presidente da Província passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Conselheiro João Silveira de Souza no dia 4 de agosto de 1884. Pará: Typ. de Francisco da Costa Júnior, 1885.

Pará. Mensagem com que o Exmo. Sr. Conselheiro João Silveira de Sousa abriu a 1ª sessão da 25ª Legislatura da Assembléia Legislativa provincial em 15 de outubro de 1884. Pará: Typ. de Francisco da Costa Junior, 1885.

Pará. Mensagem com que o Exm.Sr. Conselheiro Dr. João Silveira de Souza, presidente da Província do Pará abriu a 2ª sessão da 24ª legislatura da Assembléia Provincial em 18 de abril de 1885. Pará: Typ. da Gazeta de Noticias, 1885.